

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Um rol de bravos Foram trazidos à superfície os onze mineiros soterrados há treze dias e vinte horas

Ocupamo-nos, em dois artigos anteriores, da campanha do Sul de Angola e do papel proeminente que nela teve o seu comandante, general Pereira de Eça. Quem foram os seus companheiros nessa acção de que resultou ter-se completado a ocupação do território angolano? Soldados e marinheiros que se bateram heróicamente, dos quais o chefe podia orgulhar-se e a quem a Pátria deve a rendida homenagem do seu reconhecimento. Alguns cairam para sempre em Angola, vítimas dos combates e das emboscadas de indígenas e alemães que com eles fizeram causa comum contra Portugal. Os seus nomes são um rol de honra que se recorda com emoção, pois a sua memória não pode ficar soterrada no anonimato nem perder-se nas omissões intencionais. Ao descrever o quadrado da Mongua, rasgo épico de valentia e espírito de sacrifício, escreveu no seu Relatório o general Santos Correia: «Devo destacar neste brilhante feito de armas o capitão-tenente Cerqueira que carregou à frente dos seus pelotões, sem que tivesse obrigação de o fazer, dando

mais uma vez prova da sua ténacidade que o fez mostrar sempre aos seus subordinados ser o primeiro em todos os momentos críticos da guerra; e igualmente salientarei o

(Continua na página seguinte)

PEINE, 7. — Eram exactamente 12 horas e 24, quando o primeiro sobrevivente da mina «Mahilde» apareceu à superfície, passados 13 dias e 20 horas de clausura no fundo. O homem chama-se Heinz Kull e tem 51 anos. Heinz Kull mal se aguentava nas per-

nas quando saiu da barquinha. Caiu nos braços dos salvadores. Depois, recuperou animo. Foi levado imediatamente para uma tenda da Cruz Vermelha. Usava óculos escuros e tinha o fato rasgado. Terminou às 14 e 19 o salvamento dos 11 homens. O ultimo a chegar à superfície foi Bernhard Wolter, de 28 anos. A operação demorou ao todo 56 minutos. Até às 13 e 58 tinham sido retirados sete homens. Cada um deles trazia os olhos vendados por uma faixa negra para se proteger do Sol, após tanto tem-

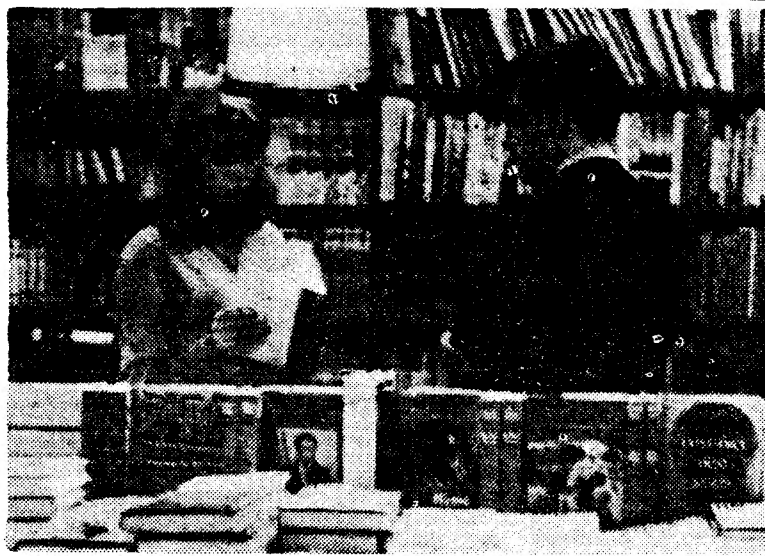
po mergulhado em escuridão quase total.

Os dois voluntários que desceram para ajudar os companheiros a regressarem à superfície são os mineiros Lambert Axt e Joachim Habich. — (A. N. e F. P.).

A PERFURADORA ATINGIU A CAVIDADE DE MADRUGADA

PEINE-LENGEDE, 7. — Eram 5 horas e 40 minutos quando a bro-

(Continua na 16.ª página)



OS AMERICANOS NO VIETNAM — 2

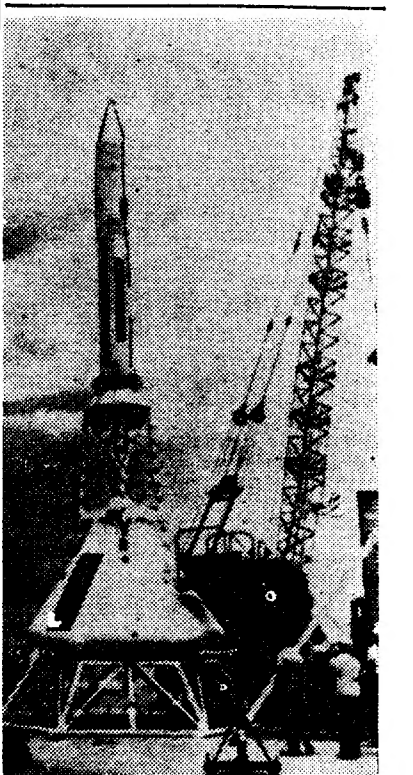
O carácter antifrancês do movimento revolucionário levou os Estados Unidos a interessarem-se pelo Vietminh

por ATTICUS

PARIS, Novembro. — Quando se deu a rendição do Japão, o representante da França no Oriente encontrava-se na China, em Kun Ming, junto da fronteira indochinesa. Pretendia ele ir, imediatamente, à capital do Tonquim, Hanoi, a fim de restabelecer a soberania da França na Indochina, mas os esforços que envidou nesse sentido malograram-se. Entre Kun Ming e Hanoi só havia comunicações por avião e os franceses não tinham aviões. Para conseguir o que pretendiam tinham de passar pelos americanos. O que então se passou é contado pelo sr. Sainteny e parece inverosímil. Este e alguns dos seus colaboradores dirigiram-

se ao representante dos Serviços Secretos americanos naquela zona, major Patt, com quem combinaram

(Continua na 13.ª página)



A CONQUISTA DA LUA — A cápsula «Apollo», que hoje é experimentada, vazia, no centro de ensaios de White Sands. A cápsula será elevada até 1500 metros de altitude e, depois, largada, descendo suspensa de três pára-quedas. A cabina é do modelo a utilizar pelos primeiros cosmonautas americanos que se espera cheguem à Lua, possivelmente até 1970

VISADO PELA CENSURA

O Governo vai tomar importantes decisões para acudir imediatamente à crise da Lavoura

A Secretaria de Estado da Agricultura enviou hoje à Imprensa um importante despacho do respectivo secretário de Estado, extenso documento que principia com as seguintes considerações: «A produção agrícola tem implicações na ordem social, nos problemas de abastecimento e na situação da balança de pagamentos na parte em que deve contribuir para uma melhor posição dos produtos portugueses no mercado externo. Este modo, a urgência em resolver as suas dificuldades transcende as próprias conveniências da Lavoura, pois, para além do legítimo interes-



TIROTEIO EM PARIS — Um automóvel crivado de balas, um bandido morto (na foto, pode ver-se o cadáver caído no banco dianteiro do carro) e quatro polícias feridos, tal foi o resultado do tiroteio travado entre «gangsters» e a Polícia, que lhes tinha armado uma cilada

A FILHA DE HOME é empregada numa livraria

Meriel, a filha, de 24 anos de idade, do primeiro-ministro inglês, Home, fotografada quando atendia um cliente na livraria londrina em que se empregou agora. A jovem, seguindo o exemplo do pai, já desistiu do seu título de nobreza

O grupo africano da O. N. U. decidiu não prosseguir agora as conversações com Portugal e teria resolvido recorrer ao Conselho de Segurança

NOVA YORK, 7. — Texto integral do comunicado publicado ontem pelo grupo africano das Nações Unidas sobre a questão dos territórios ultramarinos portugueses:

«1 — O secretário-geral, de acordo com a resolução aprovada pelo Conselho de Segurança, no dia 31 de Julho de 1963, relativamente aos territórios portugueses, convidou o grupo africano a designar representantes para se encontrarem com representantes do Governo de Portugal. Os representantes africanos apresentaram um relatório completo ao grupo sobre as suas conversações oficiais.

2 — O grupo africano lastima profundamente que não haja modificação essencial da parte de Portugal no que respeita aos princípios fundamentais que guiam a sua política colonial. A esse respeito, o gru-

po africano reafirmou que os Estados africanos se mantêm abertos ao diálogo; mas, no caso de Portugal, o unico diálogo possível insere-se no quadro de resolução S/5830, de 31 de Julho de 1963, do Conselho de Segurança (resolução pedindo a aplicação da autodeterminação aos territórios africanos sob administração portuguesa).

3 — O unico objectivo de um tal

(Continua na 16.ª página)

2.ª EDIÇÃO

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21: «Alamo» e «Crime» prestações (17 anos).
OEIRAS — Oeiras Cine — Às 21: «Escuro no cimo das escadas» e «O homem das quatro dimensões» (17 anos).
PAREDE — Royal Cine — Às 21: «Boneca de luxo» (17 anos).
ESTORIL — Casino — Às 17 e às 21 e 30: «As aventuras do capitão Wyatt» (17 anos); «Cine-Espanhada» — Às 21 e 30: «Brincadeiras do diabo» e «Pola negra» (17 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30 «Segue o teu destino» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernadim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).
OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (T. 2430058).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008); S. João — Estrada Nacional, 18 (T. 261186).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078).

O VOO DAS AVES

O sr. Luís Prieto, morador em Pedrouços, quando caçava em Santo Estêvão, abateu um pombo torcaz.
A ave era portadora de uma anilha com os seguintes dizeres: «C-151561, Museum Zool., Finland, Relaur, Helsinki».

Um rol de bravos

(Continuação da página anterior)

procedimento do capitão-de-fragata Vasconcelos e Sá, chefe dos serviços de Saúde, que, tendo estado de carabina em punho nas trincheiras da Marinha, depois com ela se lançou na carga com a maior valentia e o tenente Ataíde de Oliveira (Humberto de Ataíde) comandante da 15.ª companhia indígena, que, à frente dos seus landins, mais uma vez se portou heróicamente batendo o «record» dos ferimentos, pois recebeu cinco durante a campanha, sendo o último, recebido neste ataque, gravíssimo. Quem eram os valentes que se expuseram e tornaram imorredora a sua acção no Ultramar? Três combatentes de 5 de Outubro, três republicanos idealistas e sacrificados. Humberto de Ataíde foi cadete da Rotunda, Vasconcelos e Sá tomou parte na acção no mar e nos combates da rua, Afonso de Cerqueira encontrava-se no Algarve, onde colaborou na revolução, tendo-se comprometido a secundá-la onde estivesse. Eram desta tempera os homens que implantaram a República e aos quais os inimigos desta continuarão a chamar «as alfurias».

Ao dar conta da acção das forças colocadas sob o seu comando, o general Pereira de Eça escreveu: «Todas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que sinto em tê-las comandado; porém, julgo merecedor de especial menção o Batalhão de Marinha. Esta unidade mostrou sempre a maior correcção, a nítida compreensão dos seus deveres civis e militares, tanto no período

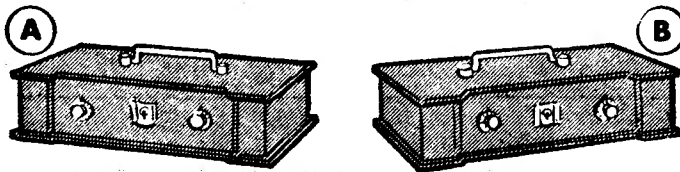
que antecedeu as operações como durante estas. Foi, sem o menor exagero, uma unidade de elite cuja tempera fica definida dizendo que foi a mais persistente nas marchas, a mais esforçada nos combates e que, durante os dias em que na Mongua estivemos reduzidos a um quarto de ração, as suas sentinelas chegaram a cair de fraqueza nos respectivos postos, sendo imediatamente rendidas sem que disso o comando superior tivesse conhecimento, pois essa unidade sabia bem que o comando nada podia fazer que modificasse, de pronto, a sua situação. Quem comandava e quem eram os oficiais desse glorioso Batalhão? Afonso de Cerqueira, Quintão Meireles, Pires da Rocha, António Augusto de Almeida, todos dedicados republicanos que à Pátria prestaram serviços relevantes.

Na campanha do Sul de Angola foi elevado o número de vítimas. Na primeira fila dessa lista impressionante figuram oficiais republicanos, alguns deles combatentes do 5 de Outubro, como Afonso Pala e Humberto de Ataíde, outros como João Francisco de Sousa, que sendo deputado, se ofereceu como voluntário, os tenentes Andrade e Marques, Passos e Sousa e Damião Dias, que à ideia republicana se devotaram, identificando-a com a da Pátria, à qual fizeram a dívida total da vida. Republicanos de 5 de Outubro eram Francisco Araújo, Velez Carozo, Sarmento Pimentel, Walter Lima, Areosa Feio, Teófilo de Azevedo, e outros, que, embora não colaborando no movimento que a implantou, sempre proclamaram as suas convicções republicanas: Pires Viegas, Travassos Valdez, Barreto de Oliveira, Mendes dos Reis, Pires Monteiro, Fernandes Varão, Faria Leal, Rui Ribeiro, Ferreira do Amaral, Freitas Soares, Bento Roma, Couceiro de Albuquerque, Duarte Cadima, Sena Magalhães, José Joaquim Ramos, artista excepcional que se enamorou da África deixando na sua obra dessa paixão testemunho inesquecível. Constituem um rol de bravos, cuja evocação desmente as injúrias e afrontas com que ignorantes e apaixonados visam a República, e os seus intemperatos adeptos, quando a eles se referem a propósito do Ultramar e da nossa intervenção na guerra.

CONCURSO DA R. T. P. OU SIM OU NÃO

D. L.
8.ª
SESSÃO
16/11/63

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE ☐ VENDE
☐ NÃO VENDE ☐ NÃO VENDE

NOME
MORADA

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao último concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor Philips. Recortar pelo tracejado e remeter até à próxima quarta-feira, às 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres, 95 — LISBOA-5

ESCOLA PITTEA

DACTILOGRAFIA
ESTENOGRAFIA
UNIVERSAL

CURSOS ORIENTADOS EM
PORTUGUÊS, FRANCÊS, INGLÊS, ALEMÃO, ESPANHOL.

Rossio, Esquina da Calçada do Carmo, 3, 3.º — Tel. 36 69 91

CURSO SUPERIOR

POR LICENCIADO E ENGENHEIRO
Matemáticas Gerais, Geom. Descritiva, Física I e II, Fís. Atómica, Electrónica, Mec. Racional, Análise e Alg. Superior, Química Geral, Física-Matem. Probabilidades e Estatística, Cálculo Infinitesimal, Hidráulica Geral, Resistência de Materiais, Electrotécnica, Mecânica Celeste. Rua Silva Carvalho, 52 3.º F. Tel. 682040 — Av. Oscar Monteiro Torres, 53, 1.º Dir. Tel. 764809

COLOMBO

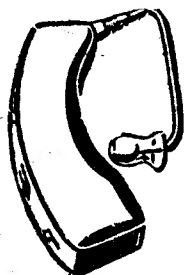
PASTELARIA E RESTAURANTE, SALÕES PARA BANQUETES
Salões privativos para a realização de Casamentos, Baptizados, Banquetes, Aniversários, «Cocktails», etc. (sem aumento de preço)

SERVIÇO DE 1.ª QUALIDADE

NO RESTAURANTE:
PRATOS ESPECIAIS: Linguado ao meunier e Bife à Colombo
Grande sortido de especialidades próprias para Piqueniques
BOLO DE REI ESPECIAL
Avenida da República, 10-H, 10-J (Ao Saldanha) — T 49225-555228

BEJA ESPERA-O

O LIDADOR, também.
Qtos. c/ ág. cte tel. 734
Restaurante até às 24 h.
'rop AMBRÓSIO PEREIRA



SURDEZ

SENSACIONAL aparelho para recuperar uma confortável audição; não tem fios, não tem consumo de pilhas, sem ruídos, invisível nas senhoras várias tonalidades, audição perfeita ao telefone totalmente aparafusado, circuito electrónico completo sem avarias, contactos em ouro e rodium SCANDIAVOX, o melhor e mais duradouro aparelho deste género que se fabrica no Mundo. Demonstrações e trocas.

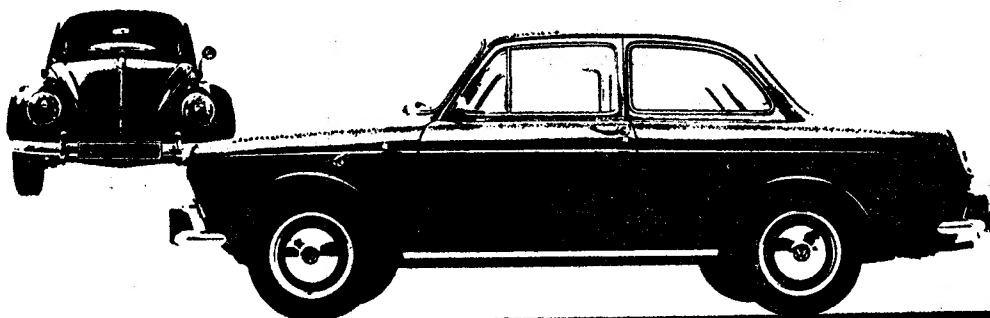
PEÇA CATALOGO GRATIS DESTA MARAVILHOSA APARELHO A:

MICRO-SOM

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75, 1.º-E. — PORTO: Praça da Batalha, 3

mais um modelo

Volkswagen



VW 1500

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 0 HORAS DE 4 A 9

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.

AVENIDA DA LIBERDADE 12 — TELEFONE 36 67 51 (7 LINHAS)

FILIAIS OU AGENTES EM: AVEIRO, BEJA, BRAGA, CACILHAS, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, EVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA - AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PONTE DE SOR, PORTO, SANTARÉM, SETUBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, FUNCHAL, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROÍSMO, HORTA E S. TOMÉ.

CARMEN AMAYA

ZANGOU-SE QUANDO A AVISÁMOS DOS PERIGOS QUE CORRIA

Carmen Amaya, agora gravemente enferma, chegou a Lisboa em 1936, vinda de Espanha com toda a sua parentela cigana, e do grupo publicamos então ampla fotografia e extensa notícia.

Logo contratada para o Teatro Maria Vitória pelo seu então empresário Lopo Lauer, passou também a exibir-se na pista do Arcádia, tal foi a surpresa causada pelo seu baile dinâmico. Nunca se vira bailarina de maior vibração, nem em Portugal nem em Espanha, e a sua fama depressa se estenderia à América, iniciando-se para Carmen Amaya uma carreira de tremendos triunfos.

Com a sua gente, veio à redacção do «Diário de Lisboa» agradecer o que dissemos a seu respeito, mas ficámos sempre temendo pela evolução que o baile de Carmen Amaya poderia sofrer ante o mau gosto do público norte-americano, tão dado a excessos.

Efectivamente, de volta à Europa, o irrequitismo das suas danças ciganas atingira o máximo das possibilidades físicas da sua frágil figura e, numa nova passagem por Lisboa, atrevemo-nos a manifestar-lhe o nosso receio. Reagiu com uma explosão de cólera bem patente na fotografia que hoje publicamos, protestando e afirmando a sua capacidade de resistência, e a sua decisão de continuar bailando com todo o seu temperamento cigano.

Infelizmente, não nos enganamos, e as notícias que chegam à clínica onde ela se encontra são alarmantes, ainda que permitam esperanças — que desejamos se confirmem — de que Carmen Amaya possa sobreviver à crise.

Carmen Amaya já está em casa

GERONA, 7 — A famosa dançarina Carmen Amaya, que ontem teve alta da clínica Puigvert, em Barcelona, encontra-se já na sua casa em Bagur, na Costa Brava, a cerca de 30 quilómetros desta cidade.

Durante a madrugada, o seu estado de saúde experimentou ligeiras melhoras, continuando, todavia a ser considerado grave. — (A.N.I.).



Carmen Amaya falando a Rogério Perez

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A próxima revista do ABC será escrita pela mesma parceria de «Bikini» e «Chapéu Alto»: César de Oliveira, Francisco Nicholson e Rogério Bracinha. A música desse novo espectáculo será dos maestros-compositores João Nobre e José Magalhães.
- Durante a digressão que a companhia do Avenida vai realizar pela Província com a comédia «Vamos contar mentiras», a jovem actriz Isabel Ferreira interpretará o papel até agora criado por Lyne Mota.
- Está em Lisboa o empresário português Rocha Brito que se avistou com vários empresários, nomeadamente com Vasco Morgado, com vista à próxima apresentação no Porto de peças re-

presentada recentemente na capital.

- Recomeçam na próxima segunda-feira os ensaios da comédia «Criadas da Alta Roda», sob a direcção do actor Manuel dos Santos Carvalho. Nos principais papéis, como noticiámos, Isabel de Castro e Humberto Madeira.
- Só deve verificar-se na última semana do mês corrente a estreia da peça «O Mercador de Veneza», de Shakespeare, com que o Trindade inaugura a sua temporada.

NO MARIA VITÓRIA

Está em cena um feliz original de Fernando Santos e Nelson de Barros

Êxito, eis a palavra! Êxito para os artistas, êxito para os autores.

êxito para o empresário Hermes Portela, que apresenta no Maria Vitória uma nova revista.

Um elenco formado por nomes categorizados do nosso teatro ligeiro, como Aida Baptista, Camilo de Oliveira, Irene Cruz, Emílio Correia, o actor cómico Barroso Lopes e o brilhante Ribeirinho; feliz original de Fernando Santos e Nelson de Barros, que João de Vasconcelos e Alves Coelho, Filho musicaram; um excepcional conjunto de atracções, nas quais se destaca o duo internacional Hermanas Benavente, Valentina Félix e Natalina José. Todos eles tornam «O pá, não fiques calado!», num espectáculo alegre, luxuoso e agradável, que o público aplaude sem reservas.

Todos os dias 2 sessões às 20 e 45 e às 23 horas.

NO MONUMENTAL

Continua o êxito de «O Gato»

O Monumental tem em cena a melhor comédia da temporada: um original de Henrique Santana que obtém em cada representação as melhores e mais sadias gargalhadas do público. «O Gato», para maiores de 17 anos, atrai as atenções de todo o público que gosta de se divertir: ou não estivessem em cena «estrelas» como Henrique Santana, Irene Isidro, António Silva, Costinha, Maria Helena, Luísa Durão e Luís Horta, exímios mestres na arte difícil de arrancar o riso.

NO AVENIDA

Só até domingo «Vamos contar mentiras»

Em Lisboa, a triunfal carreira de «Vamos contar mentiras» termina no próximo domingo, dados os compromissos já assumidos para a sua exibição em diferentes localidades da província. Desse modo, apenas durante mais quatro dias é possível ver e aplaudir a excepcional peça de Alfonso Paso, que conta Solnado e Florbela no topo do seu magistral desempenho. Até domingo, portanto, os maiores de 12 anos têm á

(Continua na página seguinte)

Espectáculos teatrais dedicados às crianças pelo Município de Lisboa

Tal como nos anos anteriores, está em pleno desenvolvimento o ciclo da campanha cultural promovida pelo Município, na parte dedicada às crianças da cidade, com espectáculos a cargo da Companhia do Teatro do Gerifalto. Nas tardes de sábado e domingo, com início às 15 horas, aquele agrupamento artístico leva à cena, no Teatro da Trindade, as peças «O gato de botas» e «Natal na rua», representadas pelos artistas Maria Albergaria, Fernanda Montemor, Maria Bastos, Lucia Mariani, Ana Maria, Rui Furtado, Eduardo Silveira, Maria Amélia Baptista, Juan Souto, Manuel de Oliveira e Octávio Borges.

SELECTION



BATON

FIXO

MAS

UNTUOSO

Carcavelos-Oeiras-Parede

V. Ex.ª minha senhora, vive na Costa do Sol?
V. Ex.ª sente dificuldades com o pessoal?
Não tenha preocupações e encomende as suas refeições ao **RESTAURANTE PARAISO** porque não lhe fica mais dispendioso. Rua 5 de Outubro, 19 — Tel. 247 16 57 **CARCAVELLOS**

Actualidades mundiais

• Êxito de «Don d'Adèle» em Paris

PARIS, 7. — O «Théâtre de l'Amigu» continua a apresentar diariamente a peça «Don d'Adèle» dado o êxito das suas representações. A peça que devia ter saído do cartaz no passado dia 3, continuará, assim, e pelo menos, a ser representada até ao próximo dia 11.

• Prémios do Concurso do Filme de Turismo

BRUXELAS, 7. — A medalha de honra do Concurso Internacional do Filme de Turismo e de Folclore, aqui efectuado, foi concedida ao fil-

me japonês «Oze» consagrado à fauna e à flora do Japão.

Também foram galardoadas as películas: «Canal Grande», de Carlo Raghianti (Itália); «Une faïence de Samadet», de Jean Lemerisson (França) e «Description d'un combat», de Chris Marker (França).

• Um filme-maratona para Vicente Parra

MADRID, 7. — O realizador e argumentista cinematográfico Julio Coll escreveu o argumento para uma película, cujo protagonista será o actor Vicente Parra. De acordo com o argumento Vicente Parra deverá interpretar nada menos de 16 papéis diferentes. — (A. N. I.).

• Maria Callas voltará a cantar em Paris

PARIS, 7. — Maria Callas cantará a «Norma», na Ópera, em Maio do próximo ano.

• Sarita Montiel será «A filha de Maomé»

RIO DE JANEIRO, 7. — A «estrela» espanhola Sarita Montiel depois de terminar a rodagem do filme «Samba», agora a decorrer nesta cidade, seguirá para o Cairo onde desempenhará o papel de filha de Maomé numa película egípcia de grande produção. — (A. N. I.).

• Francésco Rosi vai filmar em Espanha

ROMA, 7. — O jovem e já consagrado realizador cinematográfico italiano Francésco Rosi («Salvatore Giuliano» e «Mão baixa sobre a cidade») vai dirigir um filme em Espanha no próximo mês. A película que terá o título de «Vivir disviendore» e será colorida, abordará a história de um toureiro sob um ângulo etnológico.

• Festival cinematográfico argentino

BUENOS AIRES, 7. — Realiza-se de 30 de Março a 9 de Abril, nesta capital, o próximo festival cinematográfico argentino que nos últimos cinco anos, se efectuou em Mar del Plata — segundo anunciou a Associação Nacional dos Festivais de Cinema. — (A. N. I.).

• «Dia da Rádio» em Espanha

BARCELONA, 7. — Anuncia-se que o Dia da Rádio se comemorará nesta cidade a 14 do mês em curso, com a presença da maior parte dos profissionais da Rádio e da Televisão que foram galardoados com o prémio Ondas 1963.

Integrada nas comemorações do Dia da Rádio efectuar-se-á uma festa em benefício da Associação Espanhola da Luta contra o Cancro e será entregue ao ministro da Informação e Turismo, Manuel Fraga Iribarne, a medalha de ouro de Rádio Barcelona. — (A. N. I.).

A MODA EM SAPATOS DE SENHORA

Os mais recentes modelos de luxo com saltos Luís XV desde 3 a 9 cm de altura encontrará V. Ex.ª em exposição na Sapataria BOM TOM na Rua Dona Estefânia, 48, ao preço único de 169\$00.

CASINO ESTORIL

apresenta todas as noites no «Wonder-Bar»



JENNY JOHNSON

VEDETA DO DISCO E DA TV INGLESA

e ainda as duas atracções

CONDE D'AGUILAR

UM DOS MAIORES NOMES DO ILUSIONISMO MUNDIAL

BAILADOS PORTUGUESES

TUDO O COLORIDO, RITMO E ALEGRIA DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS NACIONAIS

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar, 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 21.30: «As aventuras do capitão Wyatt»

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», ÀS 17 HORAS
Chá completo — 25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

OS MESMOS ARTISTAS ACTUAM, TAMBÉM, TODAS AS NOITES NO

TERRAÇO DAS ESTRELAS do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

Cafés..

Cafés...

A Verdade...
é só uma!...

E esta, até um cego a pode «ver» — pois tem olfato e paladar.

Café aromático e saboroso, só pode ser aquele que — TODOS OS DIAS — é torrado, moído e vendido directamente ao consumidor. A MARIAZINHA não tenta «inovações». Destas só poderia resultar o encarecimento e a alteração do produto.

A Mariazinha

R. Barros Queiroz, 28 - Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
(Frente à Igreja) — Lisboa-5

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

(Continuação da página anterior)

sua disposição um estupendo espectáculo teatral.

NO ABC

António Anjos participa no desempenho de «Chapéu Alto»

Na revista «Chapéu Alto», que o empresário José Miguel apresenta no teatro ABC com assinalável êxito, actua um elenco de gente nova, cheia de talento. Dentre esses valores do nosso teatro ligeiro, há a

menção António Anjos, actor de recursos e processos seguros que demonstra, no teatro musicado a que agora se dedicou, ser um valiosíssimo elemento quer pela criação de tipos diferentes quer pela interpretação que dá ao trabalho que lhe foi confiado.

António Anjos actua nesta revista ao lado da jovem vedeta popular Ivone Silva, Nicholson, Henriqueta Maya, Manuela Maria, Braga Santos, Mariano Franco, Branca Amorim, Simone Maria, Maria Julieta e ainda dos bailarinos internacionais Rudolfo Leinée e Renée Simon.

«Chapéu Alto», que foi escrita por César de Oliveira, Nicholson e Rogério Bracinha, e musicada por

João Nobre e José Magalhães, conta ainda no seu elenco com as atracções nacionais António Calvário e Maria do Espírito Santo. É representada todas as noites às 20 e 45 e às 22 e 45.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Dois homens, uma mulher...», no Império

Esta produção comercial, assinada por Phil Kalson, é como que uma pausa na excelente programa-

(Continua na 6.ª página)

SARA MONTIEL

COM TODA A SUA SEDUÇÃO TORNA-SE O MELHOR AGENTE DA CONTRA-ESPIONAGEM!

AA LADO DE

Maurice Ronet e Franco Fabrizzi

numa história excitante vivida no ambiente exótico e misterioso de Casablanca

AS MAIS BELAS CANÇÕES DA NOSSA ÉPOCA

um filme de Henri Decoin



Um exclusivo TALMA FILMES

ESTREIA

AMANHÃ

AVIS

e ODEON

(MAIORES DE 12 ANOS)

* * noites de CASABLANCA

HOJE UMA ESTREIA FABULOSA NO
AS 21,15

CAPITÓLIO



ASTÓRIA FILMES

(Maiores 12 anos)

OURO NEGRO

Um furacão de ambições destrói os sentimentos mais fortes da vida!

DONOS da sua terra...

ESCRAVOS da sua ganância!

LUTAS VIOLENTAS

PHILIP CAREY · DIANE MCBAIN · JAMES BEST · FAY SPAIN · CLAUDE AKINS

EM COMPLEMENTO:

CÂNTICO DA CARNE

— Cinemascope - Technicolor — Um filme memorável com a fascinante CAROL BAKER

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Martinho Fontinha, em ANADIA, no «Café Anadia».

SÃO LUIZ e ALVALADE

APRESENTAM

AMANHÃ

UM FILME DE AMOR, MISTÉRIO E EMOÇÃO NA TERRA DOS FARAÓS

NA CIDADE DO MISTÉRIO E DAS MIL INTRIGAS, PLANEIA-SE UM ROUBO AUDACIOSO, ENVOLVENDO HOMENS E MULHERES NUMA AVENTURA SEM PAR

GEORGE SANDERS RICHARD JOHNSON

CAIRO

(M/17 anos)

Argum. FATEN HAMAMA · Direc. JOANNE COURT · Prod. WOLF RILLA · RONALD KINNOCH

HOJE, ÀS 21,15, OIÇA EM
RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS



NO ESPECTÁCULO REALIZADO NO TEATRO MONUMENTAL AS ACTUAÇÕES

ALBERTO CORTEZ

O MAIOR CARTAZ DA AMÉRICA LATINA

SIMONE DE OLIVEIRA ★ OS TELSTARS MARA ABRANTES ★ PAULO ALEXANDRE

ORQUESTRA DE FERRER TRINDADE
ARTISTAS DOS DISCOS ALVORADA
APRESENTAÇÃO DE:
ISABEL WOLMAR — HENRIQUE MENDES

OFERTA



visco-static

LONGLIFE

O ÓLEO DOS 15.000 KMS.

PRODUÇÃO STELVOX

RESTAURANTE SÃO MARTINHO

ESMERADO SERVIÇO DE COZINHA À PORTUGUESA
PREÇOS NORMAIS
SERVE-SE CAFÉ TOFA

Este estabelecimento está equipado com a famosa máquina **LA CARIMALI**

RUA DOS SAPATEIROS, 108 — LISBOA
RESERVE A SUA MESA PELO TELEF.: 324187

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em Vila Franca de Xira na Tabacaria de D. GUILHERMINA AMOR PAIS QUINTELA, RUA ALMIRANTE REIS, 179.

CARTAZ * DOS * CINEMAS



A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
Uma história empolgante passada no Havai moderno!

FRONTEIRA DO PECADO
com Charlton Heston e Yvette Mimieux
A's 6.30 — CONCERTO.



A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Últimos espetáculos
O filme em Technicolor

PATROLHA 109
Amanhã — Estreia (M. 17 anos)
A CASTA SUZANA — c/ Marujita Diaz



A's 15.15, 18.15 (p. red.) e às 21.30
3.ª SEMANA

SANGUE NA ARENA
A odisséia de um adeiro, que entra na arena com a morte escondida no seu traje de lúca.
Eastmancolor (M. 17 anos)

A FRONTEIRA DA NOITE
O suspense começa nos primeiros segundos!
Com Sophia Loren e Anthony Perkins



A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme de grande emoção

A FRONTEIRA DA NOITE
O suspense começa nos primeiros segundos!
Com Sophia Loren e Anthony Perkins

PROCESSO SENSACIONAL
O espetáculo do momento!



A's 15.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA

PROCESSO SENSACIONAL
O espetáculo do momento!

AVIS
A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Duas horas de intensa emoção e forte expectativa com o estupendo filme em Eastmancolor

PODER DIABÓLICO
Grandes criações de Audie Murphy e John Saxon

ROYAL
A's 15 e 21 H. (M. 12 anos)
CORAGEM É A SENHA

BANDEIRANTES DA FRONTEIRA
A's 21 horas (M. 17 anos)
SIGA A MARINHA DOSSIER INTERPOL

RESTELO
A's 21 horas (Adultos)
UMA RAPARIGA CHAMADA TAMIKO ENCONTRO FATAL

AVOZ DO OPERÁRIO
A's 21 (M. 12 anos)
A BELA AMERICANA

EDDIE EM LISBOA
Sábado — JUANA GALLO (Adultos)

CAPITULO
A's 17 (M. 12 anos) e às 21.30 (M. 17 anos)
AS AVENTURAS DO CAPITÃO WYATT

CASINO ESTORIL
com Gary Cooper, Mari Aldon, Richard Weeb e Ray Teal

DISCOS ESTAB. **MELODIA**
LISBOA - R. DO CARMO, 23
PORTO - R. DE S. CATARINA, 360
R. DE S. TO. ANTONIO, 35



A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.15 (M. 17 anos)

ENTRE MARIDO E MULHER NÃO METAS...
...OUTRA MULHER

com Janet Leigh — Van Johnson — Shelley Winters



A's 15.15 (p. red.) e 21.30
2.ª SEMANA (M. 17 anos)

PROCESSO SENSACIONAL
com Marina Vlady — Pierre Brasseur — Bourvil — Virna Lisi

A's 18.15 (M. 17 anos)
A GRANDE RODA DA VIDA



A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)

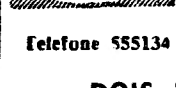
ENTRE MARIDO E MULHER NÃO METAS...
...OUTRA MULHER

com Janet Leigh — Van Johnson — Shelley Winters



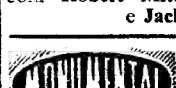
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Technicolor

DOIS HOMENS, UMA MULHER...
com Robert Mitchum, Elsa Martinelli e Jack Hawkins



A's 15 e 21 horas (M. 17 anos)

CLEÓPATRA
com Elizabeth Taylor — Richard Burton e Rex Harrison



A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
5.ª E ÚLTIMA SEMANA

CANTINFLAS, FAZ-TUDO
A história de um «João Ninguém» convertido num endiabrado conquistador...
Eastmancolor (M. 12 anos)



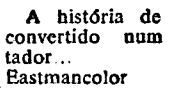
A's 21.15 (M. 12 anos)

A SALAMANDRA DE OIRO
com Jean-Claude Pascal e Valérie Lagrange



A's 21 horas (M. 17 anos)

A PASSAGEM DO RENO
SAMBÁ FANTÁSTICO



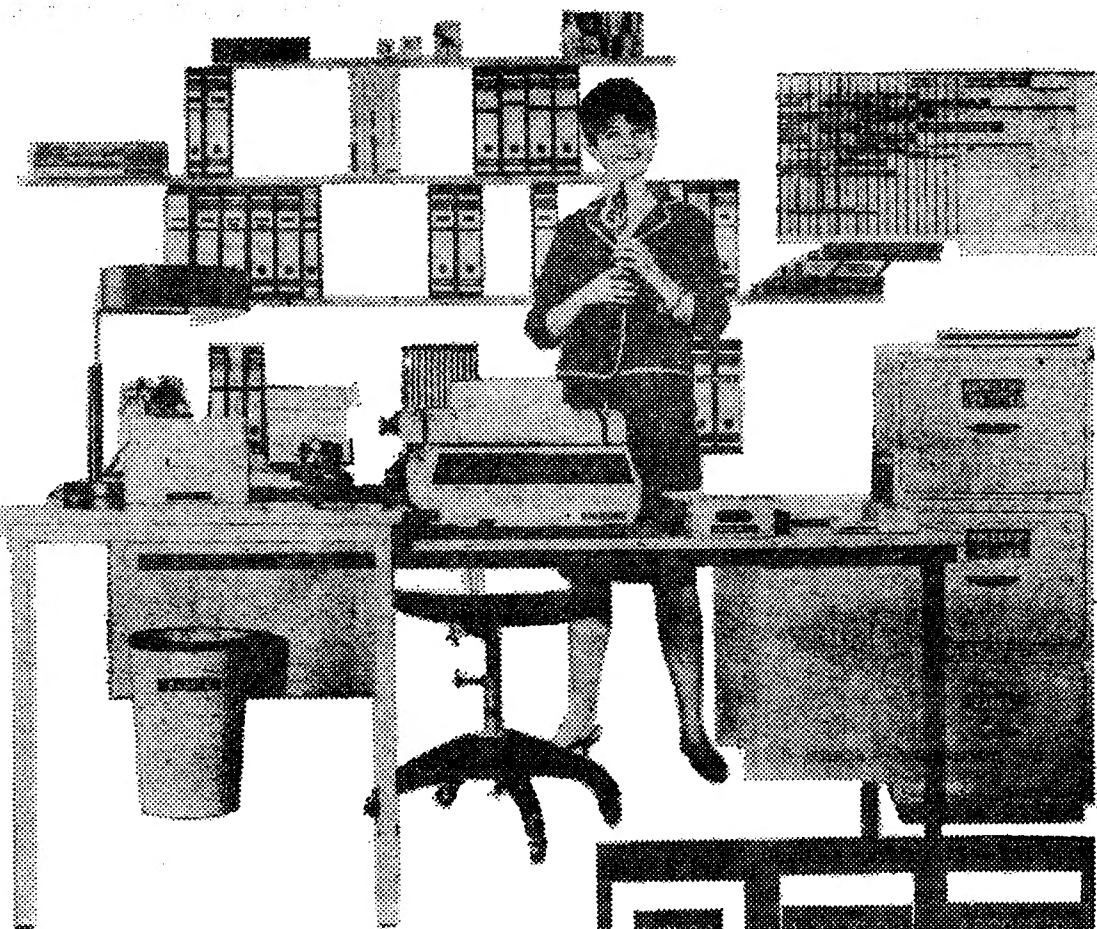
A's 21 horas (M. 17 anos)

VIDA MUSICAL
Ciclo de conferências sobre musica italiana

O Instituto Italiano de Cultura inclui no seu programa de actividades para este ano um ciclo de conferências dedicadas ao estudo da musica e compositores italianos.

O ciclo inicia-se na segunda-feira com uma conferência do sr. dr. João de Freitas Branco sobre «A musica vocal italiana no século XVIII».

No dia 18, falará o maestro Joly Braga Santos, sobre «Aspectos da personalidade de Verdi»; no dia 27, o maestro Santiago Kastner, sobre «Antonio Vivaldi»; no dia 4 de Dezembro a sr.ª D. Francine Benoit, nossa colaboradora e crítica musical do «Diário de Lisboa», sobre «A musica italiana de 1300 a 1600»; finalmente, no dia 11, o maestro e compositor Fernando Lopes Graça, sobre «O espírito e as formas da musica italiana».

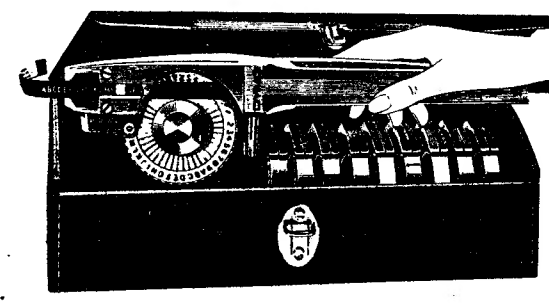


DYMO

Todos estes objectos estão identificados com etiquetas auto-adesivas DIMO

UMA BOA ORGANIZAÇÃO COMEÇA COM DYMO

...O mais eficiente sistema para realizar etiquetas permanentes com a pinça DIMO pode fazer in loco, facilmente, em alguns segundos, etiquetas com caracteres em relevo, prontas e aplicar sobre quaisquer superficies lisas. As etiquetas auto-adesivas DIMO, plásticas ou metálicas mantêm-se sempre impecáveis, como novas. O sistema DIMO encontra a mais eficiente aplicação nos escritórios para: arquivos, ficheiros, sistemas de código e referência, cartões-índices e cartões de cadastro, boletins e fichas de organização, bibliotecas de escritório, inventário físico, «stocks» de impressos, etc., etc.



AGENTES IMPORTADORES **JEFIPLAS**

Via Rápida, 664 - EF — Telefone 6 41 54 — PORTO

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS

PORTO

A. J. Alves
Rua Gonçalo Cristóvão, 314
Prometaliz
Leça do Balio — S. Mamede de Infesta
SETA — Soc. Apefrecchamento de Laboratórios e Indústria, Ld.
Rua Sá da Bandeira, 726, 2.ª, Esq.

COIMBRA

J. Trindade & C.
Avenida Fernão de Magalhães, 146

LISBOA

António de Sousa Tavares
Rua Ivens, 50, 1.ª
Carlos Cotta
Rua do Corpo Santo, 6, 2.ª
J. F. Azevedo e Silva & C., Ld.
Rua S. Francisco Sales, 2, 1.ª
Ruf Organização e Contabilidade
Avenida Duque de Loulé, 75, 3.ª, Esq.
TELEMEC — Sociedade Técnica de Electricidade, Ld.
Rua D. Estefânia, 92-A

AVEIRO

Agência Comercial Ria, Ld.
Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 1



Todas as noites, às 21.45 horas
O GATO

a melhor comédia do ano
(Adultos)

Em 3.ª MÊS

com HENRIQUE SANTANA IRENE ISIDRO ANTÓNIO SILVA e COSTINHA

A frente de um grande elenco



APENAS ATÉ DOMINGO às 21.45 horas
VAMOS CONTAR MENTIRAS

31.ª semana

com SOLNADO FLORBELA CORTEZ e um grande elenco

2.ª-feira: Início da digressão em SINTRA (12 anos)

Solnado



Emp. Ricardo Covões, Herds
AMANHÃ, às 21.30 (Maiores de 12 anos)

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DE CIRCO

ESTREIA DE UMA GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL AS MAIORES ATRACÇÕES

EMOÇÃO! ARTE! GARGALHADA!

A ALEGRIA DE LISBOA NO COLISEU
Todas as noites às 21.30
Tardes de 5.ª-feiras — sábados e domingos às 16 horas

(Continuação da 4.ª página)

ção do Império, em cujo «écran», dentro em breve, será projectado «O Eclipse», filme famoso de Antonioni.

Temos, pois, um filme sem quaisquer implicações, no estilo de mera aventura, interpretado por Robert Mitchum, Elsa Martinelli e Jack Hawkins. Como cenário, é-nos oferecida a paisagem da Malásia, com o seu sortilégio e o seu colorido.

A intriga, um tanto esquemática, tocando a ingenuidade não raro, ganha intensidade na última parte da película, com as três personagens num ajuste de contas forte e bem dado.

Complementos agradáveis, salientando-se um engraçado desenho animado. — *Visor 100.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Capitólio

Título em português — «Ouro negro».

Título original — «Black gold».

Produção — Americana.

Realização — Leslie Martinson.

Interpretes — Phil Carey e Diane McBain.

Argumento — Drama no império do petróleo.

Distribuição — Astória Filmes.

Processo — Panorâmico.

Classificação — 12 anos.

VÃO CASAR-SE

Joana Belo e Henrique Pavão

Está previsto para o próximo mês mais um casamento de artistas.

Desta vez trata-se de Joana Belo e Henrique Pavão. Ela é uma vedetinha, ainda em começo de carreira, a fazer «tábuas», como se costuma dizer na gíria teatral. Ainda não tem vinte anos, estreou-se na passada temporada no teatro de revista e vai agora continuar no género musicado. Aparecerá na próxima semana na revista «Ela é o espectáculo», a subir à cena no Variedades.

Ele é um jovem realizador da TV. Tem 32 anos e já foi casado com uma sua colega, agora em Londres a frequentar um curso para realizadores, na B. B. C. de Londres.

Os técnicos e artistas da R. T. P. conhecem muito bem o jovem casal, que em breve unirá os seus destinos.

Ela é bonita, moderna, coquette. Ele é promotor, novo e diz que bom rapaz.

Que se poderia, pois, desejar mais para um casamento de vedetas da vida artística?



JOANA BELO

Recintos de diversões

O Grupo «Sector XI», constituído por aficionados do fado, promove, no próximo domingo, na sua sede, na Rua da Vinha, 20, a sua primeira reunião de confraternização, com várias cerimónias. Às 10 e 30, haverá recepção a representantes da Imprensa, Rádio e de agrupamentos congêneres, entrega de donativos a fadistas necessitados e outros actos de solidariedade. Às 13 e 30, haverá um almoço em que serão convidados de honra os poetas João Linhares Barbosa e Carlos Conde e os artistas Filipe Pinto, Manuel de Almeida, Isaura Alice de Carvalho e Ilda Ferreira.

— Fez a sua estreia, com geral agrado, na «Viela», a nável artista Cidália Moreira.

— O artista Manuel Fernandes, uma das mais lindas vozes do fado e da rádio, trabalha na próxima segunda-feira no Casino de Espinho.

— Os artistas que estão actuando na «Nau Catrineta», vão cantar no próximo sábado, para os presos da Cadeia Nacional. Estes artistas fizeram parte do conjunto que andou no peditório a favor dos cancerosos.

FESTAS e ROMARIAS

Na Fuzeta

FUZETA, 7. — Os marítimos desta vila, entre os quais se destacam os mais afamados pescadores de bacalhau do Algarve, vão prestar honras à sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo, nos dias 9, 10 e 11 do corrente.

A laboriosa e boa gente do mar de uma das mais características povoações algarvias está trabalhando com grande afã na organização das tradicionais festas anuais dedicadas à santa da sua devoção.

HERMES PORTELA
APRESENTA NO

MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES
ÀS 20.45 e 23 h.
(Maiores 17 anos)

SUCESSO ABSOLUTO
DA REVISTA POPULAR

**Ó PÁ,
NÃO FIQUES
CALADO!**

AIDA BAPTISTA
CAMILO DE OLIVEIRA
IRENE CRUZ-EMILIO CORREIA

o actor-cómico
BARROSO LOPES

o brilhante actor
RIBEIRINHO

VALENTINA FÉLIX
NATALINA JOSÉ

e a grande atracção internacional
HERMANAS BENAVENTE

Domingo — Espectáculo às 16 h.

UM ÉXITO SENSACIONAL EM

3.ª SEMANA

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO
PANK



Uma angustiante onda de violência, de revolta, liberta-se e arrasta-os numa frustração de todas as ilusões



UM FILME DE
ANATOLE LITVAK

SOPHIA LOREN ANTHONY PERKINS

A FRONTEIRA DA NOITE
(FIVE MILES TO MIDNIGHT)

★ ADULTOS ★
(M/ DE 17 ANOS)



CERTINA-DS

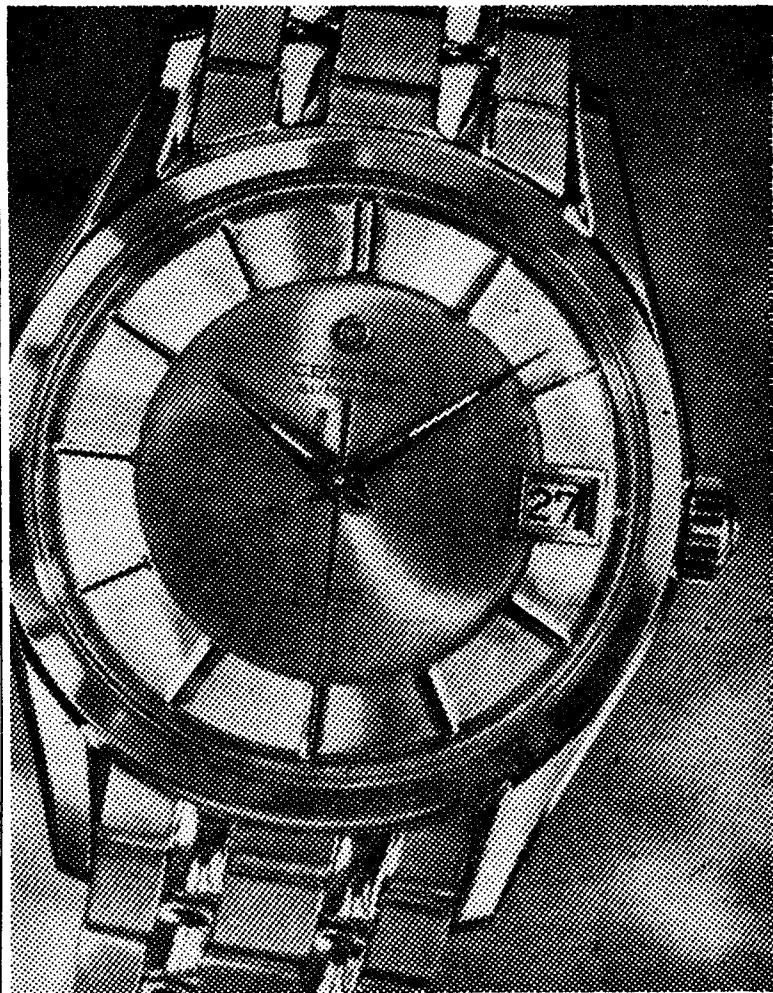
O RELÓGIO
MAIS RESISTENTE
QUE EXISTE

Construído
segundo
princípios
revolucionários
Certina-DS
resiste a choques
que nenhum outro
relógio suportaria.

Precisão
e funcionamento
excepcionais.

Automático,
Super-Estanque
com ou sem
Calendário
em
aço inoxidável
"golden armour"
e ouro 18 kts.

É um Certina que deve escolher



ACREDITE NO QUE DIZEM,
ACREDITE NO QUE VÊ...
COMPRE NO **A. SANTOS SILVA**
FRIGORÍFICOS E TV

Os melhores preços do mercado
RUA PASSOS MANUEL, 4-A — TELEF. 73 65 98

V Salão de Artes Domésticas

UMA REALIZAÇÃO DO «SÉCULO» NOS PAVILHÕES
DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA,
QUE ABRIRÁ NO PRÓXIMO DIA 20

UM SALÃO ENCANTADOR QUE SERÁ A GRANDE
MONTRA DAS PRENDAS DO NATAL
E DO ANO NOVO

UMA INICIATIVA DO «SÉCULO» EM QUE, ENTRE OUTRAS,
COLABORAM AS FIRMAS:

PAOLO COCCO, LDA. — Produtos de beleza

FABRICA DE TECIDOS FINOS DO MONTE DOS BURGOS — PORTO — Marquiseses, atalhados, rendas, popelines, etc.

JÚLIO DE MAGALHÃES — PORTO — «Roulote» e possivelmente artigos de utilidade

CARVALHO RIBEIRO & FERREIRA, LDA. — Vinhos e licores

F. BONET, LDA. — Máquinas de café

ESTABELECIMENTOS BARRAL — Saca-rolhas, etc.

LUIS TAVARES, LDA. — Tavapo

SOC. COMERCIAL ANTONIO MARTINS, LDA. — PORTO — Artigos de uso doméstico, de escritório, etc.

MADEIRA SUPERBIA — Bordados e tapeçarias da Madeira e artigos regionais portugueses

SOCIEDADE LUSO-SUECA, LDA. — Máquinas de costura e tricotar

EST. POLICOMERCIO — ANÍBAL BARREIROS — Frigoríficos e material eléctrico

MATERIAIS PARA EDIFICAÇÃO, LDA. — Materiais para cozinha e casas de banho, etc.

CIDLA — Combustíveis industriais e Domésticos — S. A. R. L. — Gás butano — Fogões a gazcilda

COMPANHIA UNIÃO FABRIL — Tapetes, azeites e artigos do seu fabrico

STAND FAISCA E ISIDORO (REPRESENTADO POR: CARLOS VENTURA) — Salsichas e vinhos

SAMINAR, LDA. — Materiais de construção

SHELL PORTUGUESA — S. A. R. L. — Gás butano

JOAO DANNER — Máquinas de tricotar

COMPANHIA DOS TELEFONES — Propaganda da Companhia dos Telefones

PRESMALT — SOC. DE PRENSAGEM E ESMALTAGEM, LDA. — Fogões — PÓVOA DE SANTA IRIA

COMPANHIAS REUNIDAS GAS E ELECTRICIDADE — Frigoríficos, aspiradores, artigos eléctricos, fogões, etc.

ROBBIALAC PORTUGUESA — Tintas

LEOPOLD SHIROI — Rádio, electricidade e aparelhagem eléctrica

FABRICAS DE CHOCOLATES REGINA — Chocolates

SONADEL — SOC. NACIONAL DE DETERGENTES — S. A. R. L. — Detergentes

DARDO — Aparelhagem electrodoméstica

SOMELAR — SOC. MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA. — Artigos de ménage

EST. SIDA, LDA. — Artigos electrodomésticos

SOPAL — SOC. DE PLÁSTICOS, LDA. — Revestimentos plásticos, decorações, vidros, cerâmicas, etc.

REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA. — Rádios, frigoríficos e aparelhagem electrodoméstica

RAFAEL BURQUETE, LDA. «VITE FRITE» — Artigos electrodomésticos

AGENCIA COMERCIAL SUECA, LDA. — Aparelhagem electrodomésticos

CASA AMILCAR FONSECA — Aparelhagem electrodoméstica

PHILIPS PORTUGUESA — S. A. R. L. — Televisores, rádios, frigoríficos e outros aparelhos domésticos

LUSOMAX — Frigideiras e artigos de ménage

EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA. — Rádio, televisão, artigos electrodomésticos, etc.

LANALGO, LDA. — Tecidos e artigos femininos

FRIAL — INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS A ARTIGOS DOMÉSTICOS, LDA. — Frigoríficos, lava-louças, aparelhagem de ar condicionado, etc.

PREL COM — PRODUTOS DE ELECTRICIDADE E CONSTRUÇÃO, LDA. — Produtos para electricidade e estores

RELÓGIOS JUNGHANS INDUSTRIA ELECTRO RUBI, LDA. — Suportes para frigoríficos, etc.

ACACIO VARELA — Mantas de Reguengos

J. COSTA & SILVA, LDA. — Fogões e artigos eléctricos

SUPER — Artigos eléctricos, rádios, fogões, esquentadores, etc.

SOC. ESTORES METÁLICOS, LDA. — Estores

JOSÉ HONORATO FERREIRA — Aparelhos Iorgutex

J. A. ROBALO SEVERINO — Rádio, televisão, discos, aparelhagem doméstica, gás e electricidade

TOFA — TORREFACÇÃO DE CAFÉS DE PORTUGAL — S. A. R. L. — LINDA - A - VELHA — Cafés

AGIL — AVELINO MACHADO JÚNIOR — Artigos domésticos

IBEREX — SOC. COMERCIAL IBERO MUNDIAL, LDA. — Aparelhagem electrodoméstica

BAZILIO AUGUSTO ROBERTO J. F. ROMEIRAS PALMA — Artigos de ménage

D. MARIA VITÓRIA MARTINS NUNES (CHOCOLATES FAVORITA)

ESTABELECIMENTOS CANCELA — Máquinas de costura e tricotar

LUIS JOAQUIM DE MORAIS — NAZARE — Artigos regionais

V. LAMEGO — Cerâmica

JOSÉ GONÇALVES — Artigos regionais

FRIGAZ, LDA. — Aparelhagem electrodoméstica

FABRICA DE QUEIJADAS DE SINTRA — Doces regionais

SOMECOL — Casas desmontáveis

JOSÉ MARIA DA FONSECA (SUCRS), LDA. — Vinhos

SOC. INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENGERADOS — Toldos e engerados

GIRANDOLA — ARTIGOS DE ARTE, LDA. — Artigos de arte

STAR PORTUGUESA — Produtos Star

BENARUS, LDA. — Vinhos

PEDRO S. PIRES — Máquinas de costura

ADEGA COOPERATIVA DE PORTALEGRE, S. A. R. L. — PORTALEGRE — Vinhos

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL — Vinhos

SOC. DOS VINHOS DO PORTO CONSTANTINO, LDA. (REPRESENTADO EM LISBOA POR J. A. DA COSTA PINA) — Vinhos, licores, etc.

MANUEL SEVERINO (HERDEIROS), LDA. — Vinhos

SOC. DOS VINHOS DO SUL, LDA. — Rua Luis Pinto Martinho, 5-B — Vinhos

JOSÉ MARIA DA FONSECA (SUCRS), LDA. — Vinhos

VINICOLA DE SANGALHOS, LDA. — CAVES ALIANÇA, LDA. — Vinhos

SOC. LISBONENSE DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA. — Vinhos

CALDEIRA, LDA. — Vinhos

JOSÉ MOURA BASTOS — AMARANTE — Vinhos verdes e aguardente velha

SOC. DOS VINHOS BORGES & IRMÃO — S. A. R. L. — VILA NOVA DE GAIA — Vinhos do Porto, vinhos de mesa, brandies e espumantes

REAL COMPANHIA VELHA — VILA NOVA DE GAIA — Vinhos do Porto, vinhos de mesa, brandies e espumantes

REAL COMPANHIA VELHA — VILA NOVA DE GAIA — Vinhos do Porto, vinhos de mesa, brandies e espumantes

REAL COMPANHIA VELHA — VILA NOVA DE GAIA — Vinhos do Porto, vinhos de mesa, brandies e espumantes

REAL COMPANHIA VELHA — VILA NOVA DE GAIA — Vinhos do Porto, vinhos de mesa, brandies e espumantes

RADIO ELÉCTRICA BARCELONA, LDA. — Rádio, televisão e artigos domésticos

CASA QUINTÃO — Tapetes, carpetes, móveis

MÓVEIS COSTA FERREIRA — Mobílias

DECOR — SOC. DE DECORAÇÕES E PUBLICIDADE — Mobílias, vidros e louças

FABRICA PORTUGAL — Colchões de molas

AO MERCADO PERSA (J. Z. HAPETIAN) — Tapetes persas

COMPANHIA NACIONAL DE FIAÇÃO E TECIDOS DE TORNOS NOVAS — Tecidos, etc.

FABRICA DE BORRACHA «MONSANTO», LDA. — Colchões Musselatex e artigos de borracha

IMPEX, LDA. — Pyrex — Sedlex, vidro refractário, culinário — Pyrex — Cornin — Ware, vidros refractários, culinários — Moulinex — aparelhos electrodomésticos

DIESE — PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA. — Produtos dietéticos e máquinas de lorigue

CASA HIPÓLITO, LDA. — TORRES VEDRAS — Fogões

LUSOTERMO, LDA. — Garrafas termos

ARMAZENS PEREIRA & FERREIRA, LDA. — Meias elásticas

R. P. H. KETELSEN, LDA. — Iluminação e artigos para casa de banho

ABADIA DE ALCOBACA, LDA. — Compotas, licores, etc.

MARTINS & REBELO — Lactícios

ADRIANO AMARAL (ELBA) — Bolachas, dropes e chocolates

GALERIA DE ARTE AFRA FILHOS — Quadros a óleo

SABEL — SANTOS & BENTO, LDA. — Artigos electrodomésticos

PÓRTICO — Artigos decorativos, objectos de vidro, candeeiros, etc.

FERTOL — SOC. DE DROGAS LUSITANA, LDA. — Produtos químicos

DOMERCA, LDA. — EMPRESA IMPORTADORA DE APARELHOS DOMÉSTICOS — Máquinas de escrever e tricotar

F. BONET — Vidros Phoenix-Duralex, etc.

FRINEVE — Frigoríficos, rádios, televisão, fogões e aparelhagem electrodoméstica

FAPA, LDA. — Candeeiros

CASA GOUVEIA MACHADO — Instrumentos musicais

CALOREL — SOC. ANGLO-PORTUGUESA DE ELECTROTECNIA, LDA. — Aquecimento, ventilação e secagem

NOVIDADES NECONSAR, LDA. — Artigos de decoração

CARLOS DE SA PEREIRA — Farinhas

OLAVO CRUZ, LDA. — Artigos electrodomésticos

MANUEL J. MONTEIRO & C.ª, LDA. — Fogões e esquentadores, etc.

ABILHO HORTA BRIOSO — ESPINHO — Mobiliário em junco misto e palmito e artigos de uso pessoal e decorativo

RIBEIRO DECORADOR — Mobílias e decorações

MÓVEIS ROCHA — CARMINDO DA ROCHA E SILVA — Mobílias

TRANSFORMADORA DE ARMAS IBERICA, LDA. — Estreções e palha de aço

SOMOPAN — SOC. DE MADEIRAS E MOBILIÁRIO TABOPAN, LDA. — Mobílias

MÓVEIS JANEL — Mobílias

MARTINHO, LDA. — Carpetes, tapetes, peles, etc.

A DECORADORA INFANTE SANTO, LDA. — Mobílias

SOCIEDADE AGRÍCOLA DA QUINTA DA CARDIGA, LDA. — Vinhos

De ontem para hoje

JUSTIÇA

Dois julgamentos importantes, embora de carácter e projecção diferentes, tiveram ontem seu termo na primeira instancia. Um foi o de um crime de morte que Lisboa seguiu apaixonada: de um electricista que mata a namorada porque ela lhe diz que vai casar com outro, Gustavo Augusto dos Santos Pereira, de 20 anos, que em 2 de Setembro de 1961, matou com uma facada, Maria das Dores Roquinho, para os lados de Entre Campos, foi condenado no 4.º Juízo Criminal, em 10 anos de prisão maior, 80 contos de indemnização à família da vítima e imposto de justiça.

Bem diferente foi o caso das irregularidades verificadas na Câmara Municipal de Santo Tirso, de 1947 a 1950, sob a presidência do dr. Adriano Fernandes Azevedo. Já é o terceiro julgamento de que a sentença foi lida ontem em Santo Tirso, sob a presidência do corregedor dr. António Correia de Azevedo. A nova decisão mantém as penas do julgamento anterior, mas suspende as penas aos réus condenados. Além dos impostos de justiça, tem de ser paga à Câmara, a multa de 30 contos pelo principal dos réus e outros seus solidários.

O juiz da comarca de Santo Tirso, dr. Abel Pereira Delgado, assinou vencido a sentença em vários dos seus aspectos. A sua opinião termina assim: «Vencido, ainda, quanto ao ter-se suspenso a pena ao réu dr. Adriano Fernandes, porque não esqueça que ele era, então, o presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso, e, era — como ainda, é hoje — advogado, ou, por um lado, eu tenho, para mim, que os chefes — sobretudo aqueles que ocupam postos de comando — não devem fazer uma «obra», atraiçoar e camuflar a verdade; por outro lado, também tenho ideias assentes de que um jurista — e, portanto, um advogado — deve, mais do que qualquer outro, moldar a sua conduta no «princípio da legalidade».

SOLIDÃO

No lugar do Padrão, mesmo à saída da Lousã, apareceu morto um indivíduo. O caso foi comunicado às autoridades que removeram o corpo desse homem que findara seus dias, na solidão e abandono completos. Vivera os últimos anos da caridade solicitada de porta em porta, e o mendigo Julio Cae-tano da Silva, de 51 anos, desceu à terra recebendo a esmola de uma sepultura oferecida pela Santa Casa da Misericórdia.

COMBOIO-GUILHOTINA

Morava no Algueirão, o sr. João Brites de Meneses, casado, pai de duas meninas que eram o seu enlevo. Pois a Maria de Fátima, de 12 anos, e a Palmira, de 9, ficaram ontem orfãs porque o comboio lhes esmagou o pai, na estação de Algueirão, não longe da casa em que moram. O corpo do infeliz que era cozinheiro da Base da Granja do Marquês, recolheu a casa mortuária do cemitério de Sintra.

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da Republica recebeu o sr. eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas; as actrizes sr.ª D. Amélia Rey-Colação e D. Mariana Rev Monteiro; os membros do conselho de administração da S. O. N. E. F. E.; e os srs. eng.º Guilherme Street d'Arriaga e Cunha (Carnide); dr. Jaime Ferreira, comodoro Carlos Henrique, brigadeiro Alexandre de Moraes, e dr. José de Azeredo Perdigão.

ASSOMBRADOS

Em Cruz de João Mendes, desabou sobre o monte violenta trovoad. É o monte da Cabeceira que domina a povoação. Lá se encontravam o sr. Manuel Francisco da Costa, de 60 anos, e sua filha, Almerinda Maria da Costa, de 16, que foram apinhados pela chuva e pelo vento que a ver-

gastava. Os raios abriam o céu como lancetas de luz. Uma faísca mais intensa riscou a escuridão e assombrou pai e filha. Encontrados depois, inanes, foram transportados a um consultório médico onde voltaram a si, embora o estado do pai seja grave.

NECROLOGIA

José Diogo de Oliveira Junior LEIRIA, 7. — Faleceu, na sua residência, em Leiria-Gare, o sr. José Diogo de Oliveira Junior, de 87 anos, casado, antigo funcionário do Banco Nacional Ultramarino, nesta cidade. O extinto era esposo da sr.ª D. Luísa Pereira de Oliveira e pai do sr. José do Rosário Pereira Diogo de Oliveira, funcionário bancário.

D. Maria das Mercês Carneiro de Almeida

ALIJO, 7. — Faleceu, nesta localidade, a sr.ª D. Maria das Mercês Carneiro de Almeida, de 45 anos, esposa do sr. Joaquim Augusto Martins dos Santos, funcionário da Câmara Municipal, e mãe do sr. Joaquim Almeida Santos, tesoureiro da Fazenda Publica. A extinta deixou cinco filhos menores.

António Celestino da Silva VILA REAL, 7. — Faleceu, nesta cidade, o sr. António Celestino da Silva, de 74 anos, comerciante. O extinto era irmão dos srs. contra-almirante Luís Celestino da Silva e coronel Paulino Celestino da Silva, e tio dos srs. Agostinho, José e eng. Luís Celestino de Sousa e Silva, bem como das sr.ª D. Maria Manuela Silva Cardoso e D. Jany Silva Campos.

WILLIAM TYLER

Regressou esta tarde a Washington, por via aérea, o sr. William Tyler, secretário de Estado assistente norte-americano para os Assuntos Europeus, que, na companhia de sua esposa, esteve alguns dias em Portugal, em visita de carácter particular.

No aeroporto, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida, entre outros, os srs. dr. Pinto de Mesquita, chefe do Protocolo do Estado, e William Blue e Theodore Xanthaky, conselheiros da Embaixada dos Estados Unidos.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — As 21 e 15: «Balalaika» (12 anos).
QUELUZ — Queluz Cine — As 21 e 15: «A cigana» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine Chaby — As 21 e 30: «A furia dos Vikings» (12 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — As 21 e 30: «O cerco de Siracusa» (12 anos).
VENDA NOVA — Cine Portugal — As 21 e 15: «Pôncio Pilatos» e «Jovens atradores» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 23 (Tel. 950117); Símões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque, Estefânia (Tel. 980058).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
BURACA — Vaz Martins — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).
MEM MARTINS — Quimica — Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).
DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

PENHORES

AMADORA

P. da Igreja, 13-A

LET'S LEARN ENGLISH

Vocabulário da Lição n.º 17, Parte 5, que a Radiotevisão Portuguesa transmite amanhã, dia 8, pelas 20 horas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
waiter	— empregado de mesa
cook	— cozinheiro
to cook	— cozinhar
meal	— refeição
napkin	— guardanapo
tired	— cansado(a)
sleepy	— com sono
hungry	— com fome
thirsty	— com sede
ready	— pronto
wonderful	— maravilhoso

Para a biblioteca do Estudante do Professor do Leitor interessado

uma obra excepcional, única em língua portuguesa

O HOMEM E O MUNDO BIOLÓGICO

por três eminentes cientistas americanos

J. Speed Rogers
Theodore H. Hubbell
e C. Francis Byers

Tradução
do Dr. João Tendeiro

O reino animal e o mundo vegetal estudados duma maneira rigorosa, científica, mas numa linguagem acessível ao grande público

A organização do indivíduo, a organização da planta, a continuidade das espécies — a reprodução, a hereditariedade, as gerações — a história das plantas, os animais primitivos, os homens pré-históricos, a espécie humana, o ambiente físico dos seres vivos.

1000 páginas de texto — 500 gravuras e diagramas — dezenas de páginas em rotogravura com 150 fotografias

Encadernação em tela, ferros a ouro e sobrecapa a cores

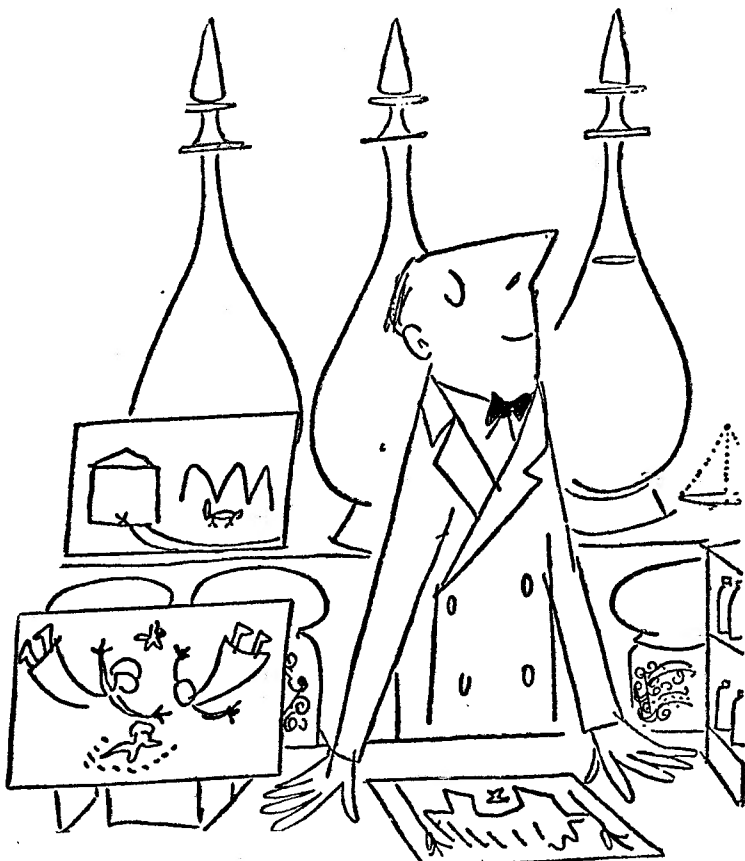
Pode ver e adquirir esta obra em qualquer das principais livrarias

Utilize o sistema de pagamentos suaves

PEÇA ESCLARECIMENTOS e impresso especial aos editores

PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA, LD.ª

Rua das Flores, 45 — LISBOA 2
Tel. 30826



Quando se afirma que os desenhos infantis são uma moda, há que retorquir que não é moda educar crianças...

A educação pela arte é o objectivo do concurso «O Natal visto pelas crianças» promovido pelo «Diário de Lisboa»

A nossa iniciativa «O Natal visto pelas crianças», está a entusiasmar a juventude escolar. Se em 1958, 1959, 1960, 1961 e 1962 o interesse pelo concurso se traduziu no envio de milhares de trabalhos, este ano «O Natal visto pelas crianças», vai ter, estamos certos, uma projecção ainda mais vasta. O apoio de reitores dos liceus, directores de escolas técnicas, colégios e escolas primárias, o interesse de milhares de encarregados de educação e, sobretudo, o entusiasmo dos jovens, permite-nos esperar uma concorrência mais numerosa, uma eloquente demonstração de entendimento e de compreensão por esta nossa iniciativa de tão grande alcance educativo. Os artigos que o professor Calvet de Magalhães propositadamente escreveu a respeito deste tema e que estamos a publicar, contribuem, sem dúvida, para por bem em evidência o alcance da iniciativa.

Os concorrentes, cuja idade não deve exceder 14 anos, podem enviar os seus trabalhos, a realizar dentro da maior liberdade de concepção, em qualquer material, à administração do «Diário de Lisboa», até ao dia 15 de Dezembro. Como nos anos anteriores, estão assegurados valiosos prémios que serão distribuídos na própria sala onde serão expostas as obras distinguidas.



Agora o CREME é:
MAIS MACIO
MAIS RÁPIDO
MAIS PERFUMADO
Pelo correio, Esq. 22500, em selos
COUTO, LDA. — PORTO

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

Ao sexto concurso consecutivo que o «Diário de Lisboa» vai realizar será assegurada uma organização pedagógica e administração que só por si é uma garantia de êxito pelo cuidado com que são montados e observados todos os aspectos.

PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO PELA ARTE

por M. M. CALVET DE MAGALHÃES

• Arte Infantil, educação pela arte

As mais diversas conclusões sobre o desenho infantil provam que a criança não tenta alcançar as qualidades artísticas, que, aliás, ignora.

A criança não considera espontaneamente as suas produções sob o ângulo estético e, quando exprime uma apreciação de fealdade pelo lado da cor, essa diferenciação inconsciente não alcança senão número muito pequeno de desenhos. Como afirmou Malraux, «a criança, muitas vezes artista, não é um artista, porque o seu talento a possui e ela não possui o seu talento. A arte não são sonhos, mas posse de sonhos».

A designação de arte infantil é infeliz, deve-se dizer educação pela arte (proposta pela U. N. E. S. C. O.) mas, como dizem os ingleses, a expressão pegou, e o que interessa é dar-lhe tradução adequada. É evidente que as produções das crianças não são obras de arte, mas nada impede que aconteça de arte. Por isso mesmo, o Museu de Arte Moderna de Paris expõe nas suas salas alguns achados infantis, tal e qual como também já expôs pedras polidas pelo mar e recolhidas por Braque.

• A educação pela arte

A arte é um meio de expressão instintivo na maioria das crianças, e dela se pode fazer até a trave de um ensino, utilizando-a como ponto de partida para o estudo de outras matérias.

O treino dos assuntos estéticos é tão importante como o treino do intelecto mediante a Língua, as Ciências e a Matemática. A actividade estética consiste no proces-

NO MUNDO DO SUPRANATURAL - 3

O dr. Van Ginhoven está a estudar mais quatro casos de levitação e parergia verificados em Portugal

Não são poucas as pessoas que nos têm chamado a atenção para o facto de se falar de casos que, aparentemente, se revestem de aspectos que o vulgo e mesmo pessoas com alguma cultura classificam de miraculosos ou diabólicos quando afinal, pertencem ao domínio da Medicina, quer se olhe o assunto pelo seu aspecto psíquico, quer pelo aspecto físico.

Naturalmente que estes fenómenos, vistos à luz da Parapsicologia — uma forma nova de estudar certos problemas — estão sujeitos a controvérsias, especialmente se se verificarem em países onde a cultura relativa aos estudos de Psicologia ainda não esteja muito difundida.

Quer o médico, quer o psicólogo, cada um no seu domínio próprio, às vezes convergente, outras vezes divergente, têm a dizer sobre ele a justa palavra.

No caso do psicólogo dr. Van Ginhoven, especializado em Parapsicologia, que entrevistámos, temos-nos limitado a anotar factos, servindo-nos das provas acumuladas pelo investigador. E à base das doutrinas estabelecidas, quem quiser e puder, que tire conclusões.

Como dissemos, após o estudo do caso do sr. Albano de Jesus, ao qual o povo da capital apelidou de «homem-macaco», o especialista holandês viu-se perante mais quatro casos da mesma natureza, verificados em Afife, Vila Franca do Lima, Braga e Soutelo. Sobre cada um deles está a recolher ou já recolheu elementos de estudo que publicará oportunamente.

Segundo ele, cada um destes casos se deve a uma capacidade física, a uma qualidade que os protagonistas possuem de influenciar a matéria que os rodeia. Trata-se, como já afirmámos, de dons tão naturais como quaisquer dos sentidos, embora muito raros.

O caso de Afife

O caso que passamos a relatar deu-se em Afife, em 1953, e duraram um ano as suas manifestações.

Foram protagonistas os elementos de uma família, todos vivos e ali residentes, com os quais falou o dr. Van Ginhoven, que não conseguiu determinar qual dos três era o «veículo do fenómeno».

Trata-se do sr. Joaquim Gomes Moreira, de sua esposa, sr.ª D. Ana Rosa Gonçalves e de uma sobrinha, Benilde Bagonha, ao tempo solteira e agora casada.

Viviam os três numa quinta. A determinada altura, começaram a verificar-se em casa fenómenos estranhos. As roupas perdiam a cor e tornavam-se brancas. Outras apareciam crivadas de golpes, de alto a baixo. À noite, em determinadas alturas, os fusíveis rebentavam e a casa ficava às escuras. Ouvia-se então vozes, e apareciam cartas escritas a tinta vermelha, sem que qualquer dos presentes escrevesse o que quer que fosse, ou houvesse sequer tinta vermelha em casa. Além disso, fizeram-se experiências quanto aos fenómenos de transposição de objectos de um local para outro, sem que ninguém lhes tocasse. Uma vez, de dentro de uma casa com portas e janelas trancadas, saíram cadeiras para o exterior. Ruidos estranhos, como gritos, ouviam-se com frequência.

O investigador pensa que o «motor» desses fenómenos era a dona da casa, pois visavam especialmente o marido. A família ainda hoje recorda com horror esse ano de tormentos. Como testemunha, aliás valiosa, pois, recolheu elementos, está o padre Manuel Lopes, prior em Afife, que foi chamado para acabar com os demónios e anotou diariamente num caderno, tudo quanto se passava. Esse livro, na posse de um amigo, vai ser, ao que nos diz o dr. Van Ginhoven, um dos elementos mais interessantes para este caso.

As cartas foram rasgadas, mas o conteúdo de algumas ficou anotado nesse diário.

Trata-se de um caso de parergia, que não apresenta nada de excepcional.

O padre Manuel Lopes, com as provas irrefutáveis que acumulou, obteve permissão do sr. arcebispo de Braga para proceder ao acto litúrgico dos «exorcismos».

O próprio sacerdote, quando uma vez assistiu a uma dessas manifestações, ao fazer em voz alta determinado convite, deslocou-se no es-

(Continua na 23.ª página)

Jean-Charles FEIRA DE



UM EXTRAORDINÁRIO LI
Mais de 1.500.000 em
FRANÇA E

Uma
PORTUGALI
EM DISTRIBUIÇÃO AN

(Continua na 14.ª página)



A aglomeração de curiosos, esta manhã, no Porto, no local onde se encontraram as roupas ensanguentadas da vítima. (Telefoto)

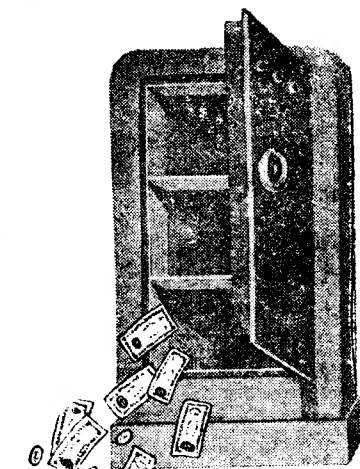
Descoberto e preso o bárbaro autor do crime da Rua do Sol na cidade do Porto

PORTO, 7 — Razão, absoluta razão tínhamos quando, no passado dia 5, noticiávamos nesta secção que a Polícia Judiciária, em face dos elementos que possuía, havia iniciado as investigações, na pista certa para descoberta do criminoso.

Foram certos, pois, os seus primeiros passos nesse sentido. Encontrado o cadáver da D. Margarida Cepeda da Silva, na manhã de 22 de Outubro, logo no dia seguinte, à noite, a polícia ouviu, em declarações, o seu vizinho, Rogério José Nogueira, de 62 anos, casado, sapateiro, com banca de trabalho num dos prédios fronteiros ao estabelecimento e residência da vítima, pessoa de que, naturalmente, controlava todo o movimento comercial e particular.

A polícia lá tinha as suas razões, mas, por motivos que lhe foram estranhos, foi obrigada a desviar para nova pista o caminho das investigações que, por isso, levaram à captura de um outro indivíduo, o qual, por fatalidade sua, fez recuar sobre si suspeitas que, dia a dia, se avolumavam. Coincidiram, em parte, as dos técnicos que um departamento auxiliar das investigações forneceu. Mas os encarregados de as coligar, ao cabo de aturados trabalhos, que os fizeram perder noites consecutivas, chegaram à conclusão de que a técnica ou a ciência criminológica não os ajudava, porque, ao fim de alguns dias de prisão preventiva, o detido foi

(Continua na 11.ª página)



NÃO DEIXE QUE A FALTA DE CAPITAL PARALISE OU DIFICULTE O DESENVOLVIMENTO DO SEU NEGÓCIO.

Em qualquer parte do mundo, conseguir um empréstimo, sobre propriedades, jamais foi ou será vergonha, para o homem que pretende ampliar os seus negócios. Pelo contrário, terá que pôr à prova o seu valor pessoal e nós a obrigação de corresponder aos seus desejos. A partir de a transacção, A CONFIDENTE, é uma amiga a desejar-lhe prosperidades futuras.

Consulte
A maior organização do País

A CONFIDENTE

LISBOA — Rossio, 3, 2.º (Esq. da Rua Augusta) — Telef. 369384/5/6
PORTO — Rua Passos Manuel, 14-1.º (Ângulo da Rua Sá da Bandeira)
Telefones 20334/5/6

TRINTA ANOS COMO GUARDA-FREIO DO ELEVADOR DA BICA

É, sem dúvida, o mais pitoresco dos pitorescos e úteis elevadores de Lisboa. Além do lado prático das suas funções, o elevador da Bica entrou na existência exótica daquele bairro como mais um dos «ex-libris» que definem a silhueta do seu acastelado de casas, ruelas e calçadas. Encontra-se ligado à vida da Bica e é o traço de união entre a parte baixa da zona de S. Paulo e o Calhariz e Bairro Alto.

Ronceiro, cauteloso e minucioso como a maior parte das casas do bairro, o elevador enquadra-se perfeitamente nesse cenário de «ballet» cortado por pequenos largos e escadarias, donde se espreitam pedaços do Tejo, lá ao fundo. Assim, o sortilégio e o tipismo da Bica completam-se perfeitamente com essa «caixinha» móvel, que ora desce, ora sobe, no seu vaivém permanente de carrear pessoas. Estas estão já tão familiarizadas com o elevador que ele faz parte das suas vidas quotidianas. E há grupos que ali se encontram, às mesmas horas, e condutores ou guarda-freios familiarizados também com os passageiros que o seu elevadorzinho leva, poupando-

-lhes o trajecto, por dois minutos. Um desses guarda-freios, o n.º 348, sr. António Ferreira, há trinta anos que ali faz serviço. Tem 65 anos e veio para Lisboa «fazer a tropa», de terras de Avelar, Ansião. Foi recrutado no Regimento de Cavalaria n.º 2, acabou o tempo e por cá ficou, seduzido pela cidade. O casamento fez o resto. Entrou para a Carris, estabeleceu aqui a sua vida e Lisboa passou a ser a sua segunda terra. Cá lhe nasceu um filho e por cá governou a vida como empregado da Carris. Faz em Janeiro próximo, 41 anos e 47 dias de trabalho ao serviço da companhia e 30 como guarda-freio do elevador da Bica, o funcionário mais antigo do elevador.

Bom pessoa, simpático e bonacheirão, o sr. Ferreira tem-se identificado com a «caixinha» elevadora e conquistou amizades, não só entre os camaradas, como nos moradores da Bica e passageiros habituais.

Diz, com saudade, agora que vai ser reformado em Janeiro:

— Sempre me dei muito bem aqui. Nunca tive qualquer discussão com os passageiros. Muitos já os conheço de há anos e somos amigos. Felizmente, também nunca tive qualquer acidente. Dou-me bem com toda a gente e vou ter saudades destes anos que passei a conduzir a minha «fiel caixinha».

O sr. Ferreira lembra-se ainda de grupo de foliões que passaram pela Bica e Bairro Alto, tomando o seu elevador como grupo excursionista e bem disposto. Mas em 1 de Janeiro próximo deixará, para sempre, o manípulo do elevador, pois a doença (diabetes e ureia) já não o deixam trabalhar mais. Reforma-se, assim, o mais antigo guarda-freio da Bica, que, segundo nos disse, passará o resto da vida na sua casa da



ANTÓNIO FERREIRA

Rua Comandante Freitas da Silva, 10-1.º.

— De vez em quando, virei aqui, como qualquer passageiro, para matar saudades.

E o sr. Ferreira punha o boné e o casaco, para mais um turno de viagens, as suas últimas «viagens de comando» no pequeno e pitoresco elevador da Bica.

«Boletim do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho»

Num intuito de esclarecimento e divulgação, que as mais positivas razões de interesse nacional efectivamente justificam, iniciou o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho a publicação de um boletim que se intitula *Planeamento e Integração Económica* e cujas finalidades são expressamente afirmadas na nota de abertura do primeiro número: «Levar ao conhecimento dos mais variados sectores do País as realizações em que se traduz o esforço de desenvolvimento económico em que a Nação se encontra empenhada, os grandes objectivos que o norteiam e as medidas destinadas a transpor para a realidade prática o ideal da formação de uma economia nacional no espaço português». O Boletim, como acentua nessa página de apresentação o director-geral daquele organismo, dr. Vasco da Cunha d'Eça, «surge assim como natural consequência da criação do Secretariado Técnico», destinando-se a documentar as medidas governativas de planeamento e a registar as contribuições positivas dos que quiserem, por estudos, sugestões e debates de ideias, participar activamente na formação da opinião económica nacional.

No primeiro número de *Planeamento e Integração Económica* incluem-se os estudos «O Planeamento Económico na Problemática Cultural Contemporânea», pelo dr. Vasco da Cunha d'Eça, e «Relações Económicas da Metrópole com o Exterior»; informações e documentos de oportunidade, legislação e resenha de imprensa. Cumpre registar aqui a transcrição integral no Boletim de dois artigos assinados por Gracius na secção «Vida Económica e Financeira» do nosso jornal, em que são debatidos principais aspectos da política de desenvolvimento do País, a que se seguem extensos comentários escritos pelo próprio director-geral, que, sem deixar de expor os seus pontos de vista, revela, todavia, a importância que atribui, justamente, aos artigos do nosso autorizado colaborador.

Secretariado Geral da Defesa Nacional

Foram nomeados adjuntos da 1.ª repartição do Secretariado Geral da Defesa Nacional os srs. tenente-coronel Eugénio Nascimento e majores Irineu Mota e Rodrigo da Silveira; e da 2.ª repartição, o sr. major António de França Doria.

«Miss Universo 1963» vem a Portugal

Directamente dos Estados Unidos, onde foi eleita «Miss Universo 1963», a brasileira leva Vargas deve chegar a Lisboa no próximo dia 10, de avião. A jovem rainha de beleza, que é descendente de açorianos, permanecerá alguns dias em Portugal, visitando as nossas principais zonas de turismo. Leva Vargas irá, também, à Madeira, onde estará três dias a convite da Junta de Turismo local.

NOVIDADE

Breve Antologia Filosófica, 1.º volume Introdução à Filosofia e Psicologia

organizado por JOEL SERRÃO e JORGE DE MACEDO

3.ª edição, revista e modificada
1 vol. de XV 355 pp. ilustr. br. 60\$00

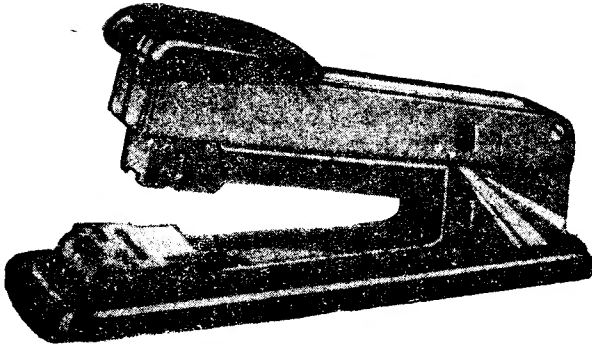
à venda

2.º vol. — LÓGICA E TEORIA DO CONHECIMENTO

organizado por JOEL SERRÃO e RUI GRÁCIO
2.ª edição, revista e modificada, 60\$00

Livraria SÁ DA COSTA Editora

100, Rua Garrett — Telef. 30721/5 — LISBOA



O MAIOR RECLAME DAS PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

1 máquina VELTRA e 1.000 agrafes por 38\$00

Descontos para revenda mínimo 12 máquinas

RUA DA MADEIRA, 42

e nas suas Filiais e Depositários

DISPARATES

EXAGENÁRIO
SEM OBCECAÇÃO
TUDO QUE
RESPEITO
SEXO OPOSTO

VRO DE HUMOR
emplares vendidos em
NA ALEMANHA!
cão da
A EDITORA
SUA, 8 DE NOVEMBRO

As relações entre a China e a U. R. S. S.

O envio, ontem, de um telegrama dos principais dirigentes chineses aos chefes soviéticos a propósito da comemoração do 46.º aniversário da revolução russa, em que se afirma a convicção do triunfo da amizade entre os dois povos, constitui uma nova fase nas relações entre Moscovo e Pequim. Não pode deixar de ser também significativo que no mesmo dia se tenha afirmado, num comício efectuado no Kremlin, a determinação de fazer tudo para que sejam restabelecidas as boas relações que existiam entre a China e a U. R. S. S.

O gesto dos dirigentes de Pequim autoriza a pensar que as relações entre os dois países estão em vias de sofrer algumas alterações. A hipótese que apressadamente se chegou a admitir de uma ruptura total entre os dois maiores Estados comunistas fica, pelo menos para já, completamente arredada. Tal hipótese pareceu sempre pouco provável, pelas repercussões que daí adviriam para o mundo socialista.

O choque registado recentemente entre Moscovo e Pequim, que se pretendeu cobrir com o manto do diferendo ideológico, tem origens diversas, avultando as discordâncias relativas à ajuda técnica e económica da União Soviética com vista ao equipamento e reorganização da agricultura chinesa e ao lançamento das bases para a criação da sua indústria pesada. Nas tentativas chinesas para aumentar a sua produção agrícola, sobressaem as Comunidades, criadas em 1958. Estas constituíram, sob alguns aspectos, um fracasso mas ofereceram uma experiência valiosa, cujos frutos se começam a colher. A produção agrícola deste ano aumentou de maneira considerável e, embora ficando ainda muito aquém dos resultados previstos na data do lançamento das Comunidades, permite aos dirigentes de Pequim uma situação de desafogo que não tinham há dois anos. E o êxito obtido pelos chineses na agricultura contrasta com as dificuldades actuais que os russos experimentam neste domínio.

Está fora de dúvidas a existência de divergências políticas entre os dois «gigantes» comunistas. Pequim não admite a ideia de ser um país submisso às orientações de Moscovo. A China pretende tornar-se uma grande potência e tem todas as possibilidades para o ser. É natural, por isso, que não queira dar a impressão de aceitar incondicionalmente as determinações russas em política externa. A decisão do Governo soviético de pôr fim à «guerra fria» e de aceitar o desanuviamento nas relações com o Ocidente desagradou a Pequim, que não hesitou em manifestar-lhe publicamente, embora invocasse para tanto os fundamentos do marxismo-leninismo.

Este choque sino-soviético terá consequências diversas no panorama das relações políticas e económicas da República Popular Chinesa. Verifica-se a tendência da China em reforçar as suas trocas comerciais com o Japão. Este país tem fornecido unidades industriais completas e pode vir a substituir em parte a U. R. S. S. no auxílio técnico que esta lhe oferecia. Apesar da má-vontade e da pressão em contrário exercida pelos Estados Unidos, verifica-se também o desejo manifestado pelas potências europeias de intensificar as relações económicas com Pequim. A Inglaterra prepara uma série de exposições comerciais a efectuar na China e a França vai enviar uma delegação comercial à capital chinesa. Consta até que um grupo de industriais norte-americanos se instalou em Hong-Kong, a fim de sondar o mercado chinês.

A U. R. S. S. celebra hoje o 46.º aniversário da revolução de 1917

MOSCOVO, 7. — O marechal Rodion Malinovsky, ministro da Defesa soviético, afirmou que a assinatura do pacto de proibição de ensaios nucleares fazia aumentar as esperanças no «fortalecimento da paz». O ministro, numa ordem do dia às forças soviéticas, por ocasião do 46.º aniversário da revolução vermelha, em 1917, diz, no entanto, que as forças soviéticas «são capazes de esmagar qualquer agressor».

A favor da luta contra o cancro pede-se a redução dos armamentos

PARIS, 7. — Um grupo de personalidades francesas pediu aos Estados Unidos, U. R. S. S., Grã-Bretanha e França, uma redução de 0,5 por cento dos seus orçamentos militares a favor da luta contra o cancro.

Esta redução, afirmam os signatários, não modificaria o equilíbrio das potências e permitiria multiplicar o número dos laboratórios, dos investigadores e das experiências. O termo de uma vitória sobre o cancro poderia ser antecipado de muitos anos.

O documento, assinado nomeadamente por François Mauriac, Charles le Corbusier, Francis Perrin, alto comissário da energia atómica e Jean Rostand, foi enviado ao presidente de Gaulle «para dar a iniciativa à França nesta matéria» — (France Presse).

Invasão de ursos

ISTAMBUL, 7. — Gravemente ferida pelos ursos, uma camponesa morreu na província de Gumushane, no Nordeste da Turquia. Com efeito, os ursos apareceram na região, provavelmente acossados pela fome, atacam os aldeões e causam grandes destroços nos pomares. — (F. P.).

Betancourt caiu

CARACAS, 7. — Rómulo Betancourt, presidente da República da Venezuela, deu ontem uma queda, quando tomava banho, e fracturou o braço direito. — (F. P.).

MÓBILIAS

Maples e decorações, carpetes, alcatifas, sofás e maples-camas. Móveis sala de jantar, holandesa, inglesa, Queen Anne, rústica, Renascença. Armário de vidrinhos. Escritórios, roupeiros, etc. Faz trocas e

Av. 72-A, Telef. 46501 e 49712.

DINHEIRO

SOBRE PROPRIEDADES

(urbanas e rústicas) e

AUTOMÓVEIS

BOAS CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, E.
Telefs. 367444/323172

INDIGESTÃO MONETÁRIA (ENGOLIA MOEDAS)

OVIEDO, 7. — Não podendo já suportar as fortes dores abdominais que o acometiam, Manuel Soagas Perez, de 55 anos, fogueiro de um barco de pesca, foi ao médico, que lhe diagnosticou uma ulcera de estômago e lhe recomendou a operação imediata.

Feita a intervenção, verificou-se que o homem não padecia de ulcera, mas sim de uma espécie de indigestão monetária, pois no seu estômago foram achadas 131 moedas de uma peseta e duas de 50 céntimos. Perez não explicou ainda como as moedas foram ali parar. — (A. N. I.).



COSMONAUTA SENADOR. — O coronel John Glenn, que está a ser sondado — segundo consta — quanto à possibilidade de se candidatar ao cargo de senador do seu Estado natal, o Ohio, pelo Partido Democrático, o partido do presidente Kennedy. Glenn foi o primeiro astronauta americano a ser colocado em órbita. Por outro lado, os republicanos, também estariam interessados no cosmonauta como seu candidato para o mesmo cargo

De Gaulle comunicou a Pequim pretender relações diplomáticas

PARIS, 7. — O presidente de Gaulle já comunicou ao Governo de Pequim que a França está disposta a estabelecer relações diplo-

máticas normais com a China continental — segundo consta nos meios diplomáticos bem informados.

Ao que parece, porém, as diligências do presidente foram interrompidas por enquanto, visto que Pequim teria imposto a condição da ruptura das relações da França com a China insular, o que de Gaulle rejeitou — acrescentam os mesmos informadores diplomáticos.

Embora oficialmente não se confirmassem os rumores, nota-se que o Governo de Paris não procurou desmenti-los.

Os diplomatas revelam que a primeira tentativa de aproximação da França foi confiada ao antigo chefe do Governo francês Edgar Faure, que na companhia da mulher completou há pouco uma visita à China continental. Antes de partir, Faure recebeu instruções completas do presidente.

Durante a sua permanência na China, o antigo chefe do Governo francês foi recebido por Mao Tsé Tung, pelo chefe do Governo e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, marechal Chenyi.

Ao regressar a Paris, os meios bem informados declararam que a sua missão havia aberto o caminho para futuras conversações.

Entretanto, a missão comercial francesa chefiada por Guillaume Georges-Picot, presidente do grupo de estudo do Extremo Oriente do Conselho Nacional do Patronato francês e antigo embaixador na O. N. U., regressou agora da China Continental com a recomendação de que a França não devia desperdiçar a oportunidade de expandir ali o seu comércio. — (A. N. I.).

A ordem do dia é concebida nos seguintes termos:

«O povo do nosso país obteve grandes êxitos no domínio económico, científico e cultural. O Governo soviético, de acordo com a política leninista, aplica princípios pacíficos, lutando pela diminuição dos riscos de guerra e pelo reforço da paz.

«A assinatura do tratado de Moscovo sobre a interdição das experiências nucleares trouxe a toda a Humanidade pacífica a esperança de uma paz duradoura. Contudo, o povo soviético e o seu Exército não devem esquecer nunca a existência das forças do imperialismo».

«As forças militares soviéticas encontram-se constantemente alertas, prontas para esmagar qualquer agressor».

FELICITAÇÕES CHINESAS

O aniversário fez com que a China enviasse felicitações formais. Ontem, também Nikolai Podgorny, um categorizado funcionário soviético, afirmou numa comunicação que não existia qualquer «razão objectiva» para que relações amigáveis sino-soviéticas não devam ser restabelecidas.

Fontes comunistas desta capital não deram crédito a notícias ocidentais de que as comemorações de três dias, do aniversário, que se iniciam hoje, serão utilizadas para realizar uma conferência preparatória para uma eventual conferência mundial sobre a disputa sino-soviética. Os comunistas acreditam que se efectuará uma conferência, mas não já. — (F. P. e R.).

O desfile militar e civil na Praça Vermelha

MOSCOVO, 7. — Poucos minutos antes de começar o desfile e a manifestação na Praça Vermelha, com motivo no 46.º aniversário da revolução de Outubro, as tropas da guarnição de Moscovo acabaram de tomar posições perto da Igreja de S. Basílio, do lado sul da praça.

As 9 e 58 locais, Kruchchev chegou à tribuna do mausoléu e cumprimentou a multidão, acenando com o chapéu. As 10 horas, precisamente, o marechal Malinovsky, ministro da Defesa, saiu do Kremlin, de pé num «tchaika» descoberto. Noutro carro, foi ao seu encontro, o general Beloborodov, comandante da guarnição da capital, que anunciou que o desfile podia começar. Os dois carros passaram lentamente diante das tropas em formação, que gritaram o triplo «hurrá» da praxe.

O marechal Malinovsky parou em frente das várias unidades formadas em ordem impecável e congratulou os militares pela festa da revolução de Outubro. Numa breve ordem do dia, fez o balanço dos êxitos de todo o género alcançados pela União Soviética. Reafirmou a

determinação das forças armadas de se oporem a toda e qualquer agressão e pronunciou-se por um desarmamento geral e completo.

Depois de novo triplo «hurrá», as escolas militares abriram o desfile. Seguiram-se, como nos anos anteriores, autometralhadoras, carros de combate de vários modelos, alguns com a insígnia das unidades de pára-quedistas, artilharia em reboques, e lagartas, e «katiuchas», lança-foguetões múltiplos para fins tácticos.

Os foguetões terra-ar anunciados de antemão pela Tass, foram finalmente apresentados. Parecia tratar-se de engenhos bastante longos, de três pisos, munidos de aletas de estabilização e colocados em reboques.

Os foguetões estratégicos da Marinha e foguetões «irmãozinhos» dos que lançam os Sputniks, passaram depois. Fecharam o desfile, que durou, como nos anos anteriores, cerca de 20 minutos.

Começou a seguir, a parada civil, aberta pelas organizações desportivas. — (F. P.).

Estão ameaçadas de malogro as negociações para a venda de trigo americano à Rússia

WASHINGTON, 7. — Estão ameaçadas de malogro as negociações para a venda de quatro milhões de toneladas de trigo norte-americano à Rússia — dizem informadores diplomáticos desta cidade.

Os russos não aceitam a condição imposta pelo presidente Kennedy de que o trigo deve ser transportado de preferência em barcos norte-americanos, cujo frete custa mais 10 dólares (290 escudos) por tonelada do que nos navios mercantes de outros países.

Kruchchev declarou ontem em Moscovo ter dado instruções à missão comercial soviética que se encontra a negociar a compra do trigo para romper as negociações se os Estados Unidos «persistirem nas suas condições pouco razoáveis».

O subsecretário de Estado George Ball avistou-se ontem com o chefe da missão russa, Sérgio Borisov, para pedir esclarecimentos sobre as declarações de Kruchchev, mas, até agora, parece que as negociações não foram suspensas.

Entretanto, o embaixador da Ho-

landa em Washington, em nome de onze países, deverá apresentar esta tarde na Secretaria de Estado um protesto contra o tratamento preferencial que o Governo norte-americano pretende obter para os seus navios. Os países que se sentem prejudicados e que pretendem igualmente transportar uma parte do trigo são a Holanda, a Bélgica, a Grã-Bretanha, a Dinamarca, a França, a Alemanha, a Grécia, a Itália, o Japão, a Noruega e a Suécia. — (A. N. I.).

Uma série de diplomas urgentes para auxiliar lavradores e criadores de gado a sair da grave crise que enfrentam

(Continuação da 1.ª página)

também não deve traduzir-se numa aventura que mais viria comprometer uma situação nitidamente difícil.

O despacho reconhece que «a acção política não pode, portanto, conformar-se com a persistência de condições que estão na origem da crise mas tem, também, de ser criteriosamente estabelecida para que, de facto, sem demagogia ou fantasias, se eleve em atenção aquelas obrigações, como quem procura cumprir na dignidade do seu labor, em vez de pretender persistir em sistemas de exploração cuja continuidade apenas tem sido possível mercê de vultosas e hoje insustentáveis despesas por parte do Estado».

Em busca de uma solução

A «grave crise financeira» que a Lavoura atravessa, é objecto de judiciosas considerações, afirmando-se no despacho que «será na rentabilidade das explorações, e outra via se nos não depara, que iremos encontrar a solução para as actuais responsabilidades da agricultura».

Preconiza-se a substituição de culturas inglorias por outras que melhor se comportam em produtividade e resistência, que respondam de forma mais adequada aos mercados que revelam capacidade de compra mais elevada, no reconhecimento de que a economia de mercado constitui nova determinante de ordem nacional.

O despacho enumera depois o tipo de culturas (agrícola de sequeiro, regadio, florestal e outros) que, em harmonia com os estudos já efectuados, deverão praticar-se ao sul do Tejo, e revela que «é possível, desde já, tomar medidas em ramos de exploração agrícola que antecipadamente se revelam susceptíveis de fazer parte de qualquer esquema de ordenamento».

Vão dar-se, portanto, os primeiros

Diário da Outra Banda Cinemas

ALMADA — *Incrível* — As 21 e 15: «Os irmãos corsos» (17 anos); *Academia* — As 21 e 15: «Armas em fúria» e «Imperadores do crime» (12 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — As 21: «Um plano diabólico» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — As 15 e 30 e às 21: «18 anos» e «Rua do pecado» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — As 21 e 15: «A respeitável carcaça» (17 anos); *União Artística* — As 21 e 15: «Mostre contra Vampiros» e «Casino de Paris» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

ALMADA — *Magalhães* — Praça Luís de Camões, 10 (T. 270242).

BARREIRO — *Avenida* — Avenida Alfredo da Silva, 88 (T. 2273207).

COVA DA PIEDADE — *Rainha Santa* — Estrada das Barrocas, 50-A.

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (T. 239025).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).

SESIMBRA — *Lopes* — Rua (Candido dos Reis, 67 (T. 229028).

SETUBAL — *Bocageana* — Rua do Romeu (Tel. 23425); *Bairros* — Bairro Santos Nicolau (Tel. 23330).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

passos da política anunciada no decreto-lei n.º 45 223 (Regime Cerealífero) transferindo parte das medidas de apoio até agora concedidas à cultura do trigo para outros canais de valorização agrícola, como a florestação, fomento pecuário e forrageiro, mecanização, aproveitamentos hidroagrícolas, etc., mas sem que por tal motivo se abandone o interesse pelas culturas cerealíferas, antes lhe dando apoio, mas nas terras que, dentro das indicações do ordenamento agrário, deixem antever viabilidade económica.

O despacho visa, no conjunto de circunstâncias referidas e para conhecimento da Lavoura e dos Serviços, concretizar normas gerais de actuação, a iniciar em sectores que se revelam integrados nos princípios de ordenamento agrário, seguindo escala de prioridade mais concordante com os recursos disponíveis.

As decisões que se vão tomar

Quanto às culturas cerealíferas, o despacho diz que a Lei de Melhoramentos Agrícolas atenderá à resolução dos problemas de drenagem em extensas áreas de sequeiro, por se julgar indispensável a melhoria da cultura cerealífera, bem como em promover um impulso à mecanização. No mesmo propósito de fomento da cultura do trigo, vai ser publicado muito brevemente um decreto-lei que cria a Estação de Cerealicultura de Beja. O novo organismo, que se fica devendo à Federação Nacional dos Produtores de Trigo, ocupar-se-á da intensificação da cultura deste cereal.

O despacho recorda que os empréstimos para a campanha cerealífera (trigo) de 1963/64 não foram suspensos e que o seu valor permitirá, inclusive, que se cultive efectivamente área idêntica à dos anteriores.

No respeitante aos cereais secundários, por falta de elementos de base, não foi possível ainda, como se pretendia, definir uma linha de orientação. No entanto, em relação ao centeio, considerou-se que a sua cultura, por se adaptar melhor do que a do trigo a alguns solos da faixa continental do País, era susceptível de melhorar as condições de vida da classe rural dessas regiões. Encontrou-se, assim, fundamento, não só para lhe atribuir este ano, a título excepcional, um subsídio que, embora reduzido, era importante para a pequena economia como para dar-lhe um incentivo através de uma melhoria de preço para o ano seguinte.

Em favor do fomento pecuário, anuncia-se uma série de diplomas a publicar em breve: portaria regulamentando as condições em que as empresas comerciais devem participar no circuito produção-comercialização de sementes certificadas de forragens; actualização do decreto-lei n.º 44 419, que criou o Conselho Coordenador do Serviço da Campanha de Fomento Pecuário, no sentido de o Estado poder adquirir reprodutores; decreto-lei permitindo à Junta de Colonização Interna amparar as Mutuas de Gado; e portaria regularizando as relações entre a Campanha de Forragens e a de Fomento Pecuário.

Pretende-se adquirir, ainda este ano, reprodutores suínos das raças «Land Race» e «Large White», para serem distribuídos à Lavoura, tão rapidamente quanto possível, a fim de compensar em exploração estabelecida, as quebras de produção resultantes da peste suína e doenças intercorrentes da vacina contra o vírus L. Ao mesmo tempo — diz o despacho — recomenciam negociações para uma aquisição, em 1961, de reprodutores bovinos da raça «Hereford», num total de cerca de 500 cabeças, e vão iniciar-se as relativas a outras espécies, sobretudo à ovinos.

O documento em referência lembra depois que, quanto ao fomento frutícola, o problema mais importante é o da especialização de técnicos para apoio à assistência, sector mais solicitado pela Lavoura, pelo que sairá brevemente um diploma referente a este sector, não obstante, «dentro das campanhas em curso ser a do fomento fruti-

cola a que menos carece de incentivo». Todavia, um diploma, a publicar brevemente, vem obviar aos inconvenientes sobre prazo de amortização dos empréstimos pela Lei de Melhoramentos Agrícolas, autorizando a Junta de Colonização Interna a iniciá-la apenas quando os pomares por ela financiados entrem em produção. Um outro despacho incluirá o Alentejo no Plano de Fomento Frutícola.

Fomento florestal e aproveitamento de regadios

Sobre os problemas do fomento florestal, um decreto-lei a publicar apresenta como inovação a possibilidade das empresas privadas e das empresas industriais que trabalham matéria-prima das florestas passarem a dispor de maior facilidade para se proceder à florestação, podendo os proprietários rústicos entrar para essas empresas com a terra a constituir a sua quota, ou arrendando-a, sob condições que o mesmo decreto estabeleça.

Vai ser também publicado um decreto que permite à Junta de Colonização Interna estabelecer prazos de início da amortização de empréstimos para florestação, mais concordantes com o começo dos cortes nas novas plantações.

Uma boa parte do trabalho a realizar implicou uma reforma do Fundo de Fomento Florestal de modo a poder atender às modalidades de florestação que a nova orientação exige.

A última parte do despacho em referência trata dos problemas de regadio, acentuando que «o Ministério das Obras Públicas e a Secretaria de Estado da Agricultura reconheceram conveniência em procederem à visita conjunta dos seus titulares e de técnicos dos seus serviços aos perímetros de rega existentes e aos que se encontram em fase inicial de construção de barragens, no sentido de se proceder a uma enunciação, coordenação e programação de medidas tendentes a resolver problemas de ordem técnica de base que possibilitem uma progressiva melhoria na utilização desses regadios».

Os resultados destas visitas e a urgência em actualizar o decreto-lei n.º 42 665 que cria a Junta de Hidráulica Agrícola, determinaram a constituição de um grupo de trabalho para propor a actualização da Junta de Hidráulica Agrícola e para estabelecer programa de actuação no que se refere à resolução dos problemas de defesa das obras, adaptação dos terrenos de sequeiro a regadio, aumento de fertilidade nos solos, ensaios de adaptação e valor económico das culturas, organização das explorações e aspectos de ordem social, etc.

Reorganização das indústrias vidreira e de refinação de açúcar

A Direcção-Geral dos Serviços Industriais solicitou à Corporação da Indústria a indicação de quatro industriais, dois da indústria vidreira e dois da indústria de refinação de açúcar, para tomarem parte nos trabalhos do Conselho Técnico da Indústria, de harmonia com o decreto-lei n.º 43 559, relativamente à reorganização daquelas indústrias.

Como representantes da indústria vidreira, a Corporação designou, por indicação do grémio respectivo, os srs. João da Silva Reis (da Ivima. Empresa Industrial do Vidro da Marinha Grande, S. A. R. L.) e Manuel Barosa (da Firma Santos Barosa & C.ª, Ld.ª).

Em virtude do sector de refinação de açúcar não estar organizado corporativamente, efectuou-se há dias uma reunião dos interessados, que compareceram na sua totalidade e procederam à eleição, por escrutínio secreto, dos srs. eng.º Castro Pereira (da Refinaria do Ultramar) e eng.º Alves da Silva (da Refinaria de Açúcar e Confeitaria de Belém, Ld.ª), para participarem nos trabalhos do referido Conselho.

OPORTO

(Continuação da página central)

posto em liberdade, depois de feita uma contraprova.

Por outro lado, nunca o Rogério deixou de ter controlados pela polícia todos os seus movimentos, sem que de tal se apercebesse.

Conversava com amigos e conhecidos em vários locais, sobretudo num café que frequentava na Praça da Batalha, chegando a afirmar, ali, que, se tal crime lhe pesasse na consciência, nenhum trabalho daria à polícia, pois que, atirando-se da ponte ao rio Douro, resolveria o seu problema.

A polícia simulou acreditar no personagem «noivo» da vítima, do qual o Rogério sempre falava. Foram-lhe apresentados vários indivíduos com os sinais condizentes, mas nenhum era, evidentemente, pois, na verdade, era uma figura por si inventada.

Com isto, o detido ia ganhando tempo, procurando desviar as suspeitas contra si inicialmente existentes.

Sendo doente, o Rogério procurava insistentemente ser internado num hospital, onde, após o crime, foi algumas vezes receber tratamentos. Esta insistência veio avolumar ainda mais as suspeitas, pelo que a polícia, sempre muito cautelosa, inquirindo do médico que o tratava se realmente o estado do doente justificava o seu anseio por hospitalização, o que de facto não acontecia. Concluiu-se, logicamente, haver intenção de reserva. A polícia teve conhecimento duma determinada conversa havida com uns vizinhos do Rogério. Estes, chamados a depor negaram.

Aumentava, porém, a convicção de que, de um momento para o outro, tudo se esclareceria, até pelos elementos que o próprio Rogério ia involuntariamente fornecendo.

Ontem, à noite, completamente etain toda a trama, o Rogério foi convidado a ir à Polícia.

Pouco ou nada faltava. Tudo estava esclarecido e provado. O seu interrogatório durou toda a noite; quase ninguém dormiu na Polícia. Por volta das quatro e meia da madrugada, o Rogério entrou francamente no caminho da confissão. Fora, realmente, ele quem assassinara a senhora.

Manhã muito cedo, fez-se, no local, a reconstituição do crime. Ainda em liberdade, o Rogério historiava a cena. Entre as suas declarações citou que, na noite de sexta-feira, 18 do mês passado, tal como antes o fizera várias vezes, estivera no estabelecimento da sua vítima, onde fora comprar determinados aviamentos do seu ofício. Nessa altura, a senhora encarregou-o de lhe ir comprar umas bolachas, o que ele fez, ao fim da tarde do dia seguinte, sendo nesta altura já seu propósito liquidar a D. Margarida, com o fim de se apropriar do que pudesse, pois sabia que ela era rica. O crime deu-se precisamente às 19 horas. Estrangulou-a no estabelecimento, com uma corda relativamente fina, que ali encontrara, quando entre ambos se estabeleceu luta. Foi depois de a subjugar que o assassino lhe deu alguns golpes de navalha na cara e no pescoço.

Após tê-la morto, tentou abrir o cofre, o que não conseguiu. A primeira coisa de que se apoderou foi de uma etain de ouro que a vítima tinha ao pescoço. Depois, foi buscar acima de uma mesa de cabeceira uma pulseira de ouro com relógio, que passados dias, empenhou.

Por fim, arrastou o cadáver para a cave da casa, onde foi encontrado pelos vizinhos e sobrinhos da vítima, na manhã do dia seguinte.

Na sua confissão, indicou a Polícia onde se encontrava a volta de ouro e entregou a cédula de penhor da pulseira.

Outros pormenores se seguiram na reconstituição do crime.

E assim se chegou quase ao fim deste misterioso caso, que tanto apaixonou a opinião pública e tanto trabalho deu à Polícia.

Esta trabalhou excelentemente e com as cautelas aconselhadas, evitando prisões preventivas em massa, a que teria sido levada em face de testemunhos pouco claros. De facto, até à descoberta do crime, uma só pessoa foi realmente detida, que, como já dissemos, fora vítima duma série de coincidências e erros de que a Polícia não foi culpada.

Milhares de pessoas procuravam, desde manhã, cedo, estacionar na Rua do Sol, nas imediações do local do crime, mas a Polícia evitou, fosse a quem fosse, ali permanecer, tanto durante a reconstituição do crime como após essa deliberação que continuará ainda hoje, até aparecer a navalha de que o assassino se serviu, a qual, segundo ele, atirou para os quintais vizinhos.

Após a sua confissão, o Rogério

foi, finalmente, preso. Trata-se de um indivíduo que já cumpriu pena por furto, tendo roubado um cofre com jóias que escondera em sua casa, dentro de um autoculismo.

Entretanto, foi, em tempos, guardado nocturno...

Dirigida pelo subdirector da P. J., dr. Bernardo Coelho, e inspector adjunto, dr. Paulo Paredes, as investigações foram efectuadas pelos drs. Ferreira Tormenta, inspector da 2.ª secção, subinspector Martins Lima, da Central; e chefes de brigada Branco, Gouveia, Julio Santos e Castro e, ainda, por vários agentes da Central, 2.ª e 4.ª secções da P. J.

Faleceu no hospital

PORTO, 7 — No Hospital de Santo António, para onde foi transferido, faleceu um indivíduo do sexo masculino cuja identidade se desconhece assim como o que motivou o seu falecimento.

Na sua residência, na Rua de S. Vitor, faleceu esta manhã o sr. António da Silva Ventura, de 40 anos, empregado da Chapelaria Imperial. O funeral efectua-se amanhã, em hora a designar para o cemitério do Prado do Repouso.

Caíu de uma escada

Recolheu ao Hospital de Santo António o agricultor sr. Augusto Leite de Carvalho, de 46 anos, casado, residente em Serzedo (Gaia), que sofreu ferimentos pelo corpo, por ter caído de uma escada.

Espectáculos de amanhã

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O diabo e os 10 mandamentos» (17 anos).

COLISEU — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Os 300 espartanos» (12 anos).

SÁ DA BANDEIRA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O último Verão» (17 anos).

S. JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Diferente» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Agente implacável» (17 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Objectivo Burma» (12 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Os nove irmãos» (12 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «A pele para o diabo» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21 e 15: «Os três estorlas contra Hércules» e «O espada-chim» (12 anos).

JÚLIO DINIS — As 21 e 30: «Momento de perigo» (17 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O meu camarada» (12 anos).

A CIDADE

Pelos hospitais

SOB UMA CAMIONETA — O menor João Luis Ponte Duarte, de 7 anos, residente na freguesia de S. Teotónio, Odemira, ficou sob uma camioneta de carga perto de casa. Com grave ferida na cabeça, foi transportado ao Hospital de S. José, onde ficou internado.

POR UM AUTOMÓVEL — Com lesões de certa gravidade, devido a ter sido atropelado por um automóvel, deu entrada no Hospital de S. José, onde ficou internado na Sala de Observações, o menor Arménio da Luz Guerra Custódio, de 8 anos, domiciliado em Mértola.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. (Governo Civil): roupa de homem; gárdina; par de luvas; dois chapéus de chuva; sombrinha; anel de ouro; par de óculos; cinco porta-moedas; carteira com documentos de António Pereira da Palma; bilhetes de identidade de Carlos Jorge Bouça das Neves Roldão, Manuel Dimas e Silva Cordeiro; carta de condução de Salomão Cardoso Vitorino Rodrigues; caderneta da Caixa Geral de Depósitos de Manuel da Rocha Pereira; catecismo; embrulho com apontamentos e folha de papel quadriculado; fotografias; estojo com artigos escolares; pedaço de corda, duas luvas; e arbores com chaves.

CAIU NUM POÇO

ÉVORA, 7 — No quintal da sua residência, na Rua da Azaruja, desta cidade, quando tirava água de um poço, escorregou e caiu dentro daquele poço, Noémia da Costa Silva Campeão, de 26 anos, casada, natural de Algas.

Aos gritos da pobre mulher, acudiram vários vizinhos, entre os quais o sr. Candido Augusto Gomes que, com o auxílio de uma corda, desceu ao poço e conseguiu retirá-la sinistrada com vida. Transportada ao hospital desta localidade, numa ambulância dos bombeiros voluntários, ficou ali internada.

DESPORTOS



Os «gigantes» do Estádio da Luz: o guarda-redes alemão, que derrete, e Simões, que observa

**BENFICA, 2
BORUSSIA, 1**

A HISTÓRIA ESTREMECEU!...

O Benfica «explodiu» como nos seus grandes dias, impressionando fortemente, mas dos seus 38 remates executados só dois redundaram em golo e cinco esbarraram, com estrondo, nas balizas.

por **FERNANDO SOROMENHO**

Indomáveis... Com extraordinária determinação, vibrantes de entusiasmo e ardentes no idealismo mais acrisolado, autenticamente de dentes cerrados, os homens das camisolas rubras, como dominadores absolutos, proporcionaram-nos ontem uma jornada de elevado coeficiente emocional ao conquistarem um brilhante triunfo que, por direito próprio, pode enfileirar sem desdouro nos feitos mais gloriosos do clube, sobretudo nas campanhas internacionais da sua equipa de futebol.

A «sorte grande» saiu aos alemães

Imbuídos da «mentalização europeia», que os tornou distintos no futebol português, os benfiquistas deram uma admirável lição de brio e de querer ao produzirem lances, em torrente, que só não derrota-ram, impiedosamente, logo nos primeiros minutos, os combativos alemães porque a sorte se recusou, com invulgar teimosia, em colaborar, fazendo, em contrapartida, um pacto secreto com os jogadores visitantes, sobretudo com o guarda-redes Tilkowski que para além de ser, na verdade, um magnífico valor, deve ter tido, junto de si, uma fada invisível...

Não esquecerá tão cedo a empolgante arrancada dos encarnados ao soar o apito inicial. Partiram como os «sprinters» que se propõem cobrir 100 metros. E nunca mais pararam: transbordantes de animação e invulgar no espírito de luta, em particular durante os primeiros 20 minutos, fase que se assemelhou a uma corrente de água, volumosa e agitada que inunda as margens do leito, porque os seus desígnios não têm limites. Um rio vermelho em fúria...

O Borussia, que foi adversário digno de si próprio e do título de campeão que ostenta, sentindo a impressionante impulsividade dos portugueses, defendeu-se com a aplicação que os factos justificavam, mas o resultado que conseguiu de maneira nenhuma se amolda ao perfil do jogo — a superioridade exemplificada pelo Benfica. Em todos os sentidos.

O 2-1 foi, em suma, a «sorte grande» que contemplou os alemães. Trinta e oito remates e, somente, dois golos. Sendo isto o futebol, através de uma das suas retintas características, concordase que o pecúlio arrecadado não condiz com o trabalho e qualidades produzidos.

A «vintena da vertigem», com o clamor da multidão, possessa de de-

leite e de alegria, merecia os golos que, afinal, faltaram. Especialmente os primeiros dez minutos período em que dez tentativas só não resultaram por escassos milímetros e porque os postes substituíram o guarda-redes.

A muralha dortmundense, feita de sólido material, resistiu o que lhe foi possível e o seu limite de possibilidades resumiu-se, afinal, à concessão de dois golos e à conquista de um outro, a derrota pela diferença mínima, o que não deixa de ser, na circunstância, um forte estímulo para o jogo da 2.ª mão, lá, na Alemanha.

A história chegou a estremecer ao pressentir-se um sensacional resultado, impróprio porventura de um torneio de campeonatos, mas a marca averbada não deverá ser interpretada como obsessiva preocupação para os «encarnados», a despeito do Borussia ter evidenciado aleve espírito combativo, de acção coesa e de significativa intencionalidade nos contra-ataques.

Os dois treinadores

«É incrível tanto azar»

Lagos Czeiler mostrava-se aborrecido com o resultado, que, afirmava, devia ser de 4 ou 5 a 1. Declarou-nos:

— O azar perseguiu a minha equipa. Com uma defesa tão cerrada como esta, foi um milagre criarmos tantas oportunidades de golo. A trave e as defesas de recurso privaram-nos de justa vitória. Azar.

— E para Dortmund, confia na equipa? — indagámos.

— Porque não? — respondeu interrogando-nos. Não acha, continuou, que uma equipa que demonstra o futebol que o Benfica apresentou, pode ter todas as esperanças? Eu, por mim, confio com toda a fé.

«O 2-1 foi o resultado que mais nos beneficiou»

Eppenhoff, o treinador do Borussia, que foi companheiro de Fritz Walter no Schalke 04, estava satisfeito mas não eufórico.

— Um clube como o Borussia só sai prestigiado por ter perdido, por 2-1, com o Benfica. É certo que a sorte nos bafejou, mas esta faz parte de todos os jogos. E na primeira parte salvou-nos de derrota catastrófica.

— Espera ganhar em Dortmund? — Evidentemente, mas vai ser muito difícil.

— Qual foi o melhor jogador do Benfica?

— Sem dúvida Simões!

ou, em franca ofensiva, quando a situação a tal propiciava. A propósito, deve anotar-se que os alemães apenas remataram sete vezes e que em três ou quatro combinações obrigaram os defesas benfiquistas a intervenções de extrema atenção.

O conforto entre o que ocorreu em cada uma das partes indica que na primeira o Benfica podia ter vencido por 4-0 ou 5-0 e que, na segunda, o 2-1 se aceita como certo. Isto significa que no segundo tempo, os dortmundenses — atletas de definida envergadura — puderam, diminuído naturalmente o ímpeto do antagonista, dar uma amostra do que valem, em particular na facilidade de transformarem um lance defensivo em ofensivo. E significa também que entre os «encarnados», em lugares de influência decisiva, no meio campo, a capacidade física decresceu. Mário Coluna, por exemplo, não pôde demorar a longa ausência de seis semanas. Aplicou-se até ao máximo, mas depois acusou a ausência de jogos, a «endurance» que só a competição proporciona.

Como quer que seja, ficou a perdurar a demonstração do Benfica. Uma promessa que convida a confiar-se no futuro.

No primeiro tempo, o Benfica patenteou, além de febrilidade ansiedade, um padrão técnico de excelente recorte, surpreendendo o número de remates logrados no meio da «floresta amarela» onde o guarda-redes era a árvore gigantesca.

Ao estilo «todos à defesa», dos borussianos, retorquiram os «encarnados» com a adequada réplica de «todos ao ataque» e «quanto mais depressa melhor» e, por isso, o «conze» desenvolveu uma esclarecedora manobra — rápida, imaginosa, alegre e perigosa — que alcançou notoriedade pela constância.

Já na segunda parte, como se disse, em consequência de movimentação mais pausada o brilho acenou intermitências mas sem jamais ser ofuscado pelos vigorosos e tenazes alemães.

Os benfiquistas honraram a sua gloriosa divisa, actuando na base de «um por todos e todos por um», mas o maior deslumbramento coube, por inteiro, a Simões, o n.º 1 dos 22, que realizou exibição memorável — de antologia —, digna de um manual sobre o modo de jogar a extremo-esquerda no futebol moderno.

Exceptuando Serafim, desacertado na fase inesquecível mas mais próximo dele próprio no declinar do desafio, todos produziram acção meritória, mas jociando valores atirase para o plano inferior, a seguir, ao n.º 11, Raul, Santana (enquanto o fôlego o não atraíam), Luciano e José Augusto, salvo nos momentos em que figurou a avançado-centro onde o poder de elevação não correspondeu às suas tradições.

E já que falámos de avançado-centro, não pudemos (perdoe-se-

O Vitória de Setúbal segundo decidiu a Federação ganhou o meio-jogo de domingo mas o Barreirense discorda e vai protestar até onde puder

O jogo Barreirense-Vitória de Setúbal foi superiormente homologado, segundo resolução tomada pela Comissão Executiva da F. P. F., ontem reunida. No entanto, lendo-se o comunicado divulgado e o artigo 61.º do Regulamento-Geral, que fundamentou a decisão, daquela entidade — «Quando qualquer jogo não tiver durado o tempo regulamentar,

por ter sido suspenso pelo árbitro antes do seu termo, não será considerado, marcando-se novo jogo, salvo se a interrupção for motivada pelo abandono do campo por uma ou por ambas as equipas ou, ainda, por mau comportamento dos jogadores que justifique esse procedimento, devendo nestes casos ser marcada uma derrota à equipa ou equipas responsáveis pela não conclusão do jogo — independentemente de qualquer sanção que possa caber» — chega-se à conclusão de que o texto não se aplica, com inteira propriedade, ao sucedido no Barreiro.

As faltas do jogador Lança e do delegado ao jogo são factos acessórios, mas não decisivos para o julgamento do caso. Por isso mesmo, estão incluídos nos artigos 54.º e 90.º do mesmo Regulamento-Geral, o qual prevê as faltas idênticas às praticadas.

O «imbróglia» do Barreiro vem tornar, como ontem frisámos, mais real e necessária a revisão dos regulamentos da nossa F. P. F., omissos em muitos pontos, que só vêm a ser discutidos e analisados quando se transformam em casos, como este do Barreiro. Por isso, surgem decisões forçadas, que se baseiam em articulados não adaptáveis aos problemas criados.

Entretanto, o Barreirense vai recorrer até onde lhe for possível, alicerçando-se no que as leis do futebol e os regulamentos da Federação estipulam: «Um jogo só pode ser validado se tiverem sido jogados noventa minutos».

Pensam os dirigentes do Barrei-

(Continua na página seguinte)

As duas equipas:

BENFICA — Costa Pereira; Cavém e Cruz; Coluna, Luciano e Raul; José Augusto, Santana, Eusébio, Serafim e Simões.

BORUSSIA — Tilkowski; Burgsmüller e Redder; Kurrat, Geister e Sturm; Wosab, Schmidt, Brungs, Konietzka e Emmeirich.

Árbitro: Schwitte.

Golos: Simões (1-0), aos 30 segundos da segunda parte, a centro de Santana; Wosab, aos 8 minutos, e Eusébio (2-1), aos 13 minutos.

A receita, ainda não apurada, deve atingir os mil contos, o que equivale a cerca de 45 mil espectadores.

(nos) deixar de recordar Torres. Com aquele jogo, a envergadura dele seria um maná caído do céu...

(Continua na página seguinte)



Os vice-campeões europeus na ofensiva e os alemães na defensiva

MÁRIO COLUNA ESPERA PASSAR À ELIMINATÓRIA SEGUINTE

No vestiário dos campeões nacionais respirava-se uma atmosfera de dever cumprido. Contra a sorte do da segunda mão.

Jogo nada se pode fazer. E como a «bola» tinha corrido para os alemães, os experientes benfiquistas sentiam-se calmos.

Enquanto vários jogadores recebiam assistência, abordámos o presidente da direcção do Benfica, dr. Fezas Vital, que nos disse:

— A trave foi o maior defensor do Borussia. Ficou-nos, porém, a certeza do valor da equipa e uma inabalável confiança para o jogo Coluna, por sua vez, afirmou:

— O Borussia possui uma equipa dura e combativa, com três excelentes jogadores, Konietzka, Schmidt e Tilkowski. Apesar deste mau resultado, relativo, espero passar aos quartos-de-final, pois o diabo não está sempre atrás da porta.

«Este resultado honra o Borussia»

Egon Pentrup, chefe da delega-

ção borussiana e vice-presidente do clube, respondeu como segue:

— O Benfica é uma das melhores equipas que tenho visto. Apesar do jogo, por ser jogo, não deixou o resultado expressar-se. No entanto, os meus jogadores bateram-se pelo melhor resultado e conseguiram-no.

O resultado obtido em Lisboa, diante de tão poderosa equipa, é um motivo de orgulho para mim e para os meus jogadores.

«Simões, o melhor dos 22»

Burgsmüller, o defesa direito e capitão da equipa, disse:

— Foi um jogo rápido e duro, no qual a bola correu para nós. O Benfica podia ter marcado três golos. Santana e Simões foram os melhores jogadores, o segundo o melhor em campo.

JOSÉ MATOS DA SILVA — RUA VASCO DA GAMA, 53 C em VILA FRANCA DE XIRA, vende o «Diário de Lisboa».



José Augusto constrói perigo

Benfica-Borussia

(Continuação da página anterior)

Eusébio, a despeito de esforço e de infeliz (duas vezes visou o poste), teve como única virtude evidente a oportunidade que lhe propiciou o gol do triunfo.

Costa Pereira, sem problemas; Cavém, indeciso no gol alemão, e Cruz, sóbrio, completam as referências devidas a um «onze» tão infatigado como credor de aplausos.

Entre os alemães, cujo processo difere do recorte matemático do Eintrach, salientou-se a trilogia: capacidade física-companheirismo-disciplina posicional. E quanto a individualidades, as citações especiais outorgam-se a Tilkowski, Wosab, Kurrat, Konietzka e Brungs.

Há que ter cuidados com eles, Benfica!

O árbitro arbitrou de acordo com um critério que procurou ser uni-

O grande Benfica viveu escassa meia hora

Pierre Schwinte confiou-nos a seguinte opinião:

—O resultado está certo pois premeia o trabalho defensivo dos alemães. Ao Benfica faltou manter a velocidade que durante meia hora fez renascer a equipa de 1961. O público protestou algumas das minhas decisões, mas o futebol é um jogo viril e os jogadores portugueses pareceram-me pouco habituados a tal tipo de jogo. A segunda parte ofereceu-me dificuldades, dado o nervosismo que a incerteza do marcador gerou. No entanto, embora difícil o jogo decorreu-me bem.

SERAFIM do Benfica suspenso

por dois jogos

A Comissão Executiva da F.P.F., ontem reunida, aplicou os seguintes castigos:

1.ª DIVISÃO—Dois jogos de suspensão: a Serafim, do Benfica, por desrespeito ao árbitro, no que é recorrente.

2.ª DIVISÃO—Três jogos de suspensão: a João Julio de Almeida e Silva (Faia), do Lusitano, e a José Luciano Soledade Gonçalves, do Farense, por agressão a um adversário.

Um jogo de suspensão: a Carlos António Ferreira, do Torriense, por desacordo com as decisões do árbitro.

A F. P. F. tornou também público o castigo de um ano de suspensão a Carlos Alberto Faria Serra, do Beira-Mar, depois de apreciação do processo de inquérito a este jogador, quando qualificado pelo Varzim S. C.



PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc

Propaganda (grátis) da FAL - Apartado 2 142 - LISBOA

Os Americanos no Vietnam

(Continuação da 1.ª página)

seguir para Hanoi na primeira oportunidade.

Uma história inverosímil

Para isso deviam comparecer no terreno de aviação de Kun Ming, em 16 de Agosto de 1945. Mas à hora prevista para o embarque dos franceses o major Patt não apareceu nem no local se encontrava qualquer aparelho para os transportar. Os franceses receberam instruções para voltar mais tarde o que efectivamente fizeram. Mas desta vez, como da anterior, não havia avião. Por acaso surgiu, inesperadamente, um «Dakota» francês da base de Calcutá. Sainteny e os seus companheiros resolveram agarrar a ocasião pelos cabelos e combinaram com a tripulação do aparelho a sua partida para o dia seguinte. Como foi preciso avisar a O. S. S., no dia seguinte Patt mostrou a Sainteny um telegrama recebido do general Wedemeyer, comandante das forças americanas na China, em que este proibia que qualquer avião levantasse voo de Kun Ming para Hanoi.

Os franceses resolveram, então, recorrer a um estratagem. Disse-lhes que queriam embarcar para a Índia e tentavam descer em pára-quedas na Indochina. Mas, quando chegaram ao campo de aviação, o «Dakota» estava guardado por soldados chineses, os quais disseram que era proibido embarcar. Sainteny conta que a conclusão a tirar daquele procedimento dos americanos era o de que não queriam deixá-los chegar a Hanoi a tempo. Com efeito, na véspera Ho Chi Minh tomara conta do Poder em Hanoi.

Na tarde desse dia movimentado (17 de Agosto de 1945) o representante da França teve uma explicação tempestuosa com o major Patt a quem declarou abertamente que o não acreditava quando ele dizia que os soldados chineses haviam procedido por iniciativa própria ao impedir o avião de levantar voo. Mas a situação não se modificara e os franceses, para se deslocar, precisavam da autorização dos americanos, os quais levantavam todas as dificuldades, servindo-se dos mais indesculpáveis pretextos. Finalmente a partida dos franceses foi marcada para 22 de Agosto. Dessa vez, quando os americanos chegaram já o avião tinha partido. Foi nestas estranhas condições que o primeiro representante francês na Indochina chegou a Hanoi, depois da guerra. As suas aventuras não pararam aí. O «Dakota» que o transportava ao chegar foi recebido por um grupo de soldados japoneses armados, pois os ameri-

canos tanto se serviam destes como dos chineses para conseguir os seus fins.

Afastar os franceses da Indochina

Aos olhos dos aliados da França o representante desta em Hanoi, «terra francesa», era desconhecido e as suas iniciativas sistematicamente ignoradas. Sentia-se, segundo a sua confissão, cercado por um ambiente de invencível hostilidade. Instalados no palácio do Governo, os franceses não podiam deslocar-se e os primeiros a contrariá-los eram os japoneses vencidos, os quais gozavam dos favores e confiança dos americanos. Estes queriam, de facto, afastar os representantes da França, de uma vez para sempre. Intencionalmente faziam-lhes a vida dura. Em 25 de Agosto o major Patt propôs ao sr. Sainteny que aproveitasse um avião que ia partir para Kun Ming, a fim de regressar a esta cidade chinesa. Sainteny escreveu: «É perfeitamente claro que os americanos querem ver-me longe de Hanoi e tudo farão para o conseguir». O representante da França encontrou mais tarde, entre os papéis deixados pelos americanos, a prova de que a sugestão do major Patt visava o seu regresso a Kun Ming, a fim de o prender logo que ali chegasse.

Mas os franceses, entretanto, estabeleceram os primeiros contactos com os chefes do Vietminh, facto que os americanos não ignoravam. Em Washington eram hostis a esses contactos bem como a qualquer eventual entendimento da França com os nacionalistas da sua antiga colónia. O major Patt e os seus subordinados lançaram, então, uma campanha de descrédito contra a presença e a obra dos franceses na Indochina. Por ultimo, a actividade dos americanos tomou tal carácter que Sainteny, avisado por Paris, via Calcutá, telegrafava em 26 de Agosto: «Estamos perante uma manobra conjunta dos nossos aliados (americanos e ingleses) para nos eliminar da Indochina». No dia seguinte acrescentava: «A atitude dos nossos aliados acarreta constantemente a perda do prestígio francês. A propósito de tudo sou obrigado a pedir licença a Patt junto de quem faço sentir que a acção dos americanos aqui nos compromete muito mais do que a dos dirigentes do Vietminh».

Passados alguns dias (Setembro de 1945) Sainteny escrevia que «a missão americana (Patt) não dissimulava a sua hostilidade declarada à França». «Os representantes dos Estados Unidos em Hanoi, diz ainda, fazem abertamente o jogo dos nacionalistas indochineses dando-lhes um apoio ostensivo e mesmo espectacular». Para circular em Hanoi era preciso salvo-conduto das autoridades militares japonesas. Por isso o representante da França escrevia: «Um mês depois de Hiroshima e da capitulação japonesa, dezoito dias depois da minha chegada a Hanoi, para me deslocar em Hanoi sou obrigado a exibir um documento assinado por um militar japonês!». Para os franceses a situação agravava-se dia a dia. Com a chegada dos chineses, encarregados pela Conferência de Potsdam de desarmar os japoneses, verificou-se que estes eram acompanhados e escoltados por americanos, à frente dos quais se encontrava o general Gallacher, comandante das forças dos Estados Unidos no Sueste asiático. Este general declarara ao seu colega francês, Alessandri, que «haja o que houver a presença francesa na Indochina deve considerar-se terminada». O general Gallacher ignorava, por completo, os franceses e estabeleceu estreitas relações com o Vietminh. No primeiro comício que este realizou em Hanoi esteve presente aquele oficial americano o qual declarou, entre outras coisas, que os Estados Unidos receberiam de braços abertos os estudantes que para ali fossem enviados da Indochina.

Mudança de cenário

O interesse dos americanos pelo Vietminh, escusado será dizê-lo, era consequência do carácter anti-francês deste movimento revolucionário, cujas tendências comunistas os não impressionavam. Esse interesse só começou a desvanecer-se no final de 1945. A mudança nada tinha, porém, a ver com a política dos Estados Unidos em relação à França, a qual se conservou imutável. Resultou da desilusão que os americanos tiveram quando conheceram melhor os chefes do Vietminh. A semelhança do que aconteceu na Indonésia, julgavam eles que, apoiando os revolucionários contra as potências colonialis-

tas, substituiriam estas tomando conta das posições económicas vitais na Indochina. O general Gallacher, que entretanto foi nomeado chefe da missão militar americana na Indochina, regressou de Washington portador de propostas para a exploração das minas, caminhos de ferro, aeródromos, portos, etc., da nova Republica do Vietminh bem como de planos de financiamento para valorizar a sua economia. Mas as condições postas pelos americanos eram tais que os dirigentes do Vietminh as julgaram inaceitáveis, e as propostas levadas por Gallacher foram rejeitadas.

Foi essa uma das razões, e ponderosas, do rompimento dos americanos com aqueles dirigentes. Outras houve mais tarde, e uma delas foi a tentativa de aproximação entre o Vietminh e a França. Em 6 de Março de 1946, entre o representante do Governo francês, Sainteny, e Ho Chi Minh foi assinado um acordo nos termos do qual se previa a liquidação satisfatória de todas as divergências entre a França e o Vietminh, o que levou os representantes dos Estados Unidos a desinteressar-se então deste país e do resto da Indochina. Uma vez chegados a esse resultado voltaram-se os americanos para os elementos da direita, aos quais passaram a proteger abertamente, pois eram eles contrários à França e ao Vietminh, estando decididos a fazer o jogo dos Estados Unidos e a denunciar o acordo, celebrado em 6 de Março de 1946, o qual se destinava a pôr termo à guerra naquelas paragens.

ATTICUS

TRIBUNAIS

Acusados de actividades subversivas começaram a ser julgados no Plenário, quatro homens e uma senhora

No Plenário Criminal da Boa Hora, presidido pelo sr. desembargador Silva Caldeira, e tendo como juiz-adjunto do procurador-geral da Republica o sr. dr. Lopes de Melo, iniciou-se esta tarde o julgamento dos srs. José Martins, de 41 anos, trabalhador, da Pampilhosa da Serra; José Ferraz, de 58, estavador, de Tondela; António da Costa, de 65, marítimo, de Lisboa; Henrique da Glória Pato, de 31, seralheiro, também de Lisboa, e da sr.ª D. Guiomar dos Anjos José, de 52 anos, de Macedo de Cavaleiros, incriminados por actividades subversivas. Segundo o despacho de pronúncia, os quatro réus eram membros do Partido Comunista Português, desempenhando todas as tarefas de ligação, fazendo troca de mensagens do referido partido com os presos da cadeia do Aljube, e os dirigentes que estavam em liberdade, possibilitando desta forma a organização secreta e ilegal uma ligação permanente entre uns e outros, manobras indispensáveis não só ao comportamento dos presos e às fugas, mas também para as precauções a tomar no exterior.

O mesmo partido, afirma o documento jurídico, soube-se aproveitar da situação do réu José Martins que, há cerca de dezasseis anos, prestava serviço como servente do aludido estabelecimento prisional, o qual, em contacto permanente com os reclusos, não só levava e trazia recados ou mensagens (verbais ou escritas) para o exterior, como ainda de uns presos para os outros, fazendo isto a troco de pequenas importâncias que recebia.

Os acusados srs. José Ferraz e António Costa, segundo a acusação, faziam parte de um organismo existente na classe dos estivadores e recebiam imprensa clandestina. A sr.ª D. Guiomar dos Anjos José está cautionada em 2000\$00. Figuram duas testemunhas de acusação e dez de defesa. É patrono dos acusados o sr. dr. António de Sousa. A audiência não acaba hoje.

Lugares vagos

e a concurso

Na secretaria da Academia das Ciências de Lisboa recebeu-se até 20 do corrente, declarações de indivíduos do sexo masculino com mais de 21 anos e menos de 35, e com a habilitação mínima do 2.º ciclo dos liceus ou equivalente, para admissão como aspirante da secretaria.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Problemas da Educação pela Arte

sor que se considera actualizado, sem saber o que isso representa, com a seguinte narrativa: «Um jovem professor, recentemente convertido aos novos métodos de ensino da arte, mostrava às crianças reproduções de obras de pintores modernos e dizia-lhes, depois, que fechassem os olhos, enquanto fazia ouvir, também, música moderna. Pedia, então, aos alunos que abrissem os olhos, enquanto punha o disco de novo a tocar, e que utilizassem «os seus grandes pincéis sobre grandes folhas de papel com muitas e lindas cores». Logicamente, a maioria das crianças esforçava-se por reproduzir as pinturas que haviam visto, à excepção de um rapazito, que fez um desenho bastante vivo de uma casa com grande quantidade de fumo a sair da chaminé. O professor olhou-o com aspecto de censura: «Mas por que fizeste isto?... Eu tinha dito que hoje era dia de arte abstracta!». Por isso aconteceu termos visto, há anos, entre nós, é claro, uma exposição de arte abstracta infantil (não adolescentes).

● E' erro corrigir o que não se compreende

Uma criança quando desenha não comete «erros», quem, geralmente, os comete é o adulto ao «corrigir» o trabalho da criança. Os adultos não podem compreender verdadeiramente o mundo da fantasia criada pela criança e, por isso, é erro «corrigir» o que não se compreende. O que seria anormal era que a criança desenhasse como um aluno das Belas-Artes.

● A correcção em educação pela arte

Corrigir, significa rectificar. O que é «correcção»? «Correcto» é o

Excursão da F. N. A. T.

Com o objectivo de proporcionar aos seus beneficiários a assistência a uma interessante manifestação de carácter regional, a F. N. A. T. promove no próximo dia 11 do corrente uma excursão à Feira da Golegã. Os lugares ainda disponíveis podem ser requisitados na 2.ª Secção da F. N. A. T. — Calçada de Santana, 180.

artisticamente certo ou pedagogicamente certo. Corrigir não se refere, no sentido da pedagogia do desenho livre, absolutamente à certeza das coisas.

O que é o artisticamente certo e o pedagogicamente certo? No caso do desenho livre o «certo» significa a lei artística e a lei pedagógica. O educador tem de se familiarizar com ambas. Sabendo isto, sabe «corrigir».

● A motivação

As crianças necessitam de estímulos, confiança. «A criança deixada «livremente», entregue a si mesmo não floresce harmoniosamente e acaba por copiar calendários» (André Lhote).

A motivação nunca é lógica mas psicológica. «Dar às crianças todas as explicações necessárias para uma boa compreensão da ideia a ilustrar» é admitir simplesmente que as crianças sabem fazer ilustrações.

O professor, o educador, deve ter em mente um facto importante quanto à orientação. Esta é dada para ajudar as crianças a dizer o que querem e da maneira que o querem expressar. A orientação nunca é dada como receita para pintar de maneira que o professor ache preferível por motivos especiais.

● Técnicos e expressão criadora infantil

Uma boa técnica é um novo meio de expressão, ou, então, um meio de exprimir aquilo que ainda não se pôde dizer. A luta com a matéria é mesmo um aprendizado indispensável.

Todas as técnicas devem ser facultadas às crianças, sem esquecer que as qualidades técnicas não são qualidades senão quando auxiliem a expressão do sentimento ou a imitação expressiva da natureza.

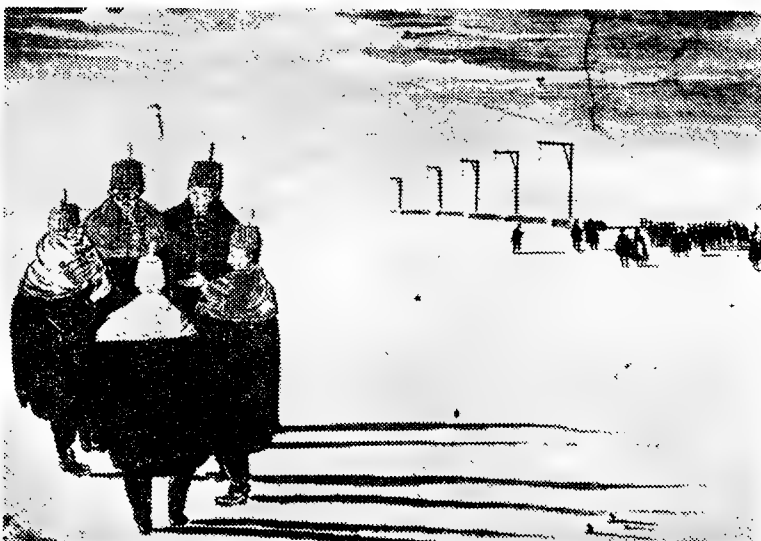
A restrição vulgar a um ou dois processos técnicos ou pelo lápis preto, em que a expressão do desenho se reduz à forma, e não à cor, ou só com lápis de cor, é um erro. Só multiplicando as técnicas propostas à criança com lápis, guache, giz, aquarelas, pastéis, papéis de cor, etc., isto é, dando-lhe oportunidades muito diversas de se exprimir, pondo-lhe à disposição, de certo modo, «várias linguagens» plásticas, é que há probabilidades de a conhecer bem.

M. M. C. de M.

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

O «TRIBUNAL» DOS LENTES...



Entre as pinturas murais que decoram (ou «indecoram») as paredes das «repúblicas» de Coimbra, alusivas à vida académica, destaca-se esta curiosa composição, em que os estudantes, junto das forças já erguidas, aguardam a decisão — de vida ou de morte — do «tribunal» dos lentes... A ironia desta pintura ganha nova actualidade, na altura precisamente em que o reitor da Universidade coimbrã alude ao «baixo rendimento escolar», que «deveria diplomar cerca de 800 estudantes por ano e não menos de 300» (256 na época escolar finda, isto é, um aproveitamento médio de 33 por cento, comparado com 80 por cento das universidades britânicas).

Cursos médicos em Amsterdão e Antuérpia sobre medicina tropical

Os institutos holandeses e belgas de medicina e de higiene tropical conjugaram os seus esforços para organizar, com a colaboração da Fundação das Universidades Neerlandesas para a Cooperação Internacional (N. U. F. F. I. C.), da Haia, e o Organismo de Cooperação para o Desenvolvimento (O. C. D.), de Bruxelas, um ciclo de cursos capazes de interessar os médicos desejosos de orientarem a sua actividade no sentido dos países em vias de desenvolvimento.

Estes cursos internacionais incluem simultaneamente o estudo da evolução do desenvolvimento sanitário e o ensino dos problemas relativos à higiene e às doenças tropicais.

A primeira sessão deste curso será feita em Amsterdão, no Real Instituto Tropical, passando depois os cursos a funcionar alternadamente naquela cidade e em Antuérpia.

Depois do curso, ministrado em inglês ou francês, os aprovados

ÚLTIMA LIÇÃO do vice-reitor do Liceu de Camões

No ginásio do Liceu de Camões efectua-se no sábado, às 11 horas, a última lição do sr. dr. Manuel da Ressurreição Vicente, vice-reitor daquele estabelecimento, que atingiu o limite de idade. Ser-lhe-á prestada, então, uma significativa homenagem.

Vai ser pedida a criação da escola técnica do Seixal

O ministro da Educação Nacional recebe esta tarde, no seu gabinete, o vice-presidente do Município em exercício e a vereação do Seixal, que, acompanhados do chefe do distrito de Setúbal, lhe vão expor alguns dos problemas que se prendem com a projectada criação da escola técnica daquela vila. O vice-presidente sr. Guilherme Martins, deverá ler uma extensa exposição, na qual se salientam todas as razões que militam a favor de tão, justa pretensão

obtem um diploma de «Desenvolvimento da Saúde Tropical».

O curso custa 450 dólares americanos, prevendo-se a hipótese de concessão de bolsas de estudo.

Quaisquer informações podem ser obtidas na «Fondation des Universités Néerlandaises pour la Coopération Internationale» (N. U. F. F. I. C.), Molenstraat, 27, la Haye, Holanda; e no «Office de la Coopération au Développement», 55, Avenue de la Toison d'Or, Bruxelles, Belgique.

NOMEAÇÕES para cargos universitários

Foi nomeado director dos Serviços Técnicos dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique o eng.º Hernani Moraes e Castro.

O dr. Cotelto Neiva foi nomeado director, interino, do Museu e Laboratório Zoológico anexo à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

O dr. Guilherme César da Silva foi nomeado professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Sessão preparatória do Curso de Aperfeiçoamento Profissional para Professores

No próximo dia 10 realiza-se na sede do Sindicato Nacional dos Professores, Rua do Salitre, 80, uma sessão preparatória do Curso de Aperfeiçoamento Profissional para Professores.

Destina-se a reunião a estabelecer convívio entre os professores, inscritos e prelectores, para a compreensão da importância da psicologia de grupo na sua vida profissional. A reunião efectua-se às 10 horas e tem o seguinte programa de trabalhos: grupos de trabalho, almoço, grupos de formação, intervalo; chá oferecido pelo Sindicato. 3.ª sessão dos grupos de formação, intervalo; 4.ª sessão dos grupos de formação.

As sessões diurnas irão das 10 às 19 e 30; a última sessão (5.ª) de grupos de formação será depois das 20 horas, consoante a decisão a tomar de comum acordo no próprio dia.

Ao contrário do que informámos a lição sobre «O método expositivo e o método interrogativo» será feita pelo professor José Marinho.

Cadeiras e professores dos cursos teóricos dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique

Já estão em funcionamento nos Estudos Gerais Universitários de Moçambique as seguintes disciplinas: Física-Médica (dr. José Veiga Simão); Biologia Médica (dr. Xavier da Cunha); Anatomia Descritiva (dr. Simões de Carvalho); Curso Geral de Química, Química Geral e Análise e Química Biológica (dr. Simões Redinha); Química Inorgânica (dr. Aristides Hall); Matemáticas Gerais (dr. Renato Pereira Coelho); Botânica Agrícola (dr. Mesquita Rodrigues); Histologia e Embriologia (dr. Correia Madeira); Geometria Descritiva (dr. Graciano de Oliveira); Ciências Pedagógicas (dr. Ribeiro Soares); Parasitologia e Entomologia (dr. J. Tendeiro); Curso Geral de Mineralogia e Geologia (dr. Correia Neves).

O funcionamento das aulas práticas está de um modo geral dependente da conclusão dos respectivos laboratórios.

No intuito de tentar minorar os inconvenientes, que um atraso no início dos cursos práticos acarreta, foram tomadas disposições que permitam no decurso desta semana o início dos cursos práticos nas cadeiras das secções de Matemática, Medicina Veterinária e Anatomia Descritiva.

Em relação às Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais, as aulas práticas das respectivas cadeiras, serão, na medida do possível, substituídas por lições teórico-práticas e de acordo com o horário que também se encontra afixado.

Dificuldades de transporte para os alunos da Escola Técnica de Pombal

SOURE, 5. — Os novos horários dos comboios, em vigor desde o passado dia 1.º, estão a causar graves transtornos a cerca de meia centena de rapazes, que habitam nesta região e têm de se deslocar diariamente a Pombal, onde frequentam os cursos nocturnos da Escola Técnica ali existente.

Pelo horário antigo, aqueles alunos regressavam a suas casas num comboio que chegava a Pombal às 23 horas. Pelo novo horário, aqueles estudantes só possuem comboios para regressar a suas casas às 21 e 30 ou às 2 e 30 da madrugada. A esses estudantes põem-se três hipóteses: ou desistir de trabalhar no dia seguinte, quer dizer, deixar de trabalhar sempre, desistir de estudar, ou enriquecer para comprar um meio de transporte que concilie ambas as hipóteses.

Não poderia a C. P. dar um pequeno jeito nesta situação, de modo que os cinquenta alunos possam continuar a trabalhar de dia e estudar à noite?

SEMENTES DE FORRAGENS

ANAPA BERSIM CESIRNA LUZERNA E RVILHACAS TREMOILHAS SERRA DELA TREVOS, ETC.

Jose Afonso Duarte, Lda

Rua de S. Nicolau, 24 — Rua de S. Mamede, 29 — Avenida Paris, 22-B
Telef. 86 90 46 — LISBOA

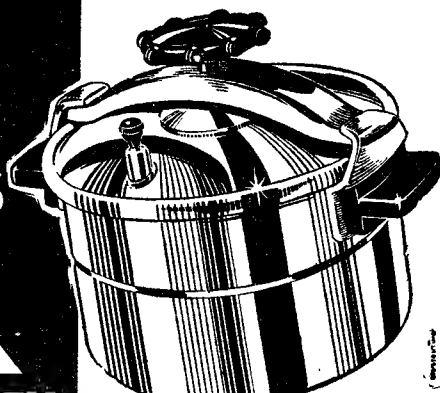
FOLHA-DE-FLANDRES SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA, - RUA D. JOAO V. 7-1
LISBOA - TELEF. 68 41 41/2/3

5

PANELAS

SEB

PRODUZIDAS EM CADA MINUTO



5 MILHÕES DE PANELAS JÁ VENDIDAS NA EUROPA ATESTAM A SUA ALTA QUALIDADE

E PORQUE SÃO PREFERIDAS EM TODO O MUNDO SÃO TAMBÉM AS MAIS IMITADAS

CERTIFIQUE-SE AO COMPRAR UMA PANELA SEB SE É DE FACTO UMA



- A única que pode ser aberta em pleno funcionamento sem inconvenientes.
- A única cuja tampa em caso de emergência funciona como válvula de escape.
- A única feita em alumínio 99%, puro e laminado.
- A única que lhe oferece gratuitamente um belo livro de receitas de grande valor.

REPRESENTANTES:

Representações SATÉLITE, LDA.

Av. Miguel Bombarda, 1, 1.º, Esq. — Lisboa — Telef. 45837-734610

A venda em todas as boas casas da especialidade

Boletim do dia

HA 30 ANOS
O «Diário de Lisboa» de 7 de Novembro de 1933 publicava:

«Um técnico francês acaba de inventar um gramofone em que o disco é substituído por um filme idêntico ao do cinema sonoro. Além de oferecerem muito mais resistência ao desgaste, os filmes dão a mesma pureza de sons e eliminam o ruído característico dos discos. E, ao passo que o disco normal dá apenas uma audição de quatro minutos por cada face, uma bobina de 25 centímetros de filmes, equivalente ao tamanho dos discos vulgares, permite uma audição ininterupta de 45 minutos.

«Em aparelhos munidos de um dispositivo especial, a audição pode ser de quatro horas e meia, ouvindo-se uma ópera inteira sem mudar de bobina.

«Conclusão: o velho gramofone defende-se da T. S. P.»

RÁDIO

EMISSORA — Programa A — 451 m — 655 kc/s — As 18, Noticiário; 18 e 10, Música de dança; 18 e 45, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19, Crónica Etnográfica; 19 e 10, Concerto pelo sexto de cegos; 19 e 30, Rádio Mocidade; 20, Melodias pela Orquestra Franck Pourcel; 20 e 15, Jornal sonoro; 20 e 35, A nossa terra; 21, Noticiário — Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 45, Teatro das comédias «Cinna», de Corneille; 22 e 18, 20 minutos com Maria da Graça; 22 e 45, Jornal sonoro, 2.ª emissão; 23, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10, O conjunto «Os Índios»; 23 e 20, Onde a Terra acaba e o Mar começa; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — As 18, Música portuguesa: excertos da «Missa obrigada a instrumentos de sopro» (João de Sousa Carvalho); excertos de «Stabat Mater» (Luciano Xavier dos Santos); 18 e 50, Noticiário regional; 19, Intérpretes musicais; 20, Noticiário; 20 e 15, Recital pelo pianista Joel Belo Soares; 20 e 45, Música e poesia, por Judite Navarro; 21 e 5, Música sinfónica de Israel (Ben-Haim), pela Orchestre Symphonic of the Air, dirigida por Leopold Stokowky; 21 e 25, Horizonte, semanário de letras e artes; 22, O programa internacional «A Voz do Ocidente»; 24, Encerramento.

Modulação de frequência — As 22, Música do século XX, obras de Alban Berg; 23 e 35, Música coral, de Marenzio, pela Sociedade Coral, dirigida por Rodolfo Lamy; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

RADIO CLUBE — As 18, Artista; 18 e 15, Espelho de utilidades; 18 e 45, Interlúdio feminino; 19, Variedades; 19 e 45, Noticiário; 20 e 15, Canções; 20 e 30, «Magazines»; 21, Noticiário; 22, «A Prima Bandó em Lisboa»; 22 e 15, Artista; 22 e 30, Conjuntos; 22 e 45, Vozes de Portugal; 23 e 30, Canções; 23 e 45, Noticiário; 24, Programa «Meia-Noite»; 6 horas Boletim meteorológico.

Emissor de Miramar — As 18, Ritmos de baile; 19, Interlúdio feminino; 19 e 15, Uma orquestra; 19 e 45, Canções; 20, Noticiário; 20 e 10, Melodias; 20 e 30, Canções portuguesas; 21, Noticiário; 21 e 15, Programa Só-rádio; 21 e 30, Programa «jazz»; 21 e 50, Paisagem intelectual; 22 e 15, Brasil; 22 e 45, Variedades; 23 e 15, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 0 horas, Programa «Meia-Noite»; 0 e 45, Noticiário; 1 e 30, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18, Passatempo para o lar; 18 e 25, Leitura do boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5, Colóquio, Programa dos alunos do Seminário Maior do Porto; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, O seu programa; 20, Agenda musical; 20 e 30, Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50, A hora do Concílio; 21 e 10, Lugares a concurso; 21 e 15, O disco preferido; 22, Quando o telefone toca; 22 e 30, Chuva de estrelas; 23, A 23.ª hora; 2 horas, Encerramento.

Estação do Porto — As 18, Caixa de música; 18 e 15, Saudação da tarde; 18 e 30, Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19

e 5, Programa Colóquio; 19 e 25, Boletins religioso e de filmes; 19 e 30, O seu programa; 20, França, horizonte do Mundo; 20 e 15, Oca enquanto janta; 20 e 30, Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50, A hora do Concílio; 21 e 10, Lugares a concurso; 21 e 15, O disco preferido; 22, Calendário; 22 e 30, Chuva de estrelas; 23, A 23.ª hora; 2 horas, Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — As 17 e 2, Nota de abertura ou saudação musical; 17 e 5, Feira do livro; 17 e 15, As últimas gravações; 17 e 30, Rapariga de hoje; 17 e 45, Noticiário; 17 e 50, O último disco.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22, Rádio Peninsular; 22 a 1, Voz de Lisboa; 1 a 2, Clube Radiofónico de Portugal.

para o seu transistor
DIALUX
a pilha de confiança

TELEVISÃO

Hoje — As 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Homens do Mar; 20, Taça dos Campeões Europeus — resumo filmado do jogo Benfica-Borussia — comentários de Alves dos Santos; 20 e 20, Rosa dos Ventos; 20 e 45, Desenhos animados; 20 e 55, «Vida sã em corpo sã»; 21 e 20, Telejornal; 21 e 50, Boletim meteorológico; 21 e 55, «Folhas de Outono» — um programa musical com a colaboração de Simone de Oliveira, Artur Garcia e Manuel Lereño; 22 e 25, Toiros; 22 e 40, Documentário: «Vila Verdi».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda	C.ª Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T 10 ...	—	633\$00	634\$00	Cimentos Tejo	—	700\$00	760\$00
Cons. 3 % T 10	—	663\$00	665\$00	Cimentos Leiria	—	—	700\$00
Cons. 3 1/2 % T 10 ...	—	787\$00	789\$00	Crédito Predial	—	—	—
Centenário 4 % 1940...	1.812\$00	1.810\$00	1.812\$00	Industrial Aliança	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	1.010\$00	1.009\$00	1.011\$00	Portugal e Colónias ...	—	700\$00	730\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.007\$00	1.010\$00	Nacional Navegação ...	651\$00	650\$00	660\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.010\$00	—	Colonial Navegação ...	—	410\$00	420\$00
Externo 1.ª série	—	1.195\$00	—	Port. de Celulose	3.900\$00	3.880\$00	3.990\$00
Ext. 1.ª série car.	—	—	1.195\$00	Portuguesa de Pesca ...	—	1.000\$00	1.020\$00
Externo 2.ª série	—	1.195\$00	—	Port. de Tabacos	247\$00	246\$00	248\$00
Ext. 2.ª série car.	—	—	1.230\$00	Tabacos de Portugal ...	530\$00	525\$00	540\$00
Externo 3.ª série	—	—	—	Aguas, Electricidade e Gás	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.310\$00	1.315\$00	Aguas Lisboa 1934 ...	—	355\$00	360\$00
Caut. 3.ª série s/l.	—	233\$00	—	Aguas Lisboa 1936 ...	—	330\$00	—
Obrigações	—	—	—	Eléct. das Beiras	—	1.510\$00	1.515\$00
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—	Gás e Electricidade ...	330\$00	329\$50	330\$50
Norte de Portugal 5 %	—	104\$00	—	H. Alto Alentejo	159\$00	158\$50	159\$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	965\$00	H. E. Cávado	1.112\$00	1.112\$00	—
Gás Elect. 4 %	—	—	965\$00	H. E. Zêzere	1.250\$00	1.250\$00	1.255\$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	980\$00	990\$00	Nac. de Electricidade...	—	1.225\$00	1.230\$00
Gás Elect. 5 %	—	1.002\$00	1.006\$00	União Eléctrica Port...	161\$50	161\$00	163\$00
U. E. P. 3 3/4 %	90\$50	90\$00	91\$00	H. do Douro	1.062\$00	1.062\$00	1.070\$00
U. E. P. 4 % 1945 ...	91\$00	91\$00	—	H. Portuguesa	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	—	—	H. E. S. Estrela	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	Sacor	—	3.950\$00	4.000\$00
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	99\$00	99\$50				
U. E. P. 5 % 1952 ...	—	—	—				
H. do Douro	996\$00	996\$00	998\$00				
H. E. S. Estrela	—	—	1.005\$00				
C. P. 4 1/2 %	1.016\$00	1.015\$00	—				
Metropolitano	960\$00	959\$00	963\$00				
Ações	—	—	—				
Bancos	—	—	—				
Alentejo	—	—	650\$00				
Angola	—	1.275\$00	1.650\$00				
Espírito Santo	—	7.000\$00	7.500\$00				
Lisboa & Açores	—	—	—				
Portugal	—	1.300\$00	1.400\$00				
Ultramarino	—	1.080\$00	1.085\$00				
Agricultura	—	55\$00	58\$00				
Seguros	—	—	—				
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	—	370\$00	400\$00				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	1.350\$00	1.500\$00				
C.ª Ultramarinas	—	—	—				
Ag. Cassequei	570\$00	565\$00	575\$00				
Ag. das Neves	—	—	150\$00				
Ag. Colonial	—	—	—				
Acucar de Angola	670\$00	665\$00	680\$00				
Boror	—	103\$00	—				
Cabinda	—	12\$00	15\$00				
Cadá	—	1.200\$00	1.350\$00				
Colonial do Buzi	—	65\$50	67\$00				
Ilha do Príncipe	—	—	—				
Incomati	—	900\$00	—				
Mocambique	34\$00	33\$00	34\$00				
Zambézia	—	43\$00	45\$00				
Diamantes	417\$00	416\$00	418\$00				
Lobito	—	340\$00	360\$00				

nho, ontem e hoje»; 22 e 55, «Dr. Kildare»; 23 e 45, Telejornal, 23 e 55: Fecho.

Amannã — A's 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Desenhos animados; 19 e 55, «Página 4»: ambiente e decoração e passagem de modelos; 20 e 20, «Let's Learn English», aprenda inglês pela Televisão (o «Diário de Lisboa» publica hoje o respectivo vocabulário); 20 e 45, «Desporto e Natureza»; 21 e 20, Telejornal; 21 e 50, Boletim meteorológico; 22, Seleção policial; 23, Variedades; 23 e 55, Telejornal; 24, Fecho.

MARES

PRAIA-MAR
Dia 7 — As 7 e 21 (3,73 m);
20 e 10 (3,44 m).
Dia 8 — As 8 e 32 (3,57 m);
21 e 16 (3,30 m).
Dia 9 — As 9 e 30 (3,49 m);
22 e 22 (3,30 m).

BAIXA-MAR
Dia 7 — As 0 e 27 (1,48 m);
13 e 10 (1,46 m).
Dia 8 — A 1 e 30 (1,74 m);
14 e 36 (1,62 m).
Dia 9 — As 2 e 50 (1,88 m);
15 e 55 (1,66 m).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS
AVENIDA — As 21 e 45: «Vamos contar mentiras».

CINEMAS
EDEN — «Patrulha 109».

POLITEAMA — «Cantinflas, faz tudo»
OLIMPIA — «A águia e o falcão»
CAPITÓLIO — «Ouro negro»
AVIS — «Poder diabólico»
ARCO-IRIS — «O corsário Lafitte»
ROYAL — «Coragem é a senha»
VOZ DO OPERÁRIO — «A beia americana»
RESTELO — «A salamandra de ouro».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45: «O gato»
ABC — As 20 e 45 e às 22 e 45: «Chapéu alto»
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «O pá, não fiques calado!»

CINEMAS

TIVOLI — «A fronteira do pecado»
S. LUIZ — «Entre marido e mulher não metas... outra mulher»
MONUMENTAL — «Cleopatra»
S. JORGE — «A fronteira da noite»
IMPÉRIO — «Dois homens e uma mulher»
CONDES — «Processo sensacional»
ALVALADE — «Entre marido e mulher não metas outra mulher»
ODEON — «Sangue na arena»
ROMA — «Processo sensacional»
LVS — «Uma rapariga chamada Tamiko»
S. L. BENFICA — «Passageira clandestina»
CHIADO TERRASSE — «Siga a Marinha»
JARDIM CINEMA — «Sabrina»
PROMOTORA — «Uma voz na escuridão»
CAMPOLIDE — «O limite é o inferno»
IDEAL — «A passagem do Reno».

FARMÁCIAS

TURNO

(Ver pelos oitros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Lúcia Almeida, Calçada da Ajuda 170 (637318)
ALCANTARA — Proibidade, R. Alcântara 15-A-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário 74 (866360)
ANJOS — Guerra & Andrade, 32-36 (845513)
AREIRO — Belmar, Av. Roma, 53 (776314) * Central do Areiro, Av. Paris 2 e 2-A (720820)
ALTO DO PINA — Ensil, R. Barão de Sabrosa 104 (841912)
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) * Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira 57 (765262) * Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) * Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América lote 373 (725859)
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis 145 (50487)
AVENIDA DA LIBERDADE — Galé, R. das Pretas, 12-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor 28 (772291) * Palma, Av. Duque de Avila, 25 (47088) * Arga, Lda., Av. Praia da Vitória 53 (43938) * Latina, Av. António Augusto de Aguiar 17 (42312)
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida 36-B (44000)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27-41 (389216)
BAIXA — Internacional, Rua do Ouro, 228-230 (32017-32023)
BEATO — Grilo, R. do Grilo, 25
BELEM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira 11-C (Pedrouços) (610741)
BENFICA — Marques, Est. de Benfca 648 (700096) * Vitex Est. de Benfca, 373-B (780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) * Condestável, R. Coelho da Rocha 119 (666206)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) * Rualto, Lda., Rua do Alto Carvalho 5-A/5-B (651721)
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283 (763016 e 765635)
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa 33-35 (780181)
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969)
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26 (45048)
ESTRELA — Aurelio Rego, Calçada da Estrela, 139 (661758)
GRACA — Brito, R. do Vale de Santo António 7-9 (840125) * Progressiva, R. de St. Marinha, 18 (863619)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 90 (661003) * Marcos do Nascimento, Calçada Marques de Abrantes, 36-A (64238)
LUMIAR — Patuleia Herdeiros, R. Lumiar 122-124 (790332)
MARQUES DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano 28 (40536)
OLIVAIS — Simão, Rua D. 1, lote K, 4 Av. Entre Aeroportos (388581)
PALHAVA — Curie, Av. Madame Curie 15-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-C (720703 e 728395)
PRINCEPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (27880)
REGO — Prates e Mota, 3 Beneficência 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio 29-A-B (637070)

Médico permanente
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS
766146
Injeções — Tratamentos — Velas
— Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
— TELEFONE 766161 —

O 56.º ANIVERSÁRIO do Grupo dos Cinco Reis

O simpático Grupo dos Cinco Reis, da Rua da Graça — detentor da medalha de prata «Bem Fazer», está a festejar o 56.º aniversário da sua fundação. O programa inclui campeonatos de jogos de sala, sessões de cinema, bailes, almoço de confraternização e uma sessão solene, esta no dia 24, às 17 horas, durante a qual serão apresentadas 56 crianças que a colectividade vai vestir e calçar. Nessa altura serão entregues emblemas de prata, de antiguidade, a sócios com 25 anos de inscrição.

AS CONVERSACÕES NA O. N. U. Abriu o ano lectivo no Instituto Naval de Guerra

Continuação da 1.ª página

diálogo devia ser criar as condições necessárias para negociações directas entre Portugal e os representantes autênticos dos povos sob sua administração com vistas ao seu acesso à independência.

4 — Depreciando-se claramente dos contactos entre os delegados africanos em Nova York e os representantes do Governo português que esse não é o objectivo de Portugal.

5 — Nessas circunstâncias, o grupo africano nota que não existem no presente momento as condições requeridas para entabular negociações frutuosas com Portugal.

6 — O grupo africano é de opinião que a possibilidade de quaisquer novas conversações com Portugal deve ser deixada à discreção da Organização da Unidade Africana.

7 — E' desnecessário dizer que os debates previstos nos diversos órgãos das Nações Unidas relativamente aos territórios sob administração portuguesa prosseguirão normalmente.

Os países africanos que tomaram parte nas conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Portugal foram os seguintes: Libéria, Madagascar, Serra Leoa, Tunísia, Nigéria, Tânger, Gambia, Guiné e Marrocos. Realizaram-se oito reuniões no gabinete do secretário-geral da O. N. U. durante a segunda quinzena do mês passado. — (F. P.).

A IDEIA DE NOVAS CONVERSACÕES NÃO ESTÁ POSTA DE PARTE

NOVA YORK, 7. — (Por Gerald Ratzen). — Os Estados africanos nas Nações Unidas decidiram apresentar a questão dos territórios de Portugal em África ao Conselho de Segurança em vez de recomencarem conversações directas com o Governo português — segundo disseram ontem fontes bem informadas das Nações Unidas.

A principal razão para esta decisão é a recusa dos africanos de aceitarem a definição de Portugal sobre autodeterminação para os territórios de Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa — segundo dizem as referidas fontes.

A decisão de não recomencarem as conversações que começaram nas Nações Unidas no mês passado sob os auspícios do secretário-geral, U Thant, foi tomada numa reunião particular do grupo de 32 Nações africanas.

Num relatório enviado ao Conselho de Segurança no dia 31, U Thant disse que novas conversações sobre questões vitais, que não

fossem as de autodeterminação, poderiam ser efectuadas «como mutuamente» aceite num futuro próximo.

O TANGANICA E O CONGO ACUSAM PORTUGAL DE «ACTOS AGRESSIVOS»

Outro factor para a decisão de ontem foram as acusações renovadas por parte do Tanganica e do Congo (Leopoldville) de «actos agressivos» por parte de Portugal — dizem as mesmas fontes.

O Governo do Congo tem acusado Portugal de projectar afundar navios para bloquear a foz do rio Congo.

Na semana passada, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Tanganica, Oscar Cambona, alegou que soldados portugueses tinham raptado nove cidadãos do Tanganica perto da fronteira de Moçambique.

Fontes geralmente fidedignas dizem que os africanos não põem de parte a possibilidade de conversações, em fase posterior, no caso de Portugal modificar a sua atitude quanto à autodeterminação.

As mesmas fontes dizem não ter sido fixada data para a reunião do Conselho. — (R.).

A REUNIÃO AFRICANA DO DIA 3 EM ACCRA

NOVA YORK, 7. — A decisão de interromper as conversações com o Governo português foi tomada anteontem à noite numa reunião dos representantes dos 32 países africanos membros das Nações Unidas com o pretexto de que, não coincidindo o conceito de autodeterminação expresso pelo ministro Franco Nogueira com aquilo que os africanos entendem por autodeterminação — ou seja, o primeiro passo para a independência — é inútil prosseguir nos debates, devendo pois o diferendo transitar de novo para o Conselho de Segurança.

A reunião efectuou-se, ao que parece, a pedido dos representantes do Governo de Leopoldville, e na sequência da decisão tomada no dia 3, em Accra, capital do Gambia, pela «Comissão de Assuntos de Defesa» da Organização da Unidade Africana, relativamente à ameaça que o Governo de Leopoldville diz existir, de que os portugueses venham a bloquear, por meio de navios expressamente afundados, a foz do rio Congo ou Zaire.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de 29 países africanos, reunidos em Accra, no âmbito da re-

ferida comissão, haviam aprovado uma resolução em que se ameaça Portugal com «disposições colectivas apropriadas», no caso dos portugueses virem, efectivamente, a bloquear o acesso ao porto congolês de Matadi.

UMA «QUEIXA COLECTIVA» PODERÁ SER APRESENTADA ESTA SEMANA AO CONSELHO DE SEGURANÇA

Os ministros haviam decidido também que fosse apresentada por toda esta semana uma «queixa colectiva» ao Conselho de Segurança e que por intermédio do Governo de Leopoldville fosse intensificado o auxílio africano aos chamados «nacionalistas» de Angola.

Os observadores, entretanto, creem, que a iniciativa tomada pelos congoleiros resulta das reacções de certos grupos internacionais de pressão ao modo como haviam decorrido as conversações directas entre o ministro Franco Nogueira e os africanos, sob o patrocínio do secretário-geral das Nações Unidas, Thant.

NÃO SE ESPERAVA QUE FOSSEM TÃO RADICAIS AS DECISÕES TOMADAS

Parece fora de dúvida que os países africanos sobre os quais esses grupos de pressão exercem maior influência são, presentemente, a República de Leopoldville, o Tanganica, a R. A. U. e a Argélia. E' de assinalar que nas horas imediatamente anteriores à reunião de anteontem dos delegados africanos, o subsecretário da O. N. U., Godfrey Amachree teria desenvolvido — segundo se afirma em determinados círculos — uma intensa actividade, tentando conseguir que não se interrompessem os contactos directos, sob os auspícios de Thant, entre portugueses e africanos.

A reunião de anteontem dos africanos efectuou-se à porta fechada e nos meios bem informados das Nações Unidas não se esperava que fossem tão radicais as decisões tomadas, sinal de que a última hora se exerceram poderosas influências sobre muitas delegações africanas, as quais, até então, se haviam mostrado relativamente moderadas.

A COMISSÃO DE CURADORIAS TALVEZ SE OCUPE AINDA ESTA SEMANA DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

Sobre os resultados da reunião não foi possível obter qualquer comentário nos meios relacionados com a delegação portuguesa.

Entretanto, a Comissão de Curadorias, que tem como actual presidente um dos mais acérrimos inimigos de Portugal, Achkar Maroe, delegado da República da Guiné, distribuiu, ontem, o texto de um memorando assinado por Amílcar Cabral, que se denomina secretário-geral do Partido Africano da Independência da Guiné (Portuguesa) e de Cabo Verde. Cabral apela para a O. N. U., a fim de atingir o seu objectivo, esperando-se que a Comissão de Curadorias se ocupe ainda esta semana dos territórios ultramarinos portugueses. — (A. N. I.).

DESAPARECEU

uma embarcação de pesca com dois homens a bordo

CAMINHA, 7. — A tripulação de um barco de pesca encontrou a boiar, na foz do rio Minho, um cesto e um remo que logo se suspeitou pertencerem a alguma embarcação desta vila.

Comunicado o facto, verificou-se que aqueles utensílios pertenciam a uma embarcação a remos, tripulada pelo arrais José da Silva, «O político», viuvo, que levava como camarada Manuel Amorim, «O Neto», casado. Ambos haviam largado ontem para o mar, pelas 18 horas, e ainda não tinham regressado.

Abriu o ano lectivo no Instituto Naval de Guerra

Efectuou-se esta tarde, no Instituto Superior Naval de Guerra, na Junqueira, a sessão solene de abertura do ano lectivo (cursos superior e geral) daquele estabelecimento de ensino da Armada.

Presidiu o Chefe do Estado, que chegou ali cerca das 15 e 15, na companhia de oficiais da sua Casa Militar. Foi recebido pelo sr. almirante Fernando Quintanilha, ministro da Marinha, e pelos srs. almirante Vasco Lopes Alves e comodoro Joaquim José Teixeira, respectivamente, director e subdirector do Instituto.

No átrio do Instituto, o sr. Presidente da Republica foi cumprimentado por várias individualidades, entre as quais os srs. ministros da Defesa Nacional e do Exército, secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado do Exército, etc.

Depois de descansar alguns momentos no gabinete da direcção, o Chefe do Estado dirigiu-se para o anfiteatro, onde decorreu a sessão solene.

Abriu a sessão o sr. almirante Vasco Lopes Alves, que fez um relato sobre as actividades do Instituto durante o ano lectivo findo e apresentou o programa do ano agora iniciado.

A seguir foi concedida a palavra ao sr. capitão-de-mar-e-guerra médico dr. Ginja Brandão, professor do Instituto, que proferiu a «Oração de Sapiência», subordinada ao tema «Serviços de Saude no Planejamento das Operações Navais».

Por fim, o Chefe do Estado procedeu à entrega dos prémios atribuídos aos melhores alunos do ano lectivo de 1962-1963. O prémio «Almirante Américo Thomaz», do curso superior, coube aos srs. capitães-de-mar-e-guerra Sequiera Araújo e

Pereira Crespo; com o prémio «Almirante Botelho de Sousa», do curso geral, foram distinguidos os srs. capitães-tenentes Coelho da Fonseca e Alfredo de Oliveira.

UMA CRIANÇA mortalmente intoxicada com os restos de um banquete de casamento

PORTO, 7. — No passado domingo, celebrou-se, em Canelas, Vila Nova de Gaia, o casamento de dois jovens, união que, segundo pessoas da vizinhança, era contrariada pelos pais do noivo.

Apesar de tudo, o enlace celebrou-se. Finda a cerimónia religiosa, efectuou-se a boda, e um dos pratos servidos aos convidados foi carneiro assado.

Entretanto, algo ocorreu de triste. Os restos da comida foram dados a um casal pobre, que reside nas proximidades, constituído pelo trabalhador Adriano de Almeida e sua mulher Flora de Jesus Soares, os quais têm três filhos, Gaspar, Isidro e José Soares de Almeida de 2, 5 e 10 anos.

Hoje, e devido a intoxicação, morreu no hospital a mais nova das crianças. Os seus irmãos, bem como os pais, também se encontram ali internados. Os pais da noiva, igualmente intoxicados, permanecem de cama, em sua casa.

Diz-se que havia, nessa boda, comida envenenada, pelo que se admite que haja averiguações.



O general Francisco Chagas, secretário de Estado da Aeronáutica (à direita) ao receber hoje a visita de cumprimentos do novo embaixador dos Estados Unidos, almirante George Anderson

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental o vento era fraco; o céu estava muito nublado e chovia no litoral para norte da foz do Douro, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação conjunta de uma depressão centrada a oeste das Ilhas Britânicas e de um anticiclone centrado a nordeste da Madeira.

TEMPERATURAS VERIFICADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: na água do mar, 16,2; e na atmosfera, 17,5. TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 11; Portalegre, 11; Coimbra, 11; Lisboa, 14; Faro, 13; Funchal, 19.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 19; mínima, 10,7. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14,5; mínima, 8,2.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ: Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de oeste; possibilidade de chuviscos, nas regiões para norte do Mondego; pequena subida de temperatura.



LUMIAR

IRRADIA A LUZ DO DIA

Já experimentou a nova lâmpada LUMIAR?

PRATEX
Use-o nos prateados, nas casquinhas e pratos!

DOIS DOS MAIORES ESCRITORES DESTA SÉCULO

BERTOLT BRECHT | JOHN DOS PASSOS

TEATRO — II

O círculo de giz caucasiano
Ascensão e queda da cidade de Mahagonny

PARALELO 42

«U. S. A.» — I

EM DISTRIBUIÇÃO AMANHÃ, 8 DE NOVEMBRO

A quem nos solicitar enviaremos o folheto informativo sobre o nosso sistema de vendas a prestações com a nova modalidade de CRÉDITO PERMANENTE, que lhe permitirá ter sempre ao seu dispor o livro de que precisa

MAIS DE MIL TÍTULOS DE CATÁLOGO

PORTUGÁLIA EDITORA

AVENIDA DA LIBERDADE, 13, 3.º
LISBOA - 2

CASA DE PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

AMANHÃ ANDA A RODA

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Vida literária e artística

NÚMERO 275
7 - NOVEMBRO - 1963

EXPOSIÇÕES DE ARTE NA CIDADE-LUZ:

- III Bial
- Escola de Paris
- Salão de Outono

(Ler notícia na página central)



SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

VARIAÇÕES SOBRE UM GASTO BORDÃO

por José Rodrigues Miguéis

DE René Fulop-Miller, que recentemente morreu com 72 anos nos E. U. A., onde se expatriara em 1930, li há muito, e desde então esqueci. O *Triunfo sobre a Dor*. Não o tendo agora à mão, não posso jurar se o confirmo ou contradigo ao dizer que dele me ficou a noção de que a dor não é apenas o sinal de alarme de doença ou lesão orgânica (que em muitos casos não dá sinal), mas um instrumento de expressão, comunicação e influência. Basicamente somática — pois nada do que experimentamos, ainda que só em pensamento, acontece fora ou independentemente do corpo que somos, inclusive as «sensações» de que se queixam certos mutilados, no lugar do membro que perderam — nem por isso a dor é menos um fenómeno psíquico, com ser o cérebro que a consciencializa e ela-



Romain Rolland

Edição em Portugal do livro «Sentimento Lusitano»

de Ribeiro Couto

Em nota breve que escreveu para a abertura da edição agora realizada em Portugal do seu livro «Sentimento Lusitano», escreveu ainda Ribeiro Couto que os respectivos originais foram enviados à Livraria Martins Editora, de São Paulo, em 1957, mas só vieram à luz, em volume, nos princípios de 1962. Foi em Maio que o livro chegou até nós, remetido do diplomático exilado ao grande e saudoso poeta na Embaixada da sua Ilendárska, em Belgrado. E logo em Junho seguinte se fez neste Suplemento o comentário que as belas e emocionadas páginas justificavam, na sua quente expressão de amor por Portugal e pelos portugueses. Foi por expressa vontade de Ribeiro Couto que o comentário do «Diário de Lisboa» foi reproduzido, integral-

(Continua na página central)

Quem foi a inspiradora de «A Alma Encantada» de Romain Rolland?

por JAIME BRASIL

A génese de quase todas as obras de Romain Rolland é mais ou menos conhecida. O próprio autor a referiu na abundante correspondência para os seus amigos e outros escritos. A respeito de uma, contudo — e não das menores — escasseiam minúcias: «A Alma Encantada». Obra da senectude, meditada e lentamente elaborada, é uma soma de tanta vastidão como «Jean Christophe». É um romance cíclico em que a análise dos caracteres individuais corre paralela com a crítica social das primeiras décadas deste século. Nela o pensador condensou as suas ideias morais, o

culto da liberdade e da não-violência, a condenação da guerra, a censura ao digladiar das correntes políticas que, depois do conflito de 1914-1918 procuraram alimentar o clima de guerra civil propício ao explodir da conflagração de 1939-1945.

No entanto, pouco sabemos ainda das origens sentimentais e da gestação formal dessa soma, que nos dá, como nenhuma outra criação romanesca contemporânea, o panorama, mais do que da França, do Mundo, na transição do século pas-

(Continua na 22.ª página)

hora em emoções, sentimentos e ideias.

Não seria difícil demonstrar que a «dor moral» e «metafísica», ou a angústia, tão caras a poetas e pensadores de ainda há pouco, e aparentemente alheias à vida vegetativa, têm origem em e são a transposição de experiências reais, como a fome, o frio, o desabrigo, a frustração amorosa, as perdas sociais, a privação das liberdades, e iminência de morte ou agressão, etc., quer subjectivas, quer observadas no próximo e ressentidas mentalmente como ameaça à nossa própria integridade. A fome, por exemplo, normalmente um sinal de desnutrição temporária, e que só em casos crónicos ou extremos corresponde a lesões clinicamente verificáveis, pode repercutir-se em indivíduos bem nutridos como sistema ético ou filosófico, escola literária, teoria social ou partido político. Se Knut Hamsun escreveu «A Fome» na base de memórias pessoais, o dr. Josué de Castro deu-nos, em «Geografia da Fome», um programa de acção humanitária do mais largo alcance. Por outro lado, o faquir indu que se encerrava na urna de vidro, quinze ou trinta dias sem comer nem beber, para provar aos seus algozes que lhe era possível viver sem o rosbife, que, a eles, lhes era indispensável, fazia da necessidade virtude, ou sublimava a fome e o protesto em ideal religioso e em força espiritual, como os seus irmãos que se deixavam comer pelos crocodilos do Ganges.

Mas a dor existe. É inerente à

(Continua na 19.ª página)

Com a publicação próxima do conto para crianças «História do Burro com Rabo de Léguas e Meia», sexto volumezinho da série «Arca



«...Pelo Chiado, de charuto, bengala na mão...»

Vai concluir-se em breve a reedição ilustrada da série «Arca de Noé, III Classe» de Aquilino Ribeiro

de Noé, III Classe», vai ser concluída a reedição dessa obra de Aquilino Ribeiro, ilustrada largamente por Luís Filipe de Abreu. A Livraria Bertrand, editora das Obras Completas do grande Mestre inextinguível, cumpre assim mais um mandato na missão literária de interesse nacional que vem realizando e que nenhuma razão deverão impedir de levar a cabo integralmente.

As seis histórias de «Arca de Noé, III Classe», constituem um poético admirável de fantasia, de humor, de sábia e exemplar observação da vida. Têm a alimentá-las uma íntima e profunda ternura pelas crianças e um talento de revivência literária que desabrocha na mais rica criação de estilo. Mesmo o barroquismo aquilinoiano, de entranhada cepa vernácula e popular portuguesa, toma nestas narrativas um cunho de frescura e de fluência que logo seduzem. Se os leitores graúdos encontrarem na obra muito que admirar saboreadamente, as crianças têm nela um tesouro de sugestão estética, de sensibilidade e de experiência à altura das suas aspirações de descoberta do mundo e da vida e dos seus deuses da imaginação.

A «História do Burro com Rabo de Léguas e Meia» é das mais saborosas criações de Aquilino no género. As ilustrações coloridas de Luís Filipe de Abreu dão-lhe a resposta plástica que o grande e glorioso escritor mais desejou.

A Feira dos 100 000 livros

Pela 50.ª vez depois da passada guerra a Feira do Livro de Frankfurt — o maior e mais assíduo certame do género em todo o Mundo — apresentou neste Outono a sua colorida e espectacular

(Continua na 22.ª página)



«Com tantas caras patuscas, sisudas, de óculos imensos...»

MORTE CRUEL

A enfermidade que matou o filho do presidente Kennedy é a mesma que ataca, em média, cerca de 50 000 bebés por ano nos Estados Unidos. Só a metade destes consegue sobreviver ao mal conhecido como doença da membrana Anafila, que entope os pulmões e dificulta a respiração. Geralmente, depois de 72 horas, a membrana é removida por si mesma e a vida do bebé está salva. O filho de Kennedy só conseguiu resistir 39 horas, pois o coração não suportou a imensa sobrecarga representada pelo esforço para respirar. Morreu exactamente quando estava a meio caminho da salvação.

MEDICINA

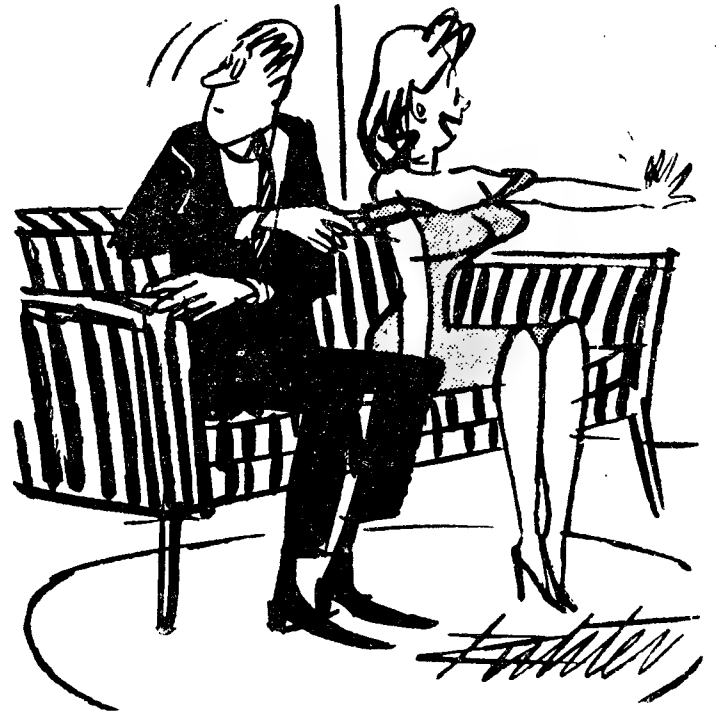
O organismo humano acha-se naturalmente contaminado de vírus potencialmente capazes de provocar tumores malignos. A afirmativa, que para o leigo não chega a constituir novidade, representa verdadeiramente uma revolução nos conceitos da medicina especializada. Até aqui os médicos desconfiavam mas não tinham a certeza. Agora, cancerólogos integrantes de uma unidade especial de pesquisas experimentais sobre vírus acabam de encaminhar ao Conselho de Pesquisas Médicas da Inglaterra, um relatório em que alegam ter encontrado pela primeira vez indícios concretos da existência desses inimigos internos, ocultos no nosso corpo.

ALTA-COSTURA

Rios de dinheiro passam no rastro das passadeiras que ditam a moda no mundo da mulher. A mais recente estatística sobre o movimento financeiro das casas de



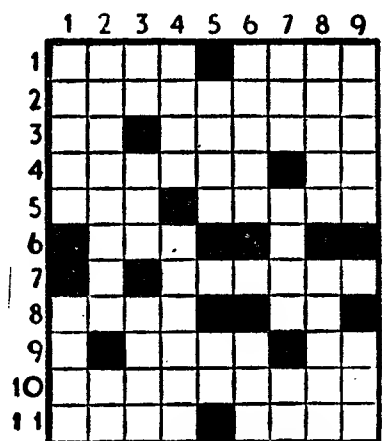
alta costura de Paris indicam uma cifra global de 20 milhões de dólares, dos quais 60 % em exportações, durante o ano de 1961. No mesmo período, a indústria de confecções na França registava um movimento de 340 milhões de dólares. Dos 40 estabelecimentos de alta costura existentes na capital francesa, 10 são considerados mais influentes, e cinco dividem entre si a clientela mais prestigiosa. São eles, por ordem alfabética: Balenciaga, Chanel, Dior, Eivenchy e Saint-Laurent.



—E' lindo! Mas porque o tiraste do bolso com tantos cuidados?

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3202



HORIZONTAIS: 1 — Foge. Viração. 2 — Fazermos. 3 — Pelo de certos animais. Afasta. 4 — Ordena. Segundo. 5 — Tempo do verbo ser. Restos mortais. 6 — Tecnicamente. 7 — Escutará. 8 — Recevi. Preposição e artigo definido. 9 — Empunha. Pronome pessoal. 10 — Oca. 11 — Fecha as asas para descer; mais depressa. Portuguesa.

VERTICAIS: 1 — Plantas dos pés. Numeral. 2 — Apanhasse coisa alhada. Nota musical. 3 — Crença. Rata. Nome dum fruto. 4 — O mesmo que airo. Objectos. 5 — Equipa. Quarto. 6 — Penhor. Ilha do arquipelago de Cabo Verde. 7 — Alumen. Vila e concelho do distrito da Guarda. Estréito de desmoronamento. 8 — Substância simples, rara, do grupo da platina. Direcções. 9 — Guarnições de asas. Contração da preposição a com artigo definido a. Numeral feminino.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3201

HORIZONTAIS: 1 — VIDA. Pê. 2 — Lois. Ural. 3 — Ossa. Ura. 4 — Corem. 5 — Até. U. M. F. 6 — Giram. Pá. 7 — Room. VALE. 8 — Só. Erix. 9 — Mú. Limara. 10 — Ab. DE. lam. 11 — Sereusasse.

VERTICAIS: 1 — AL. LAGRIMAS. 2 — Ao. Tio. Ab. 3 — Visceras. 4 — Isso. Amolde. 5 — Arum. Ien. 6 — Au. Em. Vem. 7 — Rum. Paraís. 8 — Par. Faliras. 9 — Elara. Frame. (Provérbio: A VIDA É UM VALE DE LAGRIMAS).

CARTÃO DIPLOMATA

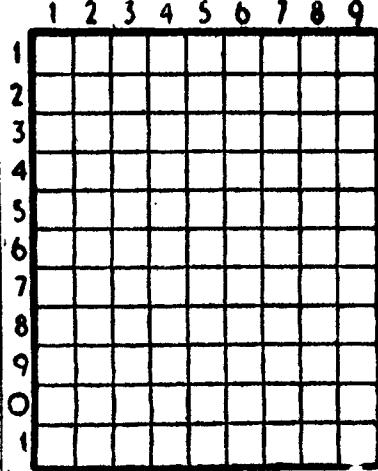
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 7047



HORIZONTAIS: 1 — Derrotei. Épocas. 2 — Apre. Acusados. 3 — Antiga colónia francesa que fazia parte do governo geral da África ocidental francesa com a capital em Dacar. 4 — Pronome pessoal. Pátria. 5 — Empreguem. Plana. 6 — Batráquio. Esquadrão. 7 — Conjunção. Igual. 8 — Pronome pessoal. Rema para trás. Símbolo químico do amónio. 9 — Uma das cinco partes do Mundo. Ora. 10 — Tombar. Rezai. 11 — Parte do Mundo a que pertence o lago salgado de Aral. Sádios.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do bário. Muito. Copo. 2 — Tempo forte entre os Latinos. Deusas que presidiam às osten liberais. 3 — Abalara. Terceiro. 4 — Unidade monetária do Japão. Disfarce. 5 — Pronome pessoal. 6 — Unidade de trabalho. Coelhos pequenos. 7 — Executa. Tempo do verbo ser. 8 — Salas onde se lecciona. Justiça. 9 — Abreviatura de Santíssimo. Chefe etíope. Em mais alto grau.

Solução do problema n.º 7046

HORIZONTAIS: 1 — Lês. Sabe. 2 — As. Late. 3 — Sibéria. 4 — Adiar. Aru. 5 — Armes. Al. 6 — Ee. Ar. 7 — Um. Subir. 8 — Nau. Ratão. 9 — Domando. 10 — Arão. 11 — Usas. Ela.

VERTICAIS: 1 — Lava. Sunda. 2 — Es. Dá. Mão. 3 — Sire. Umas. 4 — Lianes. Ara. 5 — Sabre. Urnas. 6 — Até. Sábado. 7 — Bera. Rito. 8 — Ira. Rá. Al. 9 — Paulo Osga.

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

EST. VALENTIM
DE CARVALHO, LDA.

95, Rua Nova do Almada, 95
LISBOA

QUEM

inventou
a celulóide?

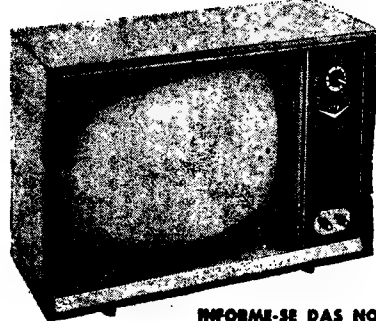
Quem foi, afinal, o inventor da celulóide?

Segundo a versão mais divulgada, foi o inglês Alex Parkes, no ano de 1870. Os americanos reivindicam, porém, a glória do invento para os irmãos Huggatt, que o tornaram publico em 1869 e fundaram a primeira fábrica de celulóide no Estado de Nova Jersey.

pelo preço do
café e do brandy



AGORA PODE TER UM "TV" NO CONFORTO DA SUA CASA



115\$00 mensais

com antena normal incluída

SEM FIADOR

UM PRODUTO GARANTIDO PELA



GENERAL ELECTRIC
PORTUGUESA

INFORME-SE DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE VENDA



Avenida da Liberdade, 131
Calçada da Estrela, 6 (à R. de S. Bento) Lisboa

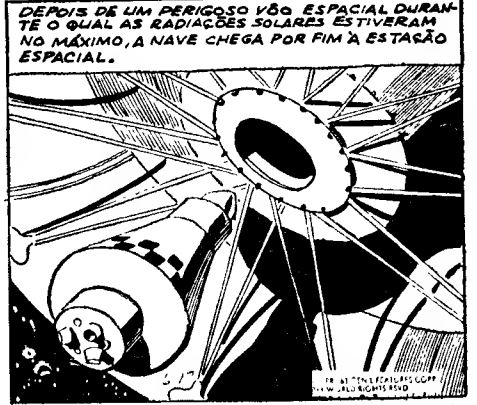
MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica
do dr. J. M. LEVITT

643



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — «II Semana de Estudos Doutrinários»
Autor — Prefácio do dr. Guilherme

À PORTA DA LIVRARIA

TEATRO DE GASPAS SIMÕES

A Bertrand decidiu incluir na sua colecção de «Autores Portugueses» a quinta peça de João Gaspar Simões, intitulada «Marcha Nupcial». Teatro em que a dialéctica de cena leva de vencida a procura de qualquer espécie de originalidade na carpintaria dramática, em «Marcha Nupcial», como nas demais peças de João Gaspar Simões, tudo se resolve no palco e no debate travado entre as personagens, cada uma delas detentora consciente das razões íntimas do seu direito ao amor e à verdade.

NO TEMPO DE LUIS XIV

Na sua colecção «A Vida Quotidiana», Livros do Brasil lançou, agora, «A Vida Quotidiana no Tempo de Luís XIV», da autoria de um dos mais hábeis e profundos especialistas do século XVII francês: Georges Mongrédien. Com uma segurança e uma erudição invulgaes, o autor dá-nos um panorama completo e aliciente do quadro da vida diária no tempo do rei-sol. Trata-se de um dos volumes mais interessantes da colecção, pela variedade de questões que nele são abordadas, abundância de pormenores e de informações e pelo admirável sentido literário do autor. A tradução deste volume é assinada por Costa Dias, que se desempenhou do encargo com a sua reconhecida proficiência. A capa, em que se adaptou uma gravura da época, é da autoria de Infante do Carmo.

A AVENTURA DOS VIKINGS

Despertou o maior interesse o anúncio da publicação do novo volume da colecção «Pelicanos», editada pela Ulisseia, e recebida com o maior agrado entre os leitores de livros de divulgação cultural e científica. Trata-se de «Os Vikings», uma obra em que o prof. Johannes Brondstedt historia a grande aventura dos célebres navegadores nórdicos.

LITERATURA INFANTIL

«Guilherme e o Foguetão», editado pelos Estudos Cor, revelou aos pequenos leitores portugueses um extraordinário escritor para crianças. O autor não toma as antipáticas atitudes de moralista empertigado, que destrói os efeitos da boa lição que pretende dar. Pelo contrário, para mostrar a bondade de Guilherme não o transforma num anjo, ou, se anjo temos, é um anjo que gosta de pregar partidas, um anjo que ri, salta, brinca — uma criança, enfim. A tradução é de Fernanda Cidrais, e ajusta-se perfeitamente à índole da obra.

me Braga da Cruz e introdução do prof. Arnaldo de Miranda e Barboza

Editora — Edição das Semanas de Estudos Doutrinários — Lisboa
Dep. Livraria Tavares Martins — Porto
Número de páginas — 543
Preço — 60\$00

Título — «Cartas dos Outros para Alfredo Pimenta»
Editora — Arquivo Municipal Alfredo Pimenta — Guimarães
Dep. Livraria Tavares Martins — Porto
Número de páginas — 404
Preço — 70\$00

Título — «Nada Mais que o Momento»
Autor — Bernardete Falcão
Editora — Edição do autor
Dep. Livraria Portugal — Lisboa
Número de páginas — 75
Preço — 20\$00

Título — «Uma Época da Vida de Camilo»
Autor — Alberto Moreira
Editora — Livraria Fernando Machado — Porto
Número de páginas — 47
Preço — 20\$00

Título — «Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos»
Autor — Artur Miranda
Editora — Centro Gráfico — Vila Nova de Famalicão
Número de páginas — 169
Preço — 20\$00

Título — «Agenda do Lar para 1964»
Editora — Editorial «O Século» — Lisboa
Número de páginas — 451
Preço — 15\$00

Autores estrangeiros

Título — «Fuga da Sibéria»
Autor — Slavomir Rawicz
Tradutor — Mascarenhas Barreto
Editora — Editorial Aster — Lisboa
Colecção — «Memórias e Documentos»
Número de páginas — 213
Preço — 60\$00

Título — «Passaporte para a Sibéria»
Autor — Marcel Giuglaris
Tradutor — Jaime Kadosch
Editora — Editorial Aster — Lisboa
Colecção — «Memórias e Documentos»
Número de páginas — 162
Preço — 30\$00

Título — «Lawrence da Arábia»
Autor — Flora Armitage
Editora — Editorial Aster — Lisboa
Colecção — Colecção Labirinto
Número de páginas — 174
Preço — 15\$00

Título — «Um Começo de Vida»
Autor — H. de Balzac
Tradutor — Jorge Reis
Editora — Guimarães Editores — Lisboa
Número de páginas — 220
Preço — 20\$00

Título — «Tratado de Civilidade e Etiqueta»
Autor — Condessa de Gençé
Editora — Guimarães Editores — Lisboa
Número de páginas — 180
Preço 22\$50

VARIAÇÕES SOBRE UM GASTO BORDÃO

(Continuação da 11.ª página)

vida, é necessária, é instrutiva e é útil. O recém-nascido chora ao entrar no Mundo, como condição de sobreviver; chora sempre que tem fome ou frio, ou se o alarma a presença de estranhos, um gesto brusco, uma alteração do ambiente. Pelo choro, que é dor externada, ele reclama a nossa atenção e cuidado. Sem isso, como o entenderíamos nós? O pranto, o grito, a fisionomia transformada, os gestos agitados, nos casos paroxísticos a fuga, são coisas destinadas a impressionar o nosso semelhante, sobretudo se dele dependemos e esperamos remédio. Tanto bastaria para mostrar o carácter finalista, interessado — e não já, apenas, comunicante — da linguagem ou mimica da dor. Vivemos em grupo, somos parte dele, para ele falamos, rimos, coramos, empalidecemos, apelosamos...

Dizemos ao menino piegas: «Um homem não chora!», para incutir-lhe certa medida de responsabilidade viril. Sem o ter lido no jornal da tarde nem no tratado de psicologia, sabemos que o excesso de recurso ao próximo rebaixa a personalidade. Uma vez erigida, de linguagem ou sinalização, em sistema de pressão, a dor torna-se uma regra de vida e conduta remuneradora. O estropiado formado no autocontrol recusará a mão que lhe estendem para subir ao autocarro; outro (vi-o há dias no ascensor da Glória) fará um escardecê, proclamando aos quatro ventos a sua desgraça de «aleijadinho de nascença» (apenas uma perna um pouco mais curta) e conseguindo assim que todos lhe façam lugar na bicha e acabem por içá-lo para o carro. Há muito quem viva à custa da dor, exagerada ou até simulada. Ela pode tornar-se uma chantagem e um gozo. O autêntico «Aleijadinho», o escultor afro-luso-brasileiro, transfigurou-a em obras imortais. «Fazer da sua dor um poema» é um conceito muito anterior à sublimação freudiana...

Assim promovida a sistema, a dor infiltra e afeição a moral, a poesia, a música «popular», a política, o ideário de um povo. Algures, em Lope de Vega, uma personagem indaga: «Acaso sois portugueses, que tanto vos chorais?». Palavras tais como lágrima, tristeza, solidão, saudade, fado, orfandade, infortúnio, desterro, se são de encontrar em outros idiomas, nos seus equivalentes, adquiriram na nossa literatura uma frequência inquietante. O observador objectivo cedo se dá conta do vinco de amargura e descontentamento, quando não mesmo de azedume e rancor — a cara franzida, os lábios espremidos, descadados aos cantos com duas rugas verticais a ladear a boca — que marca as fisionomias de tantos de nós: exteriorização ritual, acaso inconsciente, de um estado de espírito que, com maior ou menor justificação, mas exagerada, se estratificou em hábito. A máscara consolidou-se em carácter. Como se andássemos a dizer em publico que nada nos corre de feição, de acordo com o nosso ideal de vida. (Nem outra coisa simboliza a aldeia de Chora-Que-Logo-Bebes, nas «Aventuras Maravilhosas de João-sem-Medo», de José Gomes Ferreira, com a fábrica de lenços que o protagonista monta, no final, para enxugar o pranto da sua gente). Um jovem compositor estrangeiro a quem, por mo pedir, fiz ouvir alguns velhos fados, comentou: «É música em mal-de-fome!». Uma escritora de talento notou que os prósperos alfaias tasquinavam o suculento bife (mesmo sem acompanhamento de fado) com uma expressão sornia de culpa ou remorso — que eu aliás, registara muitos anos antes, na minha «Apologia da Atombose».

Ah, mas façamos ao menos a excepção das carinhas das crianças, límpidas, alegres, sonhadoras, serenas, descontraídas — as mais lindas do Mundo, posso jurá-lo — que ainda não aprenderam a lição dos seus maiores!

*
A impassibilidade — etimologicamente: qualidade do que não pode sofrer, ou não manifesta o sofrimento —

PLANEAMENTO REGIONAL

COVA DA BEIRA

Por DUARTE SIMÕES

A venda nas livrarias: Sá da Costa, Clássica Editora, Bertrand e Moraes Editora, Ld.

frimento, as emoções — seria o traço de carácter dos que se sobrepõem à dor ou se julgariam diminuídos se a exteriorizassem. Os estudiosos são unânimes em reconhecer que a educação foi o factor capital da coesão e flexibilidade do império britânico, ao formar a personalidade dos futuros funcionários, que tão profunda marca deixaria na cultura dos que lhe sofreram o jugo. Habitámo-nos a chamar fleuma britânica (quando não «frieza nórdica», num povo cuja história e literatura transbordam de drama, paixão e violência temperamental!) ao resultado de uma educação estruturada na impermeabilidade às fáceis emoções, na impassibilidade perante perigos e catástrofes, que é o timbre dos «eleitos» e o preço e condição quase-mítica do poderio e do mando. (Como o era para os Gamas e Magalhães que, em plena tormenta e rebelião, lançavam as ondas dos instrumentos e cartas de marear). Já é um lugar comum repetir que nas escolas publicas da Grã-Bretanha, na realidade escolas privadas para os filhos da nobreza de sangue e de dinheiro (snobe: sine nobilitate), os estudantes se sujeitavam a rigorosa disciplina, ao respeito da hierarquia, à execução de tarefas servis, ao «controlo» das emoções. A chibata era o instrumento de subordinação a um bem supremo, nacional. E aí do menino, filho de duque que ele fosse, que, tendo merecido a punição, chorasse ao recebê-la! Tornava-se alvo do desprezo geral. Aceitar o castigo com equanimidade, mordendo a boca para não gritar, mostrando-se homem como no sport ou no torneio de cavalaria, era o índice do carácter, da adesão à regra do jogo, ao espírito de clã. Não tenho que repetir aqui o panegírico de Edmond Demolins, o sociólogo fundador da «École des Roches», no livro «A Quoi Tient la Supériorité des Anglo-Saxons», que tanto rumor causou no seu tempo, nem (contra ele) relembrar um dos mais célebres ensaios do rebelde George Orwell.

Outros povos, outras culturas. Os castelhanos, com a sua mística da morte, que é apenas o «sentido trágico da vida», tão lucidamente comentada por V. S. Pritchett em «The Spanish Temper», encontraram no canto, no baile, na poesia, na santidade, nas artes plásticas, no toureio e na áspera vida militar, outras tantas formas de expressão de um temperamento que culmina na hombridade. É difícil observar uma expressão de queixume no rosto de um castelhano. O lamento, ainda quando inspirado na morte de um Manolete ou de um Sanchez Mejia, é másculo; a dor, na escultura religiosa como em Goya, é sempre um desafio, uma superação, a exaltação ou redenção de quem a aceita como «prova» de carácter, e não como degradante humilhação. Assim era decerto, também, os lusos de Quatrocentos a Quinhentos, homens de destino, para quem só o Amor, o amor ausente ou não correspondido, era um tema de queixume.

Quem leu «The Good Earth», de Pearl Buck, recorda com certeza as pobres chinesas que davam à luz em pleno labor do campo, com (é fácil dizê-lo) «impassibilidade oriental». Também entre nós, se não anda na literatura, era frequente o parto estóico das mulheres de trabalho. Que papel tinha nele a dor? Fala-se muito, em anos recentes, de parto indolor, sem socorro de hipnose nem de drogas analgésicas: produto da reeducação

da Mulher, que adquire um novo senso da responsabilidade e da grandeza da sua missão biológica e social. As dores do parto, como as náuseas da gravidez, era um sistema de mal entendido protesto contra a condição de subordinada. Não está ainda esclarecido aquilo que se designa por limiar da dor, e que varia de indivíduo para indivíduo: uma alfinetada pode arrancar um berro de dor a António, e provocar um mero sobressalto talvez risonho, em Joaquim. Há quem perca os dentes sem ter dado pelas dores da cárie. Nós sabemos até que ponto uma predisposição física ou mental determina o grau de sofrimento, a rebelião ou a resignação à dor, ou a maneira de tirar partido dela.

William James e os seus discípulos da biologia (Loeb, Cannon, etc.) diziam: Estou triste porque choro; alegre, porque rio; zangado, porque crispo os punhos e me ruborizo... Dando-lhes eco, o filósofo Alain escreveu que, para crer em Deus, basta unir as mãos em prece. Não dizemos que o apetite vem com o comer?... O gesto, no entanto, se não cria o afecto, torna-o consciente e reforça-o. Sofro ou amo mais quando assumo a atitude de do sofrimento e da paixão: é por via dela que atraio a comisseração e a anuência ao meu desejo. Que outra coisa é a endeuza amorosa?

Quanto mais choro e mais sofro, mais me convengo de que sou desgraçado sem remédio, ao ponto de nada me satisfazer — os piteus, o conforto, o carinho da amante, o automóvel, o emprego chorudo. Convém-me talvez o sofrimento, que escusa e disfarça o meu gozo. A Dor tornou-se o meu «bordão» — na viola e na estrada da vida. É o meu refugio, o meu nicho, a minha arma de pletórico embusado. É na água das minhas lágrimas que eu levo o esforço dos outros ao meu moinho. E eles fazem-me o jogo porque, se eu exploro a minha dor, real ou imaginária, também exploro a fácil piedade dos que, temendo a sua própria ruína, correm a socorrer-me para assim se tornarem credores também da compaixão alheia

JOSÉ R. MIGUEIS

O PAGADOR DE PROMESSAS

DE
Alfredo Dias Gomes

OBRA TEATRAL EM QUE SE BASEOU O FILME DO MESMO NOME, PREMIADO NO FESTIVAL DE CANNES — 1962

«OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS»
Esc. 15\$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
R. das Flores, 45 — Lisboa-2

O Escritor Mário Domingues

estará na 6.ª feira, dia 8, das 17 às 19 horas, na LIVRARIA PORTUGAL, Rua do Carmo, a fim de autografar as suas obras.

VOLUMES PUBLICADOS:

A Vida Grandiosa do Condestável — 2.ª edição	20\$00
O Infante D. Henrique, O Homem e a sua época	20\$00
D. João II, O Homem e o Monarca	30\$00
D. Manuel I, e a Epopeia dos Descobrimentos ...	30\$00
D. João III, O Homem e a sua época	30\$00
D. Sebastião, O Homem e a sua época	30\$00
O Drama e a Glória do Padre António Vieira ...	25\$00
Inês de Castro na Vida de D. Pedro — 2.ª edição	25\$00
O Marquês de Pombal, o Homem e a sua época	25\$00
Bocage, a sua vida e a sua época	30\$00

EDIÇÕES ROMANO TORRES

acaba de sair

BEM-ESTAR PARA TODOS

por LUDWIG ERHARD

A consolidação da economia alemã no pós-guerra, resultado de uma política ponderada e aplicada com visão bem clara dos objectivos, é inteiramente obra do prof. Erhard. BEM-ESTAR PARA TODOS revela como o autor conseguiu encaminhar a economia da Alemanha Federal para uma base de florescimento nunca antes conhecida

preço: 40\$00

LIVRARIA BERTRAND

de José Rodrigues Miguéis

Várias vezes refundido, com aquele "escrúpulo oficial" que caracteriza todas as criações de José Rodrigues Miguéis, «Idealista no mundo real» principiará a ser publicado em folhetins mensais no número de Janeiro da revista «Seara Nova», e promete ser um dos mais importantes acontecimentos literários da temporada de 1963-1964.

«Portas do Sol»

«Portas do Sol» prossegue assim uma acção divulgadora que distingue o suplemento de «Correio do Ribatejo» entre os mais valiosos do seu género na nossa Imprensa regional.



COPLEY SQUARE
BOSTON

Trinity Church Spaulding Library
Medical Tower

NO. 13

Os cinco sentidos... ...e mais alguns

por CARLOS BOTELHO

BOSTON, Novembro — Diz-se que as cidades se conhecem pelo cheiro e eu direi os países — por.

Um poema
de Georgios
Seferis
Prémio Nobel
da Literatura

A Edgar Poe

Anos como asas. O que lembra o corvo imóvel?
 O que lembra os mortos entre as raízes das árvores?
 As mãos tinham a cor da maçã que cai
 E a voz voltava e voltava sem pausas, uma voz surda.
 Os que vinham fixam a vela e as estrelas
 Escutam o vento, escutam, mais longe que o vento, o outro mar
 Como um búzio cerrado junto deles.
 E não ouvem mais nada nem procuram na sombra dos ciprestes
 Um rosto perdido, uma moeda. Nem se perguntam
 Vendo o corvo sobre um ramo morto, o que ele lembra.
 Imóvel permanece. pousado nas minhas horas, um pouco mais alto,
 Alma de uma estátua sem olhos.
 A multidão concentra-se no nássaro negro.
 Milhares de homens esquecidos, rugas esbatidas
 Amplexos desagregados, risos em suspenso
 Obras interrompidas, gares silenciosas
 Um pesado sono de choviscos de oiro.
 E continua imóvel. E olha as minhas horas. O que recorda?
 Há tantas chagas nesses homens invisíveis que o habitam
 Paixões suspensas até ao Juízo Final
 Desejos rastejantes que se confundem com a terra
 Crianças mortas, mulheres demasiado fatigadas ao romper do dia
 Quem sabe se ele pesa sobre o ramo morto?
 Quem sabe se ele pesa sobre as raízes da árvore amarela
 Sobre as espáduas dos outros homens
 Sobre essas fisionomias estranhas engolidas sob a terra
 Que nem ousam tocar a mais pequena gota de água.
 Quem sabe se ele pesa em qualquer parte?
 As tuas mãos tinham o peso das mãos na água
 Ou nas grutas do mar, um leve peso liberto de cuidados
 Aplanando o mar até ao horizonte, até às ilhas
 Com o gesto que se usa para dissinar uma ideia negra.
 A planície está pesada depois da chuva. O que recorda
 A chama negra e rectilínea no céu cinzento
 Tomada entre o homem e a memória do homem
 Entre a chaga e a mão que a fez, espada negra?
 A planície está sombria, absorve a chuva, o vento passou.
 O meu alento já não basta. Quem o vai desviar?
 Entre a memória, abismo, um peito amedrontado
 Entre a chaga e a mão que a fez, espada negra?
 Entre o sono e a morte, vida estagnante
 As tuas mãos tinham sempre um movimento para o sono do mar
 Acariciando o sonho que envolvia docemente a aranha de oiro
 Arrastando a multidão dos astros para o sol
 Pálpebras cerradas, asas fechadas.

(Tradução literal da versão francesa de Jacques Lacarrière e Egeria Mauraki. O poema faz parte do volume «Esboços para um estio», publicado por Seferis em 1937 e foi consagrado à memória de Edgar Poe).

que aqui, nas várias cidades dos Estados Unidos, os perfumes estão estandardizadas. — Para mim o cheiro característico que eu sinto nas ruas — nos «drag-stores», nos cinemas, ou noutros lugares de reunião, é o «Camy» — dos sabonetes cor-de-rosa tão conhecidos, em certa época, aí em Lisboa, o que aromatiza os ares — seja em Boston, Buffalo ou Cleveland, ou onde quer que seja. Este é o perfume popular...

Não raro, uma das negras que nos serve no «Drug», ou uma das loiras que nos atende nos «Howard Johnson's», ao moverem-se, nos deixam um rasto do afável «Camy»!

E, agora, outro aspecto. Não há hotel — «hot dog» — vulgar «cafeteria» — que não tenha um abono de musica, através do telefone — e, então, damos conta de que os nossos ouvidos relembram as canções de há 24 anos — e até algumas dos tempos de Paris, por alturas da Exposição de Artes Decorativas de 1925 — isto é — a brincadeira de quase quarenta anos. Pois são essas as musicas em voga — como o «Deep Purple» — «Jeepers-creepers» — os successos do «Helzapoppin» — e, claro, o «Tea for two» — «O Charleston» da Josephine Baker — (que ainda há dias deu um recital com o seu grupo de bailarinas no Cornegie Hall de Nova York) e ás vezes, as muito apreciadas valsas vianenses. Duma maneira geral se pode dizer que não há presentemente uma musica que determine a época — não falando nas destinadas a danças, como, por exemplo, o «troin» mas que, no fim de contas, se assemelha imenso ao «big-apple» de há 24 anos.

temos de confessar que aqui, duma maneira geral, a musica das buzinas e motores dos carros não é tão exagerada como em Lisboa e que o serviço de sinalização para os peões é tão perfeito que só um lunático poderá ser atropelado. Haja em vista, também, que o respeito do peão pelo automobilista, é, notavelmente, sagrado. Uns e outros respeitam-se mutuamente e, isso dá a prova de civilidade dum país, em que as cidades são sempre grandes aglomerados com milhões de pessoas. Ao domingo há uma grande afinidade com as cidades da Europa — tudo desaparece para fora do centro e procura distrações nos estádios para ver os jogos de «foot-ball» americano — ou nos arredores para tomar ar puro. Infelizmente, a poluição do ar e das águas é um problema muito sério que preocupa as entidades competentes — pois que facilmente se sente, conforme o vento, o cheiro desagradável e tóxico das refinações de petróleo, e isto em várias cidades.

(Continua na 24.ª página)

Três exposições em Paris

Dir-se-á, para prestígio das artes e da moda, que todos os caminhos levam a Paris. A cidade exerce a sua influência no lançar de uma empresa, seja de costureiro ou de galeria de arte, a qualidade empapelha com a *camelote*, a originalidade com a imitação, a criação com o cabotinismo... Tudo tem ambiente, e até tudo parece estar certo. Na realidade, a atração exerce-se sobre os estudiosos, os afortunados, o escol e o grande público, sem justificar critérios ou discutir valores absolutos.

As exposições não fogem à regra, e vem a propósito falar daquelas que nos proporcionou este ano, a prolongada quadra estival: a III Bienal, a Escola de Paris e o Salão de Outono. Cada uma delas merece longa digressão e comentário, mas esta crônica limitar-se-á a costear os seus programas.

A Bienal é uma ambiciosa realização que entrou agora na sua terceira prova. Propõe-se «oferecer aos artistas de todos os países, dos 20 aos 35 anos, a ocasião de apresentar» e confrontar os seus trabalhos». Cada país é responsável pela selecção que apresenta, e naturalmente a escolha oficial pode criar limitações. Mas, com raras excepções, pode dizer-se que a exposição corresponde aos objectivos do regulamento, que a preconiza largamente aberta às iniciativas mais diversas. Há aqui decerto muito que aprender, na audácia de certas realizações, quanto mais não seja, pela afirmação das inquietações da juventude na exploração de caminhos futuros. A representação da França é escolhida separadamente, parte por um júri de jovens críticos, parte por um júri de jovens artistas, e outra parte pelo próprio conselho da Bienal. Os trabalhos de colaboração, de grupos compostos de arquitectos, pintores e escultores, ou ainda de compositores e engenheiros, têm relevo especial e são das realizações mais monumentais e significativas do certame. A Bienal abrange, ainda, secções de composição musical, de filmes sobre arte e de decoração teatral. Tem um auditório e uma câmara de televisão, o que torna ainda mais realizável o seu vasto programa.

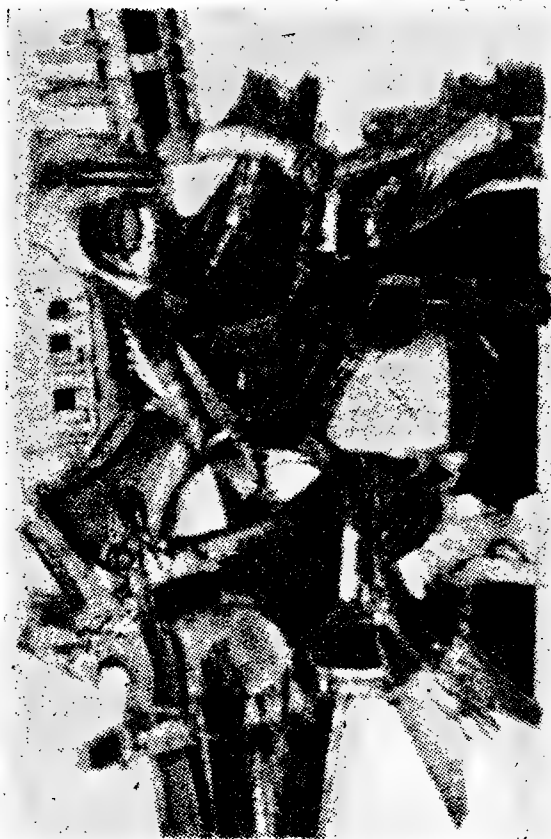
Passeemos agora à Escola de Paris, realizada anualmente pela Galeria Charpentier. Um critério caprichoso orienta habitualmente uma seleção, que se não pode ter por potencial. Com uma sinceridade, a que só há que tecer louvores, o seu organizador pergunta se as nossas ideias não resultam muitas vezes duma mania fundada numa moda, tanto mais vacilante, que é cega, mais absoluta, mais irreflectida. E explica a sua decisão deste ano para escolher a sua Escola de Paris pedindo a um certo numero de pintores, dos mais velhos e dos mais novos, cada qual de disciplinas diferentes, que designassem e convidassem cada um deles, oito artistas por quem sentissem estima ou afinidade. A Escola de Paris de 1963 não é mais ou melhor caracterizada do que as anteriores, e para o incrível das definições, este novo baralho de cartas, não tem mais alcance ou significado. Todos os anos é convidado um país a fazer-se representar em sala própria, e coube a vez a Israel com uma escola toda modernista.

O Salão de Outono é um canastrão de tradições, que se alberga, isolado a pano branco, na estrutura monumental do *Grand Palais*. Apresenta-o uma sociedade com muitos presidentes, comissões, artísticas, membros honorários, comissões de

hora e de organização. Expoem artistas societários e não societários. A escolha é de uma das comissões artísticas. A quantidade de pintura e tremenda... e o visitante não se liberta deste autêntico choque de massa. Intercaladas na exposição, são feitas exposições retrospectivas, de artistas mortos. Este ano coube a vez a André Lloste, Felix Vallotton e outros já esquecidos. Na sequência das salas, outra exposição ainda: *Homenagem a Paris*, em que o tema urbano foi glosado por pintores e gravadores já celebrados, como Matisse, Marquet, Pascin, Rousseau (douanier), Signac, Lautrec, Utrillo e muitos mais. Aparece também o livro ilustrado, exposto em vitrinas espalhadas pelas salas. As Artes Decorativas e a Arquitetura, não são desprezadas, pelo contrário, começa a afirmar-se



nestes certames, o interesse dos artistas decoradores, a colaboração dos arquitectos com os artistas plásticos, também aqui, nos trabalhos de «equipes», demonstrados com a apresentação de realizações e projectos sob a égide de um grupo denominado *Mur Vivant*. Enfim, um Salão de Outono, que se não



Escola de Paris — «Sinfonia de Pássaros»,
de Constantin Andréou

resume, porque é composto de muitas e variadas exposições á escala da saturação.

Se há algo que salientar nesta extraordinária proliferação das artes, que nos revela o Outono parisiense, é a sua vitalidade, não obstante as suas contradições. A escolha de valores não é cumulativa. A quantidade cria uma monotonia que embota a sensibilidade. Mas... o meio é excelente para os encontros da espécie humana em busca de alimento e sensação. E neste ponto temos, de verdade, uma escola única! — F. R.



3.ª Bienal — «Mulheres», de Bodini (Itália)

A publicação de «Estudos Dispersos» de Moniz Barreto

—o grande crítico e ensaísta da geração de 70

É amanhã distribuído às livrarias o volume de «Estudos Dispersos», de Moniz Barreto, coligido, prefaciado e anotado por Castelo Branco Chaves e publicado pela *Portugália Editora*. A obra de ensaísta e crítico de Moniz Barreto, embora não inteiramente esquecida porque a envolveu a aura perene das grandes figuras da geração de 70, tem permanecido numa relativa sombra que o seu alto nível de expressão intelectual e de estilo não justifica. A publicação em 1944 da colectânea «Ensaio de Crítica», organizada e prefaciada por Vitorino Nemésio, não incluiu senão uma parcela breve dos escritos do malogrado autor a que Oliveira Martins chamou «o primeiro da sua geração». Com o volume agora apresentado por Castelo

Branco Chaves — espírito crítico insuperavelmente preparado para interpretar e documentar a obra de Moniz Barreto — fica largamente dilatado o âmbito dessa obra para o conhecimento e interesse dos leitores de hoje. Exponente, de uma época da nossa cultura, o autor destes «Estudos Dispersos» é tam-

de Portugal não tem sido, de entre os críticos portugueses, o mais esquecido. Outros críticos da mesma craveira, como Silva Cordeiro, Manuel da Silva Gaió, Carlos de Mesquita, para só citar os que mais próximos lhe ficaram no tempo, foram muito mais ingratamente olvidados, permanecendo suas obras quase tão ignoradas como se não tivessem sido escritas.

Embora, entre nós, a regra seja premiar com o esquecimento o escritor de ideias ou o simples crítico, é certo, porém, que Moniz Barreto escapou ao total olvido. Também o abrangeu a perenidade — embora sem o glorioso e vasto renome — da geração de 70.

O renome do crítico é de condição efêmera e as ideias justas que ele formula ou as observações flagrantes que enuncia, justamente pelas suas qualidades de justeza e flagráncia ganham na opinião do leitor a categoria de simples evidências e passam a correr como juízos anónimos, universalmente aceites. Acontece com a crítica um fenómeno de assimilação muito semelhante ao que ocorre com a poesia adoptada pelo povo e que o povo canta. Ao fim de uns anos e só por via de pacientes investigações — ou mero acaso — se pode encontrar o autor do que anónimamente vem correndo de boca em boca.

A crítica exerce-se sobre acções, pensamentos e obras na maioria dos casos circunstanciais, aleatórios e efêmeros e a sua sorte fica sob o mesmo signo; esquece o crítico porque esqueceu o facto, envelheceu a doutrina, passou a moda ou ficou ignorado o livro — objectos ou pretextos da crítica. A aptidão do crítico como tal, a riqueza cultural adquirida, a finura da análise, a precisão e elegância do estilo, a adequação do método, nenhuma destas qualidades por si ou em conjunto evitam ao crítico o esquecimento geral. A boa sorte de Moniz Barreto, para o efeito, a única talvez que lhe foi dada, foi a grandeza dos seus criticados e a oportunidade das suas críticas.

O volume que é amanhã distribuído pela *Portugália Editora* constitui, a muitos decénios de distância, um acto cultural de reparação e de justiça, além de trazer aos seus leitores o deleite de uma valiosa e original literatura de ideias. O desejo manifestado pelo prefaciador de que «o esquecimento para sempre abandone Moniz Barreto e a sua obra seja lida, pensada e discutida como obra viva e não apenas consultada como curiosidade erudita», tem na edição o seu melhor penhor de realização. Do seu reiterado afastamento da actividade literária mais assídua, Castelo Branco Chaves prestou ainda este eminente serviço à cultura portuguesa.



Moniz Barreto

bém um vivo testemunho do continuado esforço de actualização universalista dessa cultura, que hoje importa prosseguir e renovar à luz das realidades do nosso tempo.

Na nota preambular que escreve para a colectânea de estudos críticos agora editada — e em que se inclui o célebre e discutido ensaio sobre a obra de Eça de Queiroz — recorda Castelo Branco Chaves que, ao ter conhecimento da morte de Moniz Barreto, consagrou Trindade Coelho a memória do crítico insigne um daqueles seus curtos artigos com que, ao tempo, marcava presença nos jornais. E ali escreveu: Sinto lágrimas, ao ver daqui num grabato, misérinho, nu, abandonado, esse franzino e exaurido corpo, velado, à cabeceira, pelo Esquecimento».

E acrescenta Castelo Branco Chaves:

«A alegoria tem expressão e realça a uma certa beleza melancólica. Em relação a Moniz Barreto, porém, não está inteiramente adequada, porque o crítico da «Revista

RIBEIRO COUTO

(Continuação da 17.ª página)

mente, nas entrecapas da edição agora apresentada por *Livros do Brasil*.

Na mesma nota acima referida assinala Ribeiro Couto que foi para ele «verdadeira alegria a iniciativa do seu querido amigo António de Souza-Pinto, que desde logo manifestou o desejo de uma edição ao alcance do publico de Portugal». E nela deixa expresso o escritor o seu agradecimento a esse «poeta da industria do livro, a cujas actividades de editor se deve hoje, em Portugal, um maior conhecimento da literatura brasileira e que dessa forma contribui autenticamente para a obra, tão cara aos saudosos pioneiros Paulo Barreto e João de Barros, do aprofundamento de uma consciência histórica em verdade comum aos dois povos da grande família lusitana».

Assim nasceu e se concretizou a edição portuguesa de «Sentimento Lusitano». Está presente no livro, em termos que vão além de formal literatura, a própria personalidade de Ribeiro Couto, o seu emotivo calor humano, a sua vitalidade de alma e de temperamento, a sua cordial visão da vida e das amizades que a enobrecem — e tudo isso voltado num veemente abraço em espírito para a terra e para a gente portuguesas. Assim o evocam, em páginas que vieram dignificar

e enriquecer esta edição, os depoimentos e mensagens que Manuela de Azevedo coligiu e que o encerram: a sua aforte presença, sábia, alegre, irónica, terna e sentimental, reflectida em palavras que «transcendem a admiração e a amizade pelo convívio de Ribeiro Couto, ao longo de trinta anos, com intelectuais portugueses». Manuela de Azevedo, António de Sousa, Augusto de Castro, Ferreira de Castro, Fidelino de Figueiredo, Guilherme Pereira de Carvalho, Hernani Cidade, Jacinto do Prado Coelho, João Gaspar Simões, João José Cochofel, Joaquim Paço d'Arcos, José Osório de Oliveira, José Régio, José Ribeiro dos Santos, Luís Teixeira, Marcelo Caetano, Matilde Rosa Araújo, Miguel Torga, Natércia Freire, Nuno Simões, Paulo de Barros, Taborda de Vasconcelos e Urbano Tavares Rodrigues — cada um à sua maneira e no seu estilo, cada um com as suas recordações — recordam Ribeiro Couto e prestam-lhe a homenagem bem merecida da admiração e da saudade.

É esta edição, assim reconstituída e acrescentada, a melhor consagração que Portugal poderia erguer ao poeta brasileiro de inapagável memória para os que o conheceram. Mas outras, ainda, haveria que prestar-lhe, em póstuma retribuição e exaltação de um grande amor ausente pela nossa terra e a nossa grei.

ARTE JAPONESA NO PETIT PALAIS

Em 18 de Outubro, com prolongamento previsto de exibição até meados de Dezembro próximo, foi inaugurada no «Petit Palais», em Paris, a maior exposição de arte japonesa até hoje apresentada no estrangeiro. Patrocinada pelo Museu Nacional de Tóquio, pelo Ministério da Cultura francês e pelo jornal «Asahi Shimbun», esta exposição é levada a efeito em retribuição da Exposição de artes da França organizada com grande sucesso, em Tóquio e Kyoto, em 1961.

Estão expostos 185 objectos de arte, incluindo um que é considerado como «tesouro nacional», 18 objectos culturais importantes e 1 «objecto de arte valioso». A selecção destes objectos requereu um ano de esforços cooperativos entre especialistas de arte japoneses e franceses.

É a segunda vez, depois da guerra, que se organiza no estrangeiro uma grande Exposição de Arte Antiga Ja-

ponesa, tendo sido a primeira realizada nos Estados Unidos.

Considerando o entusiasmo do povo francês ante a arte antiga japonesa, foram seleccionados para a exposição muitas imagens de Buda e desenhos a preto e branco de grande valor artístico.

Os templos budistas de Nara e outros locais históricos deram também a sua cooperação, emprestando tesouros artísticos. Gyojin Hashimoto, sacerdote-chefe do templo de Yakushiji, em Nara, presidiu às cerimónias budistas da inauguração da exposição.

Mário Domingues

Amanhã, das 17 às 19 horas, o escritor Mário Domingues encontra-se na Livraria Portugal, na Rua do Carmo, a fim de atender todos os pedidos de autógrafos dos seus inúmeros leitores.

Relances do mundo literário

● Oito dias antes da atribuição do Prémio Nobel da Literatura, de 1963, ao poeta Giorgios Seferis, já circulava nos meios intelectuais e jornalísticos de Estocolmo o seu nome como candidato com grandes probabilidades. Os nomes de Jean-Paul Sartre, de Pablo Neruda, de Beckett e até de Jorge Amado, foram também apontados com insistência. O quase desconhecido poeta grego começou, no entanto, a observar as atenções, apontando-se a forte influência que recebeu de Valéry, o seu cosmopolitismo aliado a um profundo entendimento das inquietações da juventude literária da Grécia contemporânea, o sentido dramático, a inspiração e a «sagesse» da sua obra lírica. Não constitui surpresa, nos meios, melhor informados sobre as preferências da Academia Sueca, a escolha de Giorgios Seferis — de seu real Giorgios Stylianos, Seferiades.

● Tem suscitado grande interesse nas esferas intelectuais francesas a edição nesta língua da obra de Georges Lukacs «La Théorie du Roman», em que o ensaísta e crítico universalmente consagrado, analisa as estruturas constitutivas do romance a partir do estudo das obras de Cervantes, Balzac, Dostoiévski, Goethe, Flaubert... e Dante. A obra, que desvenda novas e inesperadas perspectivas sobre a teoria literária de Lukacs, é seguida de um estudo sobre a génese e as determinantes dessa teoria pelo ensaísta Lucien Goldmann.

● No funeral de Jean Cocteau, exaltando diversos aspectos da obra do artista, foram proferidos quatro discursos: o de Albert Boussaingault, «maire» da aldeia de Milly-la-Forêt em cujo cemitério, próximo da capelinha decorada por Cocteau, ficou depositado o seu corpo; o de Marcel Thiry, em nome da Academia Real da Bélgica; o de André Chamson, director em exercício da Academia Francesa; e o do crítico Gaëtan Picon. Terminou este ultimo a sua breve alocução com as seguintes palavras: «Sobre o tumulo do escritor que subcreveu estas palavras: «Se a casa ardesse só levaria consigo o fogo», teremos de fixar para sempre não só o fogo como a juventude».

● Está patente ao publico, em Dusseldorf (Alemanha) a maior colecção goetheana que existe

no Mundo, depois da que foi reunida em Weimar. O Museu de Goethe em Dusseldorf possui nada menos de 30 000 peças referentes ao grande poeta e escritor. Deve-se esta valiosa colecção a Anton Kippenberg, fundador da Editora Insel, em Leipzig. A colecção foi doada à cidade de Dusseldorf pelos herdeiros de Kippenberg. O museu está sob a direcção do dr. Hellmuth von Maltzahn. Figura no acervo uma colecção completa referente ao tema do Fausto. O Museu Goethe em Dusseldorf possui um exemplar do mais antigo livro de cordel sobre a lenda de Fausto, publicado em Francfort em 1587. Dedicou-se também um gabinete à estadia de Goethe em Wetzlar, onde escreveu os «Sofrimentos do jovem Werther».

● Realizou-se em Florença, por iniciativa do presidente do Município, Giorgio La Pira, mais uma jornada dos «Colóquios Mediterraneos de Cultura». Duas comissões foram especialmente encarregadas de aprofundar os problemas de maior actualidade na política internacional, com a participação de especialistas na matéria, mas também de escritores e jornalistas. Os factores de cultura na aproximação e cooperação entre os povos banhados pelo Mediterraneo e o encontro mais assíduo da cultura europeia com a do Próximo Oriente constituíram também matéria de debates primaciais no Colóquio. Foi decidido assegurar a estes encontros, com o patrocínio da cidade de Florença, uma regular periodicidade anual.

● Faleceu há pouco no Brasil a escritora Maria Eugénia Celso, cuja existência foi dedicada às letras e a instituições de beneficência. Poetisa, romancista, jornalista, a filha do conde de Afonso Celso era uma dessas personalidades inconfundíveis pela qualidade da inteligência e dedicação a movimentos em benefício da colectividade. Foi uma das paladinas da concessão do direito de voto à mulher brasileira, estabelecido na Constituição de 1934. Como se evoca no «Jornal de Letras», a sua capacidade de acção e cultura valeram-lhe a função de representante do Brasil no II Congresso Internacional Feminista, chefiando a delegação brasileira à Conferência de Paris como também a de membro de outras delegações junto da UNESCO e da Comissão de Intercambio com o Uruguai.

Quem foi a inspiradora de «A Alma Encantada» de Romain Rolland?

(Continuação da 17.ª página)

sado para o actual. A protagonista do romance, Anita Rivière, dá, de começo, a impressão de ser uma pura criação da fantasia. É uma mulher culta, de animo varonil, subitamente arrancada às comodidades burguesas e lançada nas peripécias da luta pela vida independente e digna na selva de Paris. O autor confessou ter concebido essa obra em Outubro de 1912. Nela pretendia evocar «a geração nascida entre 1875 e 1880». Apesar disso, a soma, só começada nove anos mais tarde, abrangia as duas gerações seguintes e os episódios seus coevos, para terminar em 1933.

Em 1912, Romain Rolland resolveu renunciar à carreira de professor da Sorbonne para se consagrar às suas obras. É lógico, portanto que pretendesse escrever outro grande romance, dada a repercussão de «Jean Christophe», cujo último volume, o décimo, apareceu justamente em Outubro de 1912. No entanto, escreveu a seguir «Colas Breugnot», fantasia retrospectiva,

Feira do Livro em Francfort

(Continuação da 17.ª página)

exibição. Numerosos expositores apresentaram aos visitantes, nesta jornada, novidades de grande interesse. Em lista especial alguns editores indicaram os nomes dos autores que durante a Feira se apresentaram pessoalmente ao público. O número de leituras em publico permitia calcular o «valor publicitário» do respectivo autor. Em primeiro lugar figurou este ano, sem dúvida, Günther Grass. Num só dia leu três vezes, exigindo-se cartões de entrada, trechos da sua última obra «Hundejahre» («Anos de cão») incontestavelmente um dos «bestsellers» da época.

Apesar de alguns jornalistas terem falado desde logo dos «Anos de cão» dos leitores alemães, Grass não foi de maneira alguma a única atracção da Feira do Livro de Francfort. Expuseram-se nada menos de 26 999 novas publicações. Cerca de 2100 editores de 36 países fizeram-se representar com um total de 100 000 livros. Todos os sectores da produção literária em quase todas as línguas e em todas as modalidades estiveram ao alcance do público. O Brasil teve pela segunda vez o seu «stand» na Feira de Francfort, por iniciativa da secção de propaganda comercial da Embaixada do Brasil em Bonn (Sopra) apresentando-se ao público alemão centenas de obras das melhores editoras brasileiras.

Quanto a Portugal, deve-se às Publicações Europa-América o facto de ter levado ali, pela segunda vez, a presença do livro português. Graças ao espírito de iniciativa de Francisco Lyon de Castro, que dirige aquela editorial, houve no certame um «stand» que proporcionou a oportunidade de tornar mais conhecido o nosso movimento literário e de promover a expansão de alguns dos nossos autores noutros países, mediante a venda dos respectivos direitos de tradução.

A Feira do Livro de Francfort, não é só, de facto, uma exposição, mas um autêntico mercado de direitos de tradução e de licenças. As estatísticas do comércio externo alemão evidenciam a importância comercial do livro: em 1962 os livros figuram nas estatísticas do comércio externo com nada menos de 318 milhões de marcos. Desde 1950 decuplicaram as exportações de livros, enquanto as importações atingiram o quintuplo. Cada ano traduzem-se para o alemão, em média, cerca de 3000 obras, figurando o alemão, na relação mundial, em segundo lugar, precedido apenas pelo inglês. Em 1961 traduziram-se obras alemãs para 42 línguas. No mesmo período traduziram-se para o alemão 2428 obras de 35 línguas diferentes.

Apesar da concorrência da rádio e da televisão, o mercado livreiro alemão continua extremamente animado. O preço dos livros aumentou, em média, de 5%, mas o comércio livreiro alemão elevou o seu facturamento total, no ano de 1962, de 8%. É extraordinária a expansão dos livros de bolso que, no sector da literatura amena, atingiram 17% do total. Assumiram importância crescente os «clubes do livro» que reúnem hoje nada menos de 5 milhões de sócios e que no ano de 1962 adquiriram 27 milhões de volumes.

impregnada do espírito da sua Borgonha natal, sem nada de comum com as suas outras obras nem com o pendor já revelado do seu pensamento. Entretanto, surgiu a guerra com todas as amarguras que atribularam o escritor e a batalha que travou pela dignidade da inteligência, ante o explodir dos nacionalismos aguçados pelos interesses inconscientes.

Só em 1921, Romain Rolland encontrou a calma necessária para poder escrever «A Alma Encantada». O primeiro volume, «Anita e Silva», foi redigido de 15 de Junho a 18 de Outubro. Publicado em 1922, precedeu de pouco o volume seguinte, «O Verão», escrito no último semestre desse ano e no primeiro do imediato. Só veio a público em 1924. É grande a desproporção entre os dois volumes: um não alcança as duzentas páginas; o outro tem mais de trezentas, terminando com o anúncio da deflagração do conflito de 1914.

Houve depois uma grande pausa na gestação da soma. Não a determinaram acontecimentos exteriores. O autor atravessou uma grande crise. Meditou profundamente nos destinos do Mundo. Agravou-se a sua descrença na missão da Europa. Voltou-se para o Oriente, cujas místicas estudou. Viu em Gandhi um novo redentor. Em Janeiro e Fevereiro de 1923, escreveu a obra «Mahatma Gandhi». Noutros livros e na série de escritos recolhidos na obra póstuma «A Índia», concretizaria o seu pensamento a respeito do papel futuro da Ásia.

A sua saúde, sempre precária, ficou de novo abalada. Isso não o impediu, antes o incitou, a redigir «A Viagem Interior», autobiografia ideal, e a retomar o seu «Teatro da Revolução», havia muito abandonado. Só em Outubro de 1925 continuaria a escrever o que podemos considerar a segunda parte de «A Alma Encantada», «Mãe e Filho». Só a terminaria em Maio de 1926, para ser publicada em dois volumes, no ano imediato, em obediência «a razões de ordem materiais». «A acção, porém, é uma», acentuava o autor numa nota.

Que se passara de molde a determinar o novo surto da actividade do romancista? Contudo, deu-se nova pausa de mais de três anos. Durante esse período o escritor retomou a sua obra de musicólogo e de orientalista. Escreveu então um estudo a respeito de Beethoven e novos livros acerca da Índia e do pensamento hindu. Só em Novembro de 1929, retomaria a história de Anita Rivière e começaria a escrever o que pode ser considerado a terceira parte da soma, «A Anunciadora», que ocuparia três grandes volumes e só estaria terminada em Abril de 1933.

Quando Romain Rolland começou a escrever «Mãe e Filho», uma mulher entrara, pouco antes, na sua vida. O escritor contava então 57 anos e estava divorciado desde 1901. Vivia com seus pais de idade proecta e uma irmã, Madalena, que lhe sobreviveu. A sua convivência era, sobretudo, epistolar. Correspondia-se com meio mundo, não só com os velhos amigos íntimos e espíritos dos mais esclarecidos do seu tempo, mas até com pessoas sem nome notório que lhe escreviam de todas as partes do Mundo. Entre estas, uma russa, filha de mãe francesa, começou a escrever-lhe em 1923. O diálogo epistolar durou seis anos. Em 1929, essa mulher corajosa deixou a Rússia, não sem dificuldades, e foi viver, com seu filho, para junto de Romain Rolland, na Suíça. Tornou-se, como ele próprio disse, «uma amiga e uma auxiliar devotada» dos seus trabalhos. Romain Rolland tinha então 63 anos. Três anos depois casaram e o escritor adoptou-lhe o filho, Sergio Kudachev.

Nada é conhecido desse idílio. Só poderá saber-se alguma coisa se vier a ser publicada a correspondência entre os dois ou se a viúva

do escritor, Maria Romain Rolland, der à estampa as suas memórias. A diferença de idade entre os dois era, aproximadamente, a de pai e filha. A sua união foi sobremaneira fecunda. Já veremos como. Poderia, porém, ser-lhe em todos os aspectos, pois o génio concentra energias que não são comuns. Não é menor a diferença de idades entre Charles Chaplin, Pablo Casals ou Picasso e as suas últimas esposas.

Uma prova da fecundidade da união do escritor com Maria Romain Rolland está na obra assombrosa realizada por esta, após a morte do marido, para manter a sua vivência. Criou a Fundação que tem o seu nome, centro de estudos e investigações rollandianas, coligiu e editou-lhe os inéditos e realiza frequentes conferências em diversos países, para manter vivo e operante o pensamento do escritor e criar núcleos de amigos que assegurem essa tarefa no futuro. Não é, contudo, a essa actividade que nos queremos referir; mas ao papel que a presença dessa mulher extraordinária teria desempenhado no renovo do labor do ficcionista, em especial no seguimento de «A Alma Encantada».

A obra é, sem dúvida, uma. Anita Rivière é sempre a mesma; mas, a partir de «Mãe e Filho», isto é: depois da presença espiritual de Maria, o romance desdobra-se e amplia-se. Deixa de ser a crónica de uma geração, um romance de costumes ao gosto do começo do século, para ser o vasto panorama duma época, a análise profunda das forças que dominam o mundo contemporâneo, a crítica acerba dos malefícios do capitalismo, o libelo implacável do totalitarismo.

Quem só tiver lido os dois primeiros volumes de «A Alma Encantada» não pode fazer ideia da grandeza da soma. São romances, sem dúvida bem construídos, tocados de originalidade; mas não passam de ficção. Daí por diante, a obra sem deixar de ser apaixonante como estudo de caracteres e de conflitos passionais, entra no domínio da história e tem acentos de epopeia. A sua evocação da actividade assassina do fascismo demonstra o que foi esse regime odioso. O calvário do povo italiano, sobretudo o do desolado «Mezzogiorno», assolado pelos cataclismos e pelas febres mortíferas, é dum dramatismo inolvidável. O romance de ideias é também um romance da realidade. Nele a crítica dos problemas sociais é paralela à análise dos mais subtils fenómenos psicológicos.

A seiva juvenil que perpassa nessas páginas apaixonadas ultrapassa quanto poderíamos esperar da idade do autor. Sem dúvida, a presença a seu lado de seres jovens, como Maria e o filho, vivificou-o, incutiu-lhe novas energias numa osmose espiritual. Anita Rivière, a mulher de inteligência lucida e animo varonil, era já uma prefiguração de Maria. Esta, porém, foi o modelo vivo de «A Anunciadora». «Mãe e Filho» surgiram corporizados ante os olhos do seu criador. Pode observar-lhes as reacções ante os fenómenos sociais e políticos do período de gestação de «A Anunciadora» e dar-lhes vivência imperceptível.

No acervo de estudos, publicados nos últimos anos, a respeito dos diversos aspectos da obra de Romain Rolland, não há nenhum a analisar a génese e evolução de «A Alma Encantada» e o que essa obra representa no conjunto da literatura contemporânea. Maria Romain Rolland, que tem posto à disposição dos estudiosos, nos diversos centros de investigação que fundou, os inéditos, a correspondência e os livros da biblioteca do escritor, revelará, um dia, o papel que desempenhou na última fase da vida deste? Não o sabemos. Além das nossas ilações, o único indicio da extensão dessa influência benéfica está na dedicatória em verso, inserta após a derradeira página de «A Alma Encantada»:

A MARIA

Dez anos de combate contra si próprio.
E preciso combater-se, para se ultrapassar.
Dez anos duma paz, filha da guerra, mãe da guerra.
Não te lamentes jamais! A paz está ao cabo.

Caminhemos ao seu encontro!
Minha amiga, minha mulher, ofereço-te as minhas feridas.
São o melhor que a vida me deu.
Pois cada uma é a marca dum passo em frente.

Setembro de 1933.

R. R.

PROVÍNCIA DE ANGOLA

SERVIÇO DA AERONÁUTICA CIVIL DIVISÃO DE SEGURANÇA AÉREA

CONCURSO PÚBLICO N.º 5/SA/63, PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DO FORNECIMENTO DOS MATERIAIS E A RESPECTIVA MONTAGEM PARA A REALIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE SINALIZAÇÃO LUMINOSA, ILUMINAÇÃO DA PLATAFORMA, REDE DE ALTA E BAIXA TENSÃO E REDE DE CABOS TELEFÓNICOS DO AEROPORTO DE LUANDA

ANÚNCIO

1. Faz-se público que, pelas 15,30 horas do dia 10 de Dezembro de 1963, no edifício onde funciona o Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, na Rua Pereira Forjaz, n.º 110, 3.º andar, e, pelas 14,30 horas do dia 10 de Dezembro de 1963, no edifício onde funciona a Direcção do Serviço de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, na Avenida Sidónio Pais, n.º 8-5.º andar, perante as comissões para esse fim nomeadas, nos termos das instruções para adjudicação de obras públicas e de fornecimento de materiais nas províncias ultramarinas, de 20 de Outubro de 1960, se procede ao concurso público n.º 5/SA/63, para adjudicação da empreitada do FORNECIMENTO DOS MATERIAIS E A RESPECTIVA MONTAGEM PARA A REALIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE SINALIZAÇÃO LUMINOSA, ILUMINAÇÃO DA PLATAFORMA, REDE DE ALTA E BAIXA TENSÃO E REDE DE CABOS TELEFÓNICOS DO AEROPORTO DE LUANDA.

2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de 400.000\$00 (quatrocentos mil escudos) no Banco de Angola ou suas filiais, à ordem do Governo Geral de Angola, mediante guia passada pelos Serviços Administrativos do Serviço da Aeronáutica Civil em Luanda, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, e, para os concorrentes do continente, a referida guia será passada pelos próprios.

3. O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor do Governo Geral de Angola e aprovada pelo Ministro do Ultramar ou Governo Geral de Angola nos termos do Art.º 36.º do Decreto n.º 38.963, de 26 de Outubro de 1952, e do Decreto n.º 40.027, de 10 de Janeiro de 1955.

Para efeitos da sua aprovação deve o documento comprovativo ser apresentado nos Serviços Administrativos do Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, ou na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 193, até oito dias antes da abertura do concurso.

O prazo mínimo de validade da garantia bancária é de 90 dias.

4. Nos termos do Diploma Legislativo n.º 3217, de 7 de Fevereiro de 1962, publicado na I Série do Boletim Oficial de Angola n.º 6, e de acordo com o Programa do presente concurso, os concorrentes à empreitada deverão possuir o alvará a que se refere o referido diploma para a VI categoria e 3.ª classe.

5. O programa do Concurso, Caderno de Encargos e demais peças do projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas do expediente, na Divisão de Segurança Aérea do Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, e na Direcção do Serviço de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, onde podem ser examinados.

Lisboa, 5 de Novembro de 1963.

O DIRECTOR-GERAL
Eng.º Victor Veres

PROVÍNCIA DE ANGOLA

SERVIÇO DA AERONÁUTICA CIVIL DIVISÃO DE SEGURANÇA AÉREA

CONCURSO PÚBLICO N.º 4/SA/63, PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DE GRUPOS ELECTROGÊNEOS DE EMERGÊNCIA DO AEROPORTO DE LUANDA

ANÚNCIO

1. Faz-se público que, pelas 11 horas do dia 10 de Dezembro de 1963, no edifício onde funciona o Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, na Rua Pereira Forjaz, n.º 110, 3.º andar, e, pelas 10 horas do dia 10 de Dezembro de 1963, no edifício onde funciona a Direcção do Serviço de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, na Avenida Sidónio Pais, n.º 8-5.º andar, perante as comissões para esse fim nomeadas, nos termos das instruções para adjudicação da empreitada do FORNECIMENTO E MONTAGEM DE GRUPOS ELECTROGÊNEOS DE EMERGÊNCIA DO AEROPORTO DE LUANDA.

2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de 125.000\$00 (cento e vinte e cinco mil escudos) no Banco de Angola ou suas filiais, à ordem do Governo Geral de Angola, mediante guia passada pelos Serviços Administrativos do Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, e, para os concorrentes do continente a referida guia será passada pelos próprios.

3. O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor do Governo Geral de Angola e aprovada pelo Ministro do Ultramar ou Governo Geral de Angola nos termos do Art.º 36.º do Decreto n.º 38.963, de 24 de Outubro de 1952, e do Decreto n.º 40.027, de 10 de Janeiro de 1955.

Para efeitos da sua aprovação deve o documento comprovativo ser apresentado nos Serviços Administrativos do Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, ou na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 193, até oito dias antes da abertura do concurso.

O prazo mínimo de validade da garantia bancária é de 90 dias.

4. Nos termos do Diploma Legislativo n.º 3217, de 7 de Fevereiro de 1963, publicado na I Série do Boletim Oficial de Angola n.º 6, e de acordo com o Programa do presente concurso, os concorrentes à empreitada deverão possuir o alvará a que se refere o referido diploma para 8.ª subcategoria da VI categoria e subclasse A da 2.ª classe.

5. O programa do Concurso, Caderno de Encargos e demais peças do projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas do expediente, na Divisão de Segurança Aérea do Serviço da Aeronáutica Civil, em Luanda, e na Direcção do Serviço de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa, onde podem ser examinados.

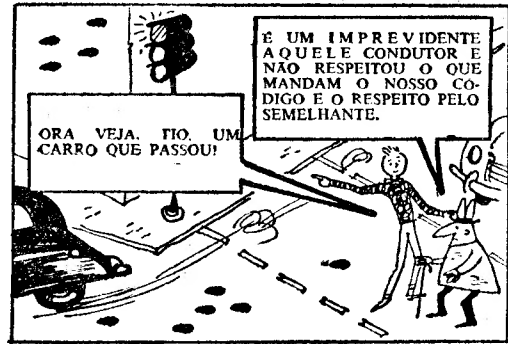
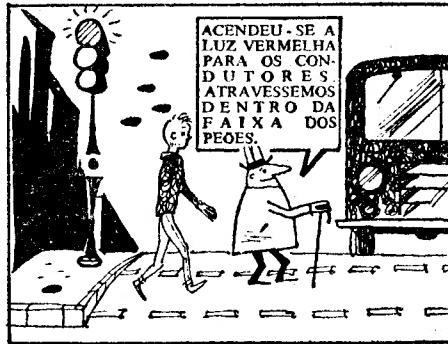
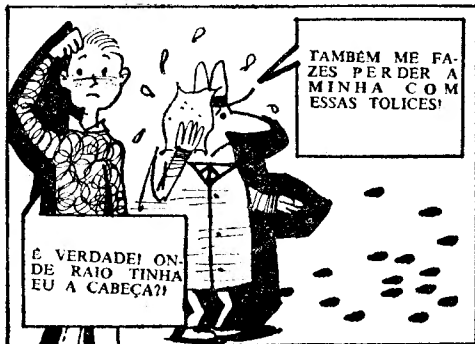
Lisboa, 5 de Novembro de 1963.

O DIRECTOR-GERAL
Eng.º Victor Veres

UM PASSEIO ATRAVÉS DO CÓDIGO - 28

LUZES VERMELHAS
E VERDES

A obediência às luzes indicadoras de passagem ou paragem, nos cruzamentos, e que substituem os agentes do trânsito, impõe-se tanto aos condutores como aos peões. Não respeitá-las, é dar origem a acidentes e demonstrar falta de respeito pelos outros.



UM CADÁVER NO MAUSOLÉU DE GRANT

por CORNELL WOOLRICH



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — A tia Agata Appleby suspeita de crime, não obstante uma nota de suicídio, quando descobre o cadáver de uma bonita rapariga no mais histórico mausoléu de Nova York, que ela visita na companhia de um sobrinho Howie Griffith. A velhota discorda abertamente das opiniões do detective Rafferty e, casualmente, leva consigo a bolsa da vítima deixando ficar a sua. Resolve ir então à morada da rapariga morta, Lana Wright, e uma vez no apartamento desta, abre um misterioso sobrescrito contendo pedacinhos de papel, três dos quais, quando reunidos, dizem: «O silêncio é de ouro». Juntando os outros pedaços de papel, verifica que eles fazem metade de uma nota de mil dólares, guarda-os na sua carteira, e torna a colocar o sobrescrito junto à porta, onde o tinha encontrado. Pelo espelho, vê então que lenta e silenciosamente, o sobrescrito desaparece por baixo da porta, e fica gelada ao adquirir a certeza de que alguém a espreita pelo buraco da fechadura.

CAPÍTULO IV

Tinha apenas um ou dois minutos entre o momento em que o sobrescrito desaparecera por baixo da porta e a descoberta da sua inutilidade. Tinha que agir depressa. Enquanto o sobrescrito não desapareceu completamente, não tirei os olhos dele. Não seria de esperar que, uma vez reavido, o olho que me espreitava pelo buraco da fechadura desaparecesse também? Tinha que correr o risco de ser assim. Portanto, sem me voltar, puxei pelo cordão do interruptor, mergulhando o quarto às escuras. Um momento mais tarde, com a orelha colada à almofada da porta, ouvi o pisar de passos cautelosos que se afastavam.

Contei até seis, dando-lhe o tempo de pôr um laço de escadas entre nós, e depois, abri a porta de mansinho e saí. Ele já ia nos últimos degraus e não tardaria a encontrar-se na rua.

O meu plano era atingir o rés-do-chão, esconder-me nos fundos do vestibulo, esperar que eles passassem, no caminho para cima, e esgueirar-me então para a rua.

Mas os malfeteiros deviam ter olhado para o sobrescrito mais depressa do que eu supunha que o fizessem. Quando eu já descia as escadas, ouvi-os novamente a subir. Eram dois, desta vez. Um deles rosnou:

— Estava lá uma velhota, quando eu espreitei pelo buraco da fechadura. Deve ter sido ela...

— Se foi ela — disse o outro — já sabe demais, e o melhor será arrumá-la agora, de uma vez para sempre.

Já não havia tempo a perder! Só havia um caminho possível de salvação: para cima. Virei-me e comeci a subir rapidamente as escadas.

Não caí na asneira: de me encafiar novamente no quarto, sabendo que eles não deixariam de ir aí imediatamente. Passei pois o segundo andar, subi mais dois laços e depois, acorei-me contra a parede, de ouvido à escuta.

Os dois homens chegaram ao segundo andar, e dirigiram-se directamente ao quarto. Seguiu-se um intervalo de segundos, e ouvi-lhes os passos, enquanto passavam uma rápida busca. Voltaram então a sair ao patamar.

— Fomos levados! — rosnou um deles.

— Temos que a calar, antes que ela passe a informação. A velha deve ter subido.

Entretanto, eu fizera uma horrível descoberta, ao tentar subir mais. As escadas terminavam ali mesmo. A casa não, mas as escadas, sim. Os três andares superiores já não estavam em uso. Havia uma vedação atravessada nas escadas, um pouco abaixo do terceiro andar, para impedir alguém de passar mais para cima.

Virei a cabeça para olhar para baixo.

No painel de luz que subia um pouco pela parede, uma silhueta ameaçadora começava a subir, em direcção ao sitio onde eu me encontrava acorçada, de costas apoiadas à vedação que não me

No mundo do supranatural

(Continuação da página central)

paço, como se cavalgasse sobre qualquer coisa...

O caso de Vila Franca do Lima

Outro dos casos anotados, cujos participantes estão também vivos, passou-se em Vila Franca do Lima, com um rapaz de 25 anos, Manuel Pereira Ribeiro, trabalhador rural. Durante cerca de um mês a sua roupa apareceu com os tais golpes muito característicos e com embranquecimento ou criação de uma espécie de flocos de neve sobre os tecidos. Uma das vezes toda a sua roupa apareceu inutilizada com golpes e o povo da localidade quotizou-se para lhe comprar novos haveres. Os quinhentos escudos recolhidos, e encerrados numa caixa de plástico, foram também inutilizados, sem que aquela tivesse sido aberta... Todos estes fenómenos são característicos da parergia.

Mas este rapaz foi também protagonista de fenómenos de levitação. Vivia com um tio. Certa vez, quando jantavam, sentados frente a frente, o rapaz subiu no espaço até ao tecto. Como o tio lhe gritasse que descesse, ele desceu. A característica especial deste caso é a do rapaz poder dominar o fenómeno.

Outra vez, estava deitado e sobre a sua cabeça, vogando no espaço com movimentos circulares, estavam vários objectos, entre os quais uma pá e gamelas que se encon-

travam no compartimento. Nestes momentos, o rapaz ficava possuído de uma força extraordinariamente poderosa, a sua temperatura baixava e cobria-se de suores.

Após os ataques ficava prostrado e de uma das vezes esteve dois dias sem poder ingerir alimentos. O padre António Quezado obteve licença para os «exorcismos», que praticou com outro sacerdote. Lemos a descrição desse acto, que nos absteve de transcrever neste momento.

O caso de Braga

O caso de parergia verificado em Braga e do qual houve conhecimento por indicação do sr. dr. Molho de Faria, secretário do arcebispo de Braga, deu-se com uma rapariga de 17 anos, criada da sr. D. Maria Elvira da Silva Gonçalves, moradora na Avenida Marechal Gomes da Costa, em Braga, e foi verificado duas vezes, a ultima das quais no dia 8 do passado mês de Fevereiro. Essas duas vezes coincidiram com fases de Lua cheia. Em ambos os casos a rapariga quebrou a distancia objectos que olhou fixamente, inclusive pratos pendurados nas paredes por ganchos de arame. Outros objectos eram trazidos de cima dos móveis, acompanhando a trajectória do olhar da rapariga, até caírem, mas nunca na vertical.

O dr. Van Ginhowen ainda não conseguiu localizar a rapariga, pois esta, após tais casos, teve dificuldade em encontrar casas para trabalhar.

O ultimo dos casos até agora referenciados por aquele investigador, mas do qual ainda não possui elementos seguros, embora existam e os vá obter em breve, é um episódio de levitação, que se dá com uma rapariga, filha de um caseiro de uma quinta em Amares, Soutelo, pertencente ao sr. D. Nuno de Pombal.

Um sacerdote holandês, padre Gregório Verdonk, tem seguido o caso e o dr. Van Ginhowen tem já marcada uma entrevista com ele.

Os objectivos do dr. Van Ginhowen

Perguntámos ao nosso interlocutor qual o destino que daria aos elementos recolhidos e a recolher.

— Todos estes elementos de estudo já recolhidos e os que obtiver ainda, serão publicados no «Zeitschrift für Parapsychologie», dirigido pelo prof. Bender, na Universidade de Friburgo, na Alemanha.

— Quanto aos seus projectos futuros?

— Estou a tentar obter licença da minha rainha para cumprir em Portugal o meu serviço militar, no ambito dos acordos da N. A. T. O. Se essa licença me for concedida ficarei mais algum tempo aqui, a fim de completar as minhas investigações.

E, rematou:

— Gosto muito do País e talvez depois me instale por aqui abrindo um consultório da minha especialidade.

deixava passar. Primeiro, avistei a copa de um chapéu. Depois, a aba. A seguir, um perfil. Mais dois degraus, e vi a sombra de um braço, de mão soerguida, empunhando uma automática de cano curto. A silhueta vinha cada vez mais perto. O homem ia justamente dar a volta, quando, de súbito, uma sereia uivou na rua. A silhueta parou de subir, e uma segunda silhueta que subia um pouco mais atrás, parou também. A sereia tornou-se mais forte. Logo as duas silhuetas viraram costas e largaram pelas escadas abaixo, a toda a velocidade que as pernas lhes permitiam.

— Chuis! — exclamou um deles. — Toca a pirar!

Em poucos segundos, as escadas ficavam vazias. Os dois tinham desaparecido. Sentia-me demasiado prostrada por aquele salvamento no ultimo minuto, e, sem forças, continuei sentada, incapaz de me mexer dali. Quando, por fim, me senti melhor, levantei-me, pronta a descer. Já, entretanto, outros passos, subiam ruidosamente os degraus. Polícias, desta vez.

Não me movi durante coisa de dois minutos, até me convencer que os detectives já tinham penetrado no quarto n.º 5. Desci então em bicos dos pés até ao patamar, passei sem ser vista e, continuei a descer, sempre em bicos de pés. Mas enganara-me nos cálculos! Um homem corpulento subia as escadas, na cauda dos outros, e desta vez fui apanhada em flagrante. E para cumulo do meu azar, reconheci no tardio recém-chegado, a pessoa inconfundível do detective Rafferty.

Puxei uma madeixa de cabelos para cima da cara, entorrei as feições de forma a parecer uma velha bruxa, e procurei passar adiante, sem me dar por achada. Rafferty parou e um tanto ou quanto hesitante, perguntou-me:

— Eh! Eu não vi já a senhora em qualquer sitio?

— Não, porque eu não vou aos sitios que o senhor frequenta! — ripostei, sem me deter no caminho.

(Continua)

LIVROS E AUTORES

COMENTARIOS DE ALVARO SALEMA

«Todos os anos, pela Primavera»

por Luis de Sittau Monteiro

A estreia de Sittau Monteiro como dramaturgo foi um dos mais extraordinários êxitos de toda a história escassa do nosso teatro e também — o que é muito mais significativo — de toda a nossa literatura. Apreciação como novelista, desde que publicou «Um Homem não chora», em 1960, e «Angústia para o jantar», em 1961, pela originalidade inesperada da composição e pelo humor acidulado da sua visão do quotidiano, não podia prever-se tão rápida e pronta a sua revelação de grande escritor teatral, conseguida pouco depois com «Felizmente há Luar!». Mais do que uma afirmação de esperança em criações futuras, a peça foi imediatamente uma certeza de definitiva criação. A riqueza simbólica, o delineamento forte das figuras, o intenso lirismo psicológico e a energia das alusões, situaram a obra dramática de estreia de Luís de Sittau Monteiro no primeiro plano do nosso teatro de sempre.

O Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores, pouco depois, foi uma consagração plenamente merecida. Não havia prudência possível de julgamento que resistisse à força imediatamente dominadora da peça excepcional.

Ficou apenas a interrogação: seria capaz o jovem autor de continuar nesse rumo para obras ainda mais densas e humanamente mais ricas? É agora o momento de a recordar, ante a segunda criação dramática de Sittau Monteiro — mas de a re-



Luís Sittau Monteiro

cordar, afinal, para a manter na sua expectante significação. «Todos os anos, pela Primavera» apesar da sua intensidade expressiva e da condensação vigorosa do seu estilo dramático, não tem o poder empolgante e a largueza de representação humana de «Felizmente há Luar!». É uma alegoria penetrante e agressiva, um erguer de véus sobre os abismos do mundo concentratório em que há o desejo cruel, quase desesperado, de um Talitzki, uma visão de realidades candentes em que só desponta, para os que nunca chegam a ver a Primavera, uma remota esperança. Os caracteres são «poussés» com verdadeiro talento dramático — o do prisioneiro que não pode deixar de o ser em todos os começos de todas as primaveras, o do sádico carcereiro, o dos que vão na vaga de carcereiros ou presos porque a sua condição humana não dá para outra coisa. E as situações, embora muito lineares, têm a cadência brusca e firmes de mutações em que um Ionesco dá a sua medida dramatizante. Mas faltam a peça a larga composição, a riqueza do estilo perfeitamente moldado ao lírico e ao trágico, a diversidade e a justeza psicológicas que imprimiram a «Felizmente há luar!» a sua irresistível força sugestional. O que prevalece na nova peça de Sittau Monteiro é o seu valor

de testemunho e não a intrínseca grandeza de criação literária.

As qualidades especificamente teatrais, no entanto, subsistem em «Todos os anos pela Primavera» com a evidência que nem precisa da prova do palco para ficar demonstrada. Pode Sittau Monteiro prosseguir com excelentes páginas a sua inicial trajetória de novelista. É provável que venha a seduzi-lo o romance, com o seu largo âmbito de possibilidades expressivas do real observado e de interpretação social. Mas o sinal decisivo da personalidade criadora do autor, será, doravante, o de dramaturgo — apto a representar na nossa actualidade literária tudo o que há de vivo, inovador e humanamente militante no teatro de hoje, em escala que poderá desdobrar-se de Anouilh e Beckett a Bertolt Brecht. O teatro escrito e dirigido a um público de leitores tende, assim, a cumprir entre nós a missão que o teatro levado à cena não pode ou, em alguns casos, não quer e não sabe desempenhar. — (Collecção de Teatro, Guimarães Editores, Lisboa).

«O Teatro e a sua Estética»

Seleção e Introdução de Redondo Júnior

Na mesma estirpe de missão cultural, plenamente consciente do papel que ao teatro compete na vida contemporânea, tem vindo a integrar-se a acção esclarecedora e divulgadora de Redondo Júnior. A dignidade e a independência do seu esforço perseverante neste domínio têm merecido o apreço dos mais largos sectores. E se da sua larga sementeira de critérios, de noções pragmáticas, de soluções originais ou experimentadas, não parece resultar efeito algum no imediato, permanece a certeza de que o caminho foi corajosamente aberto e a esperança de que o futuro permita utilizá-lo fecundamente. Com «Panorama do Teatro Moderno» iniciou Redondo Júnior uma campanha de actualização da cultura teatral a que não têm faltado o método e o sentido de continuidade, agora testemunhados mais uma vez na antologia «O Teatro e a sua Estética». O primeiro volume, a que outro se seguirá em breve, abre um largo leque de obser-

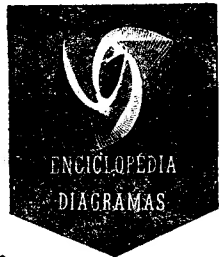
vações e sugestões sobre a vocação e a formação do actor, a criação viva dos personagens, a lição dos grandes mestres na arte de representar, como Artaud, Stanislavski e Brecht, a encenação e as suas técnicas, a cenografia expressionista, a adaptação de romances à cena, etc. Foi intenção expressa do seleccionador e tradutor documentar estimulante uma trajetória que, partindo de Antoine, isto é, do naturalismo ainda embebido do clima teatral da segunda metade do século XIX, viesse até Brecht e às formas sublimadas do expressionismo. E nesse longo percurso, marcado por tantas experiências e intenções, expresso por tão diversas personalidades, conseguir o mais difícil em trabalhos de tal índole: a unidade no corpo formal e nas finalidades.

O intuito foi realizado quase im-



Redondo Júnior

pecavelmente por Redondo Júnior graças à presença constante da sua própria personalidade no heterogêneo contexto da obra. As diferenciações profundas nos textos de um Copeau ou de um Sudakov, de um Meyerhold ou de uma Nina Gouffinkel, vêm a inserir-se, afinal, no corpo dos propósitos essenciais que inspiraram a sua selecção. Ora o que mais importa, no movimento de desmistificação necessário para salvar o que ainda pode salvar-se do Teatro em Portugal, não é tornar acessíveis a dispersivas imitações mas impulsionar um senso criador pelas vias em que outros puderam também alimentar a sua criação. E da antologia exemplarmente organizada por Redondo Júnior é essa a sugestão que perdura em quem souber lê-la com olhos isentos: não o desejo de «arremediar» marcações, copiar cenários, adaptar tipos e composições de personagens, que é o que se pas-



Acaba de sair

O N.º 18

A SEXUALIDADE

por

Michel Rouzé

A sexualidade não é talvez absolutamente inerente à vida, mas as suas raízes mergulham nas próprias raízes da vida.

A VENDA NAS LIVRARIAS

ESTÚDIOS COR

Rua João Pereira da Rosa, 20-A

LISBOA

«BEM-ESTAR PARA TODOS

por Ludwig Ehrard

O estudo da doutrina e métodos de acção do ministro da Economia e actual chanceler do governo da Alemanha Federal, dr. Ludwig Ehrard, constitui elemento primordial da cultura económica no nosso tempo. Publicada pela primeira vez em 1957, esta colectânea de ensaios organizada por Wolfram Langer foi agora traduzida para a nossa língua, com muita oportunidade de divulgação. Nessas páginas de densa mas animada exposição de ideias e de factos debate o chanceler Ehrard os problemas fundamentais da economia social de mercado, de que tem sido o promotor prestigioso no seu país, exprimindo inequivocamente a sua crença no valor da liberdade e da concorrência. A formação do Mercado Comum e o papel da Alemanha na integração europeia são igualmente analisados neste livro com penetrante clareza. Edição da Livraria Bertrand.

sa geralmente entre nós e, como escreve o autor, «especialmente naqueles palcos que reivindicam o prestígio de um passado e de uma tradição», mas o de construir originalmente sobre o vasto complexo das lições dos melhores.

Numa época em que o teatro para leitores conquista no público português o que o palco lhe recusa — e assim vai estruturando a sua experiência imperfeita mas única possível — o volume agora apresentado na série tonificante de Redondo Júnior é a mais oportuna e eficaz das pedagogias teatrais. — (Teatro, Editora Arcádia, Lisboa).

Registo

Foi oportunamente apresentada pela Livraria Sá da Costa Editora, neste início de ano lectivo, a 3.ª edição, revista e modificada, do primeiro volume da «Breve Antologia Filosófica» organizada por Joel Serrão e Jorge de Macedo. Com esta antológica «Introdução à Filosofia e Psicologia» podem os estudiosos e estudantes que se iniciam nesses ramos da cultura tomar directo contacto mais elucidativo com os textos dos grandes autores em que se representam e debatem os grandes problemas filosóficos e psicológicos. Instrumento da melhor pedagogia possível em tais matérias, o trabalho de Joel Serrão e Jorge de Macedo constitui meritório serviço educativo e intelectual.

Representada pela primeira vez em 1945, no Teatro Nacional, a peça de Francisco Ventura «Casa de Pais» também agora ressurge para o público leitor em 2.ª edição, de que é distribuída a Editorial Organizações. O anacronismo de composição e de estilo, impregnado ainda de um fictício realismo rural que teve entre nós a sua breve aura na transição do século, foi na época da representação um testemunho do atraso em que vegetava a nossa literatura de teatro. Está essa literatura a renovar-se agora, esperançosamente, com as novas gerações de dramaturgos — e nada pode trazer-lhes a peça, apesar de tudo simpática de Francisco Ventura. O seu simplismo e as suas ingenuidades não invalidam, no entanto, o sentido de construção e de encadeamento cénicos que constituem os melhores méritos desta obra retardada.

Alice de Azevedo, poetisa de inspiração sempre emocionada, publicou em plaquette elegante e vistosamente ilustrada um soneto intitulado «Meu Portugal». A sugestão veemente do amor patriótico enquadra-se e amolda-se no estilo poético da autora, caloroso na expressão dos sentimentos, e sonoro no ímpeto que o anima. A pureza clássica da forma no soneto é conseguida por Alice de Azevedo com a espontaneidade de uma experiência literária que domina com segurança os seus meios.

Na colecção já extensa da Panorâmica Poética Luso-Hispânica, organizada e editada por José dos Santos Marques, foi publicada recentemente mais uma série de cadernos com produções líricas de vários autores: Juan Martín Echevarría, Marcel Carrière, Alfonso Manuel Padilla, Vitor Santos, Alfredo Reguengo e Fausto Gonzalez Ilmosa. A diversidade de tendências e estilos dos autores divulgados não exclui como mais curiosa expressão do conjunto, as afinidades peninsulares da inspiração poética. É de salientar, ainda na mesma série, a sugestiva poesia da autora brasileira Eunice Arruda, que consegue emocionantes efeitos significativos numa forma de extrema e quase surpreendente simplicidade.

Numa tentativa de romancista que não se afigura concludente publicou Sequeira Pinto «A Farsante», narrativa de costumes com lances romanescos que o autor apresenta como evocação de um caso sentimental e dramático ocorrido no mundo real. Bem construído e de forma clara, mas simples em demasia por carência de definido estilo, o romance não revela a aptidão do ficcionista nem de prosador.

A editora Livros do Brasil trouxe a público, em cuidada tradução e com anotações explicativas de Augusto da Costa Dias, a evocação histórica «A Vida Quotidiana no tempo de Luís XIV», de Georges Mongrédien. Obra de historiador que se especializou na época descrita e, ao mesmo tempo, de escritor com segura arte da divulgação, este novo volume da série «A Vida Quotidiana» faz ressurgir em todas as suas diversidades e contrastes a sociedade do grande século francês. A vida cortesã e a das classes populares, os escritores e artistas e os aventureiros, as ilusões e os vícios, as grandezas e as misérias dessa sociedade, são narradas por Georges Mongrédien com a largueza de um poderoso quadro histórico. A mesma editora apresentou na série das novelas de ficção científica (Colecção Argonauta) a curiosa narrativa «Degelo em 2157», de Stefan Wul.

A colecção Os Romances Universais, publicada pela Portugália Editora, foi há pouco valorizada com a grande criação de Henry James «Retrato de uma senhora». Nascido nos Estados Unidos mas com a maior amplitude da sua vida literária fixada na Inglaterra o autor ficou consagrado como figura relevante da época vitoriana, conjugando a penetrante visão social com uma análise psicológica que antecipa a obra de Proust. «Retrato de uma senhora» é um dos romances mais representativos do século XIX.

Do livro fundamental de John dos Passos «Paralelo 42», que ficou a assinalar um dos mais altos momentos da literatura moderna norte-americana, já se deu notícia mais extensa em edição anterior deste Suplemento. Mas cumpre assinalar o sentido de selecção que levou a Portugália Editora a apresentar na nossa língua este romance — imagem social e humana que revela a profunda garra descritiva de um dos maiores escritores deste século.

Em separata do boletim «Cabo Verde», foi publicado o estudo literário «Notas sobre Poesia e Ficção Cabo-verdianas», de Arnaldo França. Em relances breves, mas de notável justeza, o autor aponta alguns dos condicionamentos fundamentais da actividade literária no arquipélago, as obras que mais expressivamente os representam e as tendências que se revelam nas gerações novas de escritores. No seu alto nível de reflexão e de observação, este trabalho é um expoente da tão distanciada literatura cabo-verdiana, que não dispõe sequer de uma publicação satisfatória para se fazer ouvir no mundo de língua portuguesa.

Os cinco sentidos...

(Continuação da página central)

Em Cleveland e Buffalo — adultos se me queixaram de que com muita pena já não podem fazer uso das águas do lago Erie para se banharem como o faziam na sua infância — porque as grandes indústrias que se estabeleceram, nestes últimos anos, poluíram as águas. É uma contradição do progresso — que, afinal, também nos traz venenos.

Lembro-me muito das minhas abelhas do Buzano, que depois que usei desinfetantes nas macieiras, um certo ano, me começaram a cair para o lado como tordos.

Ao domingo, também, de manhã, pelas 11 horas, abrem os vários cultos — o católico, o «Christian Science», o episcopal, o metodista, o presbiteriano e também o judaico e o grego ortodoxo — entre tantos outros aqui em actividade.

Em todos os templos respectivos é um prazer ouvir os seus grupos corais, que se esmeram, à porfia, em cantar os mais lindos salmos.

Esta América é um grande país de fraternidade entre os homens, o que, para mim, me cala profundamente no coração. — C. B.